FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA

LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Habitar o Vale de Santo António

Uma proposta de habitação colaborativa

Pedro Miguel Gomes Baptista

Projeto Final de Mestrado elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, na Área de Especialização em Arquitetura Integrada

Orientação Científica

Professor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Professora Ljiljana Čavić

Júri

Presidente
Professor Miguel Calado Baptista Bastos

Vogais
Professor José Nuno Dinis Cabral Beirão
Professor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Documento Definitivo

Lisboa, FA Ulisboa, Dezembro, 2024

Título
Habitar o Vale de Santo António

Subtítulo
Uma proposta de habitação colaborativa

Nome
Pedro Miguel Gomes Baptista

Orientação
Professor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Professora Ljiljana Čavić

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dezembro, 2024

Resumo

Este estudo explora o conceito de habitação colaborativa como uma estratégia para renovar e regenerar um vazio urbano em Lisboa, resultante de várias décadas de planos urbanísticos, uns parcialmente executados, outros executados na totalidade, que levaram à fragmentação do Vale de Santo António.

Focada no Vale, a proposta é suportada por análises históricas, urbanísticas e ambientais, tendo como base a alteração do Plano de Urbanização do Vale de Santo António de 2020, realizado pela Câmara Municipal de Lisboa.

A proposta urbana apresentada é feita em seguimento do pelo estudo e análise da alteração do PUVSA, numa proposta formulada em grupo, desenvolvida no semestre anterior à realização deste trabalho, na unidade curricular de Projeto Integrado III (ARQ) e pelo conceito do *Five Finger Plan*.

A partir destas bases, procurou-se desenvolver uma proposta de plano urbano que respeite as características geográficas e históricas do vale, abordando questões como a topografia, a gestão hídrica e a integração dos espaços verdes, como "bosques", pomares e hortas comunitárias.

A proposta visa requalificar a zona através de um parque urbano, que conecta a parte inferior do vale, próxima da Avenida Mouzinho de Albuquerque, à parte superior do Alto da Eira, onde se localiza a proposta de habitação colaborativa. Oferece-se então uma possibilidade alternativa de combater a fragmentação do Vale de Santo António, enquanto se enfrentam os desafios impostos pela escassez de habitação acessível ao mesmo tempo que se promove a integração deste território no tecido urbano existente.

No âmbito da habitação colaborativa, a proposta procura desenvolver uma abordagem comunitária e inclusiva, promotora da cooperação e participação dos moradores. Este modelo de habitar, destaca-se pela acessibilidade e sustentabilidade, que complementa as ofertas convencionais do mercado habitacional.

Palavras-Chave

Habitação Colaborativa, Vale de Santo António, Convivência, Interação Social, Aging in Place

Abstract

This study explores the concept of collaborative housing as a strategy to renew and regenerate an urban void in Lisbon, resulting from several decades of urban planning, some partially implemented, others fully executed, which led to the fragmentation of the Vale de Santo António.

Focused on the Vale, the proposal is supported by historical, urban, and environmental analyses, based on the alteration of the Vale de Santo António Urban Plan (PUVSA) in 2020, carried out by the Municipality of Lisbon.

The urban proposal presented follows the study and analysis of the PUVSA alteration, the proposal formulated in a group, developed in the semester prior to this work in the Integrated Project III (ARQ) course, and the concept of the Five Finger Plan.

Building on these foundations, the aim was to develop an urban plan proposal that respects the geographical and historical characteristics of the valley, addressing issues such as topography, water management, and the integration of green spaces, such as "forests," orchards, and community gardens.

The proposal seeks to redevelop the area through an urban park that connects the lower part of the valley, near Avenida Mouzinho de Albuquerque, to the upper part of Alto da Eira, where the collaborative housing proposal is located. Thus, an alternative possibility is offered to combat the fragmentation of Vale de Santo António, while addressing the challenges posed by the scarcity of affordable housing and promoting the integration of this territory into the existing urban fabric.

Within the scope of collaborative housing, the proposal intends to present a community-based and inclusive approach, promoting cooperation and participation from the residents. This housing model stands out for its accessibility and sustainability, complementing the conventional offerings of the housing market.

Key-Words

Collaborative Housing, Vale de Santo António, Coexistence, Social Interaction, Aging in Place

Agradecimentos

Aos professores,

Agradeço àqueles que fizeram deste percurso possível, especialmente aos meus orientadores, professora Ljiljana Čavić e professor Nuno Mateus, por todo o conhecimento e experiências transmitidas e por todo o auxílio prestado ao longo do desenvolvimento desta tese.

Aos Colegas,

Agradeço profundamente a todos os que me acompanharam ao longo deste percurso. Um agradecimento especial à Karina e ao Daniel, por todos os momentos de trabalho partilhados e pela constante entreajuda. À Analin pela constante companhia e amizade, e à Mila pela paciência e apoio incondicionais.

À Carolina,

Um agradecimento especial, por teres sido um verdadeiro pilar nesta jornada, a tua presença e apoio constantes fizeram toda a diferença. Mais do que uma amiga, foste uma cúmplice que tornou todos os desafios dos últimos 5 anos mais fáceis de ultrapassar.

Ao Miguel, ao Carlos, à Claúdia e à Gabi,

Um obrigado especial por meterem aturado este anos, por facilitarem a minha jornada como trabalhor-estudante, pela vossa parceria e apoio. Foi graças a isso que este caminho se tornou mais leve e gratificante.

À família,

Sem o vosso apoio, alcançar este patamar da minha vida seria impossível. Agradeço por terem acreditado e me proporcionarem tudo o que foi necessário para aqui chegar, Em especial a ti, Álvaro, pela tua presença constante e pela persistência na minha educação. Um grande obrigado.

Índice

Resumo/Palavras Chave III
Abstract/Key Words V
Agradecimentos VII
Índice 9
Índice de Figuras 11
Lista de Acrónimos 19
Introdução 21
Vale de Santo António 27
- Contexto Histórico-Espacial 29
- Planos para Lisboa e para o VSA 31
- Configuração Topográfica 33
- Gestão Hídrica 34
- Território Verde e Paisagem 35
- Atualidade em Transformação 36

Proposta Urbana 39
Habitação Colaborativa 45
- Utopia 47
- Antecessores 51
- Diferentes Termos e Definições 55
- Surgimento do Conceito 57
- Em Portugal 59

Proposta Habitacional 63
- Introdução 65
- Edifício 67
- Pormenorização 70

Considerações Finais 75
Bibliografia 79
Anexos 89
- Processo 91
- Maquetes Finais 141
- Casos de Estudo 159

Painéis Finais 183

Índice de Figuras

Pág 26 | F01 Perspetiva Atual do Vale de Santo António
Google Earth

Pág 29 | F02 Quadro de junção de folhas do atlas da carta topográfica de Lisboa levantada nos anos de 1856 a 1858
Arquivo Municipal | https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx-?id=301587&type=PCD

Pág 29 | F03 Representação de Filipe Folque do Vale de Santo António em 1856 - Junção das Cartas Topográficas nº 14, 15, 21, 22, 29 e 30
Arquivo Municipal | https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=25170&-type=PCD

Pág 29 | F04 Construções Informais no Alto da Eira em meados do século XX
Arquivo Municipal | https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Pagina-Documento.aspx?DocumentoID=301180&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1

Pág 30/31 | F05 Linha Temporal dos Planos de Lisboa e do Vale de Santo António
Do Autor

Pág 30 | F05.1 Anteprojeto de Novos Arruamentos do Vale Escuro
Fornecido pelo arquiteto João Veríssimo

Pág 30 | F05.2 Urbanização do Vale Escuro
Fornecido pelo arquiteto João Veríssimo

Pág 31 | F05.3 Plano Diretor de Urbanização de Lisboa
Câmara Municipal de Lisboa | CML - Evolução do planeamento urbano de Lisboa, https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/planeamento-urbano/evolucao

Pág 31 | F05.4 Urbanização do Vale Escuro
Arquivo Municipal | https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/

Pág 30 | F05.5 Plano Geral de Urbanização de Lisboa
Câmara Municipal de Lisboa | CML - Evolução do planeamento urbano de Lisboa, https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/planeamento-urbano/evolucao

Pág 30 | F05.6 Plano Diretor Municipal
Fornecido pelo arquiteto João Veríssimo

Pág 31 | F05.7 Plano de Urbanização do Vale de Santo Antônio
Plano de Urbanização do Vale de Santo António Proposta de plano, 2011, Vol.I - Relatório; https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/planeamento-urbano/planos-de-urbanizacao/detalhe/vale-de-santo-antonio

Índice de Figuras

Pág 32 | F06 Perfis Topográficos Vale de Santo António
Do Autor

Pág 33 | F07 Mapa Topográfico do Vale de Santo António
Topographic Map | https://pt-pt.topographic-map.com/map-1zv3q/Lisboa/?center=38.72381%2C-9.12221&zoom=16&base=5

Pág 33 | F08 Vista Atual do Alto da Eira
Levantamento Fotográfico Visita ao Local, de Carolina Freitas

Pág 34 | F09 Antigo caminho que levava ao Convento de Santos-o-Novo, atual Av. Mouzinho de Albuquerque
Arquivo Municipal | https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx-?id=237394&type=PCD

Pág 34 | F10 Terreno junto ao caminho que dava acesso aos caminhos de ferro
Arquivo Municipal | https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Pagina-Documento.aspx?DocumentoID=286834&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1

Pág. 34 | F11 Linhas de Água atuais do VSA
Câmara Municipal de Lisboa | https://www.lisboa.pt/fileadmin/portal/temas/urbanismo/planos_urbanizacao/vale_sto_antonio/alteracao/pecas_desenhadas/12_pu_vale_santo_antonio_morfologia_hidrico.pdf

Pág. 35 | F12 Quinta dos Peixinhos, vista de Poente
Ārquivo Municipal | https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx-?id=205522&type=PCD

Pág. 35 | F13 Vegetação expontânea atual
Levantamento Fotográfico Visita ao Local, de Carolina Freitas

Pág 35 | F14 Horta Comunitária do Alto da Eira
Google Maps | https://maps.app.goo.gl/y9VCbw4nxwcCcdNK7

Pág 36 | F15 Síntese Proposta de alteração PUVSA 2020
Lisboa Para Pessoas | https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2023/10/puvalesantoantonio_2023-2048x1751.png

Pág 36 | F16 Imagem PUVSA 2020
Lisboa Para Pessoas | https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2023/10/puvale santoantonio_2017b.jpg

Pág 36 | F17 Imagem PUVSA 2020
Lisboa Para Pessoas | https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2024/07/valesantoantonioimagens_10-1024x683.jpg

Pág 36 | F18 Imagem PUVSA 2020
Lisboa Para Pessoas | https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2024/07/valesantoantonioimagens_08-1024x683.jpg

Pág 37 | F19 Perspetiva geral PUVSA 2020
Informação Lisboa | https://informacao.lisboa.pt/fileadmin/atualidade/noticias/_processed_/a/8/csm_1825_2001B_F2_Panorama_161_01_43b0ccdf7d.jpeg

Pág 37 | F20 Perspetiva geral PUVSA 2020
Informação Lisboa | https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2024/05/valesantoantonio-aprovado_01.jpg

Pág 37 | F21 Perspetiva geral PUVSA 2020
Lisboa para Pessoas | https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2023/10/puvalesantoantonio_2017a.jpg

Pág 38 | F22 Perspetiva síntese da Proposta Urbana
Do Autor

Pág 40 | F23 Planta síntese da Proposta Urbana
Do Autor

Pág 40 | F24 Uso do Edificado
Do Autor

Pág 40 | F25 Sistema de Vistas e Enfiamentos
Do Autor

Pág 40 | F26 Five Finger Plan
Danish Architecture and Design Review | https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/51ab7a87e4b04de64ca395f2/1504468637173-WN56I10YRBNDLYI0EPYG/fingerplan.jpg?format=1000w

Pág 41 | F27 Espaços Verdes Proposta Urbana
Do Autor

Pág 42 | F28 Gestão Hídrica - Alto da Eira
Do Autor

Pág 42 | F29 Gestão Hídrica - Integração no Vale
Do Autor

Pág 42 | F30 Reformulação da Av. Mouzinho de Albuquerque
Do Autor

Índice de Figuras

Pág 42 | F31 Mobilidade Urbana
Do Autor

Pág 43 | F32 Planta Alto da Eira
Do Autor

Pág 43 | F33 Relação entre o Vale Sul e o Alto da Eira
Do Autor

Pág 43 | F34 Zonas de Colmatação e Continuidade
Do Autor

Pág 43 | F35 Zonas de Encontro
Do Autor

Pág 48 | F36 Comunidade de New Lanark
Visit Heritage | https://www.visitheritage.co.uk/whats-on/new-lanark-mills-world-heritage-site-p2097811

Pág 48 | F37 Comunidade de New Harmony
Wikipédia | https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Harmonia#/media/Ficheiro:New_Harmony,_Indiana,_por_F._Bates.jpg

Pág 49 | F38 Falanstério
Fondazione Alessio Beltrami | https://fondazionealessiobeltrami.com/wp-content/uploads/2022/03/falansterio-fondazione-alessio-beltrami-1024x221.png

Pág 49 | F39 Familistério
Passerelles | https://cdn.essentiels.bnf.fr/media/images/cache/crop/rc/wDHPqWhl/uploads/media/image/20201204164527000000_pas_329.jpg

Pág 51 | F40 Kommunalka
Russian Courses | https://www.russiancourses.com/wp-content/uploads/2019/10/kitchen-in-a-kommunalka.jpg

Pág 52 | F41 Narkomfin
Afisha.London | https://afisha.london/wp-content/uploads/2018/03/view-1200-1200x711.jpg

Pág 58 | F42 Skraplanet
MicroUrbania | https://www.microurbania.com/disenocohousing/

Pág 58 | F43 Saettedammen
Sarah Pollok | https://substackcdn.com/image/fetch/f_auto,q_auto:good,fl_progressive:steep/https%3A%2F%2Fbucketeer-e05bbc84-baa3-437e-9518-adb32be77984.s3.amazonaws.com%2Fpublic%2Fimages%2F08a71cee-ac2b-411b-a033-5dd70a060a6f_1913x695.png

Pág 59 | F44 SALL
Sarah Pollok | https://substackcdn.com/image/fetch/f_auto,q_auto:good,fl_progressive:steep/https%3A%2F%2Fbucketeer-e05bbc84-baa3-437e-9518-adb32be77984.s3.amazonaws.com%2Fpublic%2Fimages%2F08a71cee-ac2b-411b-a033-5dd70a060a6f_1913x695.png

Pág 62 | F45 Perspetiva Geral Proposta Habitacional
Do Autor

Pág 67 | F46 Planta Piso Garagem
Do Autor

Pág 67 | F47 Espaços Comerciais em relação com o exterior
Do Autor

Pág 68 | F48 Planta Piso Térreo
Do Autor

Pág 68 | F49 Distribuição Espacial
Do Autor

Pág 68 | F50 Espaço Comunitário no Piso Térreo
Do Autor

Pág 69 | F51 Planta Piso Tipo
Do Autor

Pág 69 | F52 Sala Tipologia T2
Do Autor

Pág 69 | F53 Quarto
Do Autor

Pág 69 | F54 Espaço Social Exterior às Tipologias
Do Autor

Pág 70 | F55 Planta de Piso e Alçados Salade Estar / Cozinha
Do Autor

Pág 71 | F56 Planta de Tetos e Alçados Salade Estar / Cozinha
Do Autor

Pág 72 | F57 Nós Construtivos Gerais
Do Autor

Pág 73 | F58 Desenhos de Pormenor
Do Autor

Índice de Figuras

Pág 73 | F59 Nós Construtivos Excecionais
Do Autor

Lista de Acrónimos

VSA Vale de Santo António
PDM Plano Diretor Municipal
CML Câmara Municipal de Lisboa
SRU Sociedade de Reabilitação Urbana
PUVSA Plano de Urbanização do Vale de Santo António

Introdução

A procura por um abrigo é uma necessidade inata ao ser humano, presente desde as primeiras civilizações. Com o tempo, a habitação deixou de ser considerada apenas um refúgio básico, evoluindo para estruturas que refletissem as necessidades sociais, culturais e de convivência das sociedades de cada época.

Na história da habitação, por volta do século XIX, surgem as ideias das comunidades utópicas, na tentativa de repensar e reparar a vida coletiva dentro dos espaços habitacionais, inspiradas na igualdade, partilha e colaboração. No século XX, assistiu-se a vários movimentos sociais e políticos marcantes, como a revolução soviética que impulsionaram a criação de espaços comunitários, como as "comunas". Já nos anos 60, os movimentos contraculturais, como o movimento hippie ou o movimento feminista, reforçaram a ideia de autonomia e autossubsistência nas formas de habitar. Aquando destes movimentos, o crescente reconhecimento dos problemas que rondam a habitação contemporânea global, como a escassez de habitação acessível, exigem-se soluções inovadoras, até que na Escandinávia, surge a ideia de colaboração no habitar, num modelo de habitação privada com espaços comuns, geridos coletivamente.

A habitação colaborativa é uma abordagem à vida comunitária que tem vindo a ganhar destaque nas últimas décadas, à medida que a sociedades enfrentam crises habitacionais e onde existe uma crescente procura por soluções habitacionais que promovam o bem-estar social.

Caracterizada pela partilha de espaços e pela colaboração entre residentes, o modelo de habitação colaborativa tem o potencial para responder a estas questões urbanísticas e sociais.

No contexto da cidade de Lisboa, e do Vale de Santo António mais precisamente, a habitação colaborativa surge como uma oportunidade para requalificar o espaço urbano, onde as encostas de grande declive, a fragmentação do tecido urbano e a necessidade de espaços verdes qualificados, apresentam a possibilidade de um caso de estudo para a implementação de uma proposta que integre habitação, espaços comunitários e que promova a sustentabilidade ambiental.

Este estudo divide-se em quatro grandes grupos, dois de investigação teórica, e dois de desenvolvimento projetual, intercalados entre si.

No primeiro capítulo, focado no Vale de Santo António (VSA), é explorado o seu passado histórico, predominantemente agrícola, e as suas valências naturais, como a topografia, as linhas de água e os espaços verdes.

O segundo capítulo é onde se encontra desenvolvida a proposta urbana para o VSA, tendo em consideração os aspetos mencionados anteriormente (histórica, topografia, água, verde e habitação).

O terceiro capítulo, foi o que mais exigiu investigação bibliográfica, onde foi analisada literatura de referência acerca dos primórdios da habitação colaborativa, relacionando-a com o passado das comunidades utópicas, até chegar aos dias de hoje. Foi a partir deste quadro teórico que surgiram as primeiras ideias para o desenvolvimento de um projeto de habitação colaborativa.

O quarto capítulo apresenta a proposta de um edifício de habitação colaborativa, onde foram fundamentadas e testadas as opções de projeto tomadas.

É ainda de referenciar a não inclusão, no corpo principal deste estudo, de um capítulo que integre os casos de estudo analisados no contexto deste trabalho, porém, a ideia passa por desenvolver um estudo autonomizado, catalogando e analisando os vários projetos estudados, que virá integrado em anexo.

A metodologia adotada para o desenvolvimento desta proposta baseia-se numa abordagem que combina a pesquisa teórica com a análise do local de intervenção. O VSA, estudado ao longo dos 4º e 5º anos de faculdade, foi alvo de diversas visitas ao terreno, que, juntamente com os estudos de documentos como o Plano Diretor Municipal (PDM) e os planos urbanos previamente elaborados para a área em questão, possibilitaram uma compreensão aprofundada das usas características, permitindo um desenvolvimento mais coeso e fundamentado do trabalho.

Além disso, a proposta foi influenciada pelo trabalho realizado em grupo no semestre anterior, onde foram discutidas e avaliadas várias questões, quer sejam habitacionais, ou territoriais, que resultaram na realização de uma possível proposta de intervenção no local.

Com base na literatura de referência sobre a habitação colaborativa, foi desenvolvido uma possibilidade de projeto que valoriza aspetos como a flexibilidade dos espaços, a partilha de recursos e a criação de uma comunidade de partilha. Estes conceitos foram traduzidos numa proposta que abrange leituras desde a escala da cidade (1:2000 e 1:500) até à escala do edifício e de pormenor (1:200, 1:50, 1:20 e 1:5), permitindo uma apresentação detalhada e fundamentada do projeto de habitação colaborativa



F01 Perspetiva Atual do Vale de Santo António



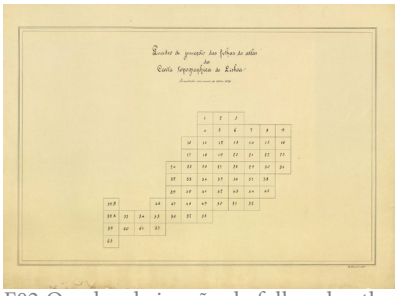
Localizado na zona oriental de Lisboa, o VSA, tem sofrido diversas transformações ao longo da sua história, onde originalmente, era conhecido pelas suas quintas e pelos seus terrenos agrícolas, como retratado na Carta Topográfica de Lisboa de 1856, elaborada por Filipe Folque.

Este levantamento mapeou a área do vale, evidenciando a sua natureza rural, dominado pelo verde das hortas e pelos cursos de água que levavam até ao rio Tejo. Esta carta foi um marco na história da cartografia urbanística de Lisboa, servindo como base para a definição e elaboração de vários planos.

Outra carta com grande influência no ordenamento urbano de Lisboa, a Carta Histórica de Silva Pinto, de 1911, que representou a modernização urbana da cidade, teve a sua influência na integração das zonas periféricas (incluindo a zona oriental onde se situa o VSA), bem como na reestruturação de outras áreas na cidade.

A evolução do vale está ligada à expansão urbana de Lisboa, a partir do final do século XIX, quando a cidade começou a expandir-se para os subúrbios, e onde a construção de infraestruturas, como a Avenida Almirante Reis, servindo esta como um eixo de conexão da zona oriental ao resto da cidade, facilitou os acessos e a mobilidade da população. Porém, a transformação do vale de uma área rural para um centro urbano foi marcada pela falta de planeamento adequado, resultando num processo de urbanização que levou ao surgimento de zonas fragmentadas. Isto num espaço da cidade que carecia de coesão social e funcional, onde acontecia uma distribuição de áreas desarticuladas, levando ao aparecimento de construções informais. Criaram-se assim problemas como a segregação espacial, que dificultou a criação de um espaço urbano coeso e integrado com a cidade, resultando com que o Vale de Santo Antônio permaneça como um dos maiores vazios urbanos de Lisboa até à atualidade.

Como mencionado anteriormente, as cartas de Filipe Folque e Silva Pinto foram fundamentais para visualizar e impulsionar as tentativas de transformação e integração do vale na cidade. Ao longo dos anos, diversos planos e propostas foram apresentados para a área, algumas das quais foram aprovadas e implementadas, enquanto outras acabaram por ser abandonadas.



F02 Quadro de junção de folhas do atlas da carta topográfica de Lisboa levantada nos anos de 1856 a 1858



F03 Representação de Filipe Folque do Vale de Santo António em 1856 - Junção das Cartas Topográficas nº 14, 15, 21, 22, 29 e 30



F04 Construções Informais no Alto da Eira em meados do século XX



Anteprojeto de Novos Arruamentos do Vale Escuro

A proposta urbanística para o Vale Escuro, no Vale de Santo António, visava expandir e modernizar a cidade, conectando os subúrbios ao centro de Lisboa. O plano tinha como principal objetivo criar novas vias para facilitar a circulação, com um desenho urbano geométrico e regular.

1932

Incluía a construção de novos arruamentos, ligando o Vale a outras áreas urbanas, e a criação de habitação no Olival do Monte Alperche, entre a Rua da Penha da França e a Avenida General Roçadas. Também foi projetada uma rua para ligar o Largo da Penha de França à Avenida General Roçadas, facilitando a circulação entre os bairros da Graça e Alto de São João.

No entanto, a topografia do Vale Escuro, com grandes declives, dificultava a construção de infraestrutura, especialmente nas zonas de maior inclinação. Devido às dificuldades técnicas e aos custos elevados, o projeto não foi implementado, embora tenha representado um esforço ambicioso de modernização urbana.



Plano Geral de Urbanização de Lisboa

Devido ao crescimento desordenado da cidade para os subúrbios, este plano procurou organizar o crescimento urbano, onde existiu a necessidade de integrar zonas desarticuladas e subdesenvolvidas na cidade, pois começaram a ser vistas como espaços para potenciais projetos habitacionais,

1967/77

muito influenciadas pelo início da construção da rede de metropolitano e pela ligação à margem sul do rio, feita pela construção da ponte sobre o Tejo.



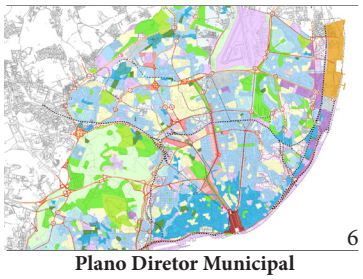
Urbanização do Vale Escuro

A equipa composta por Bartolomeu Costa Cabral, França Ribeiro, Francisco Caldeira Cabral e Gonçalo Ribeiro Teles desenvolveu um plano para o Vale Escuro que exemplificava a relação entre urbanismo, paisagem e topografia.

1957

Embora nunca tenha sido executado, o plano considerava aspectos como o potencial construtivo, a preservação da paisagem natural e dos solos férteis. A maior parte das construções propostas respeitava a topografia do terreno, com ocupações ajustadas às características naturais, criando uma integração entre arquitetura e paisagem, um princípio defendido por Ribeiro Teles.

O plano visava libertar o Vale Escuro, garantindo a sua permeabilidade e criando corredores ecológicos, ao mesmo tempo que concentrava a construção no Alto da Eira para promover uma utilização mais sustentável do território. A Rua Justiniano Padrel era destacada, com áreas edificadas organizadas conforme as curvas de nível, num plano que misturava diferentes funções, não se limitando a edifícios habitacionais. O plano estava ainda integrado com o da Calçada das Lajes, oferecendo uma abordagem mais ampla e coesa para a área, promovendo menos fragmentação e maior coesão urbana.



Plano Diretor Municipal

Fundamental para o desenvolvimento do Vale de Santo António, estabelecendo diretrizes para um crescimento sustentável. O plano priorizou a integração de áreas verdes, criando espaços de lazer e recuperação ambiental, e focou na requalificação urbana, incluindo a reorganização viária,

1994

e a melhoria do sistema de transportes. O objetivo era promover uma maior fluidez no tráfego e conectar o vale com outras áreas de Lisboa, garantindo um equilíbrio entre a expansão urbana e a preservação ambiental, com vistas a melhorar a qualidade de vida da população.



Plano Diretor de Urbanização de Lisboa

Com a conceção deste plano foi trazido o foco para a mobilidade e como consequência, para as grandes avenidas, temas que se tornaram pertinentes para o desenvolvimento do Vale de Santo António, principalmente devido à proximidade das principais vias da cidade, como a Avenida Almirante Reis.

1959

A reorganização viária proposta neste plano, influenciou o futuro desenvolvimento da rede viária do vale, bem como a expansão das infraestruturas urbanas.



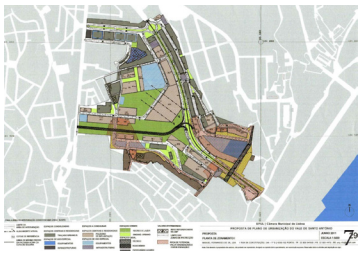
Urbanização do Vale Escuro

De autor desconhecido, este plano procurou dar continuidade ao de 1957, mas com diferenças marcantes, priorizando a utilização do automóvel e a funcionalidade das infraestruturas rodoviárias. Ao contrário do plano anterior, que focava na coesão e organização do vale, este plano causou rupturas na paisagem e fragmentação de áreas.

1961

A execução dos blocos na Rua Justiniano Padrel seguiu essa lógica funcionalista, com ênfase na eficiência do uso do solo e na criação de habitação em massa, dando menos importância às questões paisagísticas defendidas por Gonçalo Ribeiro Teles e Francisco Caldeira Cabral.

O plano abrangeu áreas como a Vila Cândida, o Quartel da Cruz dos Quatro Caminhos, o Alto da Eira e o depósito dos Barbadinhos, tentando integrar áreas militares, industriais e habitacionais de forma mais eficiente. Contudo, foi apenas parcialmente executado devido a mudanças políticas e económicas, refletindo uma tendência do urbanismo português do século XX, onde muitos planos ambiciosos eram apenas parcialmente realizados.



Plano de Urbanização do Vale de Santo Antônio

O PUVSA, proposto em 2011 e em vigor a partir de 2012, foi influenciado pelo projeto da Biblioteca/Arquivo Central de Alberto Souza Oliveira e Manuel Aires Mateus, cuja construção foi suspensa. O plano promoveu a ligação direta entre a Avenida Mouzinho

2011

de Albuquerque e a Avenida Almirante Reis, reestruturando a viabilidade viária e criando novas conexões, como entre a Avenida Afonso III e a Avenida General Roçadas. Além disso, o plano incluiu a expansão de equipamentos como a Escola EB Patrício dos Prazeres, a criação de um centro de saúde, creche, lar e áreas comerciais.

Os principais objetivos deste plano era a integração da área do vale com a sua envolvente, promovendo uma nova centralidade urbana, respeitando as características da paisagem, enquanto eram valorizados os equipamentos históricos, como por exemplo o Convento de Santos-o-Novo.

Com a criação de um novo parque verde urbano, aproveitando as condições topográficas do vale, foram criadas zonas de vistas panorâmicas. Adicionalmente, foi destacada a importância da vegetação ao longo das zonas de maior declive, reduzindo assim o risco de erosão.

A constante evolução de intervenções e projetos para a zona do VSA, refletem tentativas de modernização, expansão e integração do vale na cidade ao longo dos séculos XX e XXI. Desde os esforços iniciais como o do plano de 1932, até ao plano de 2011, podem ser notadas as constantes tentativas de equilibrar o desenvolvimento urbano com a preservação das características naturais e históricas.

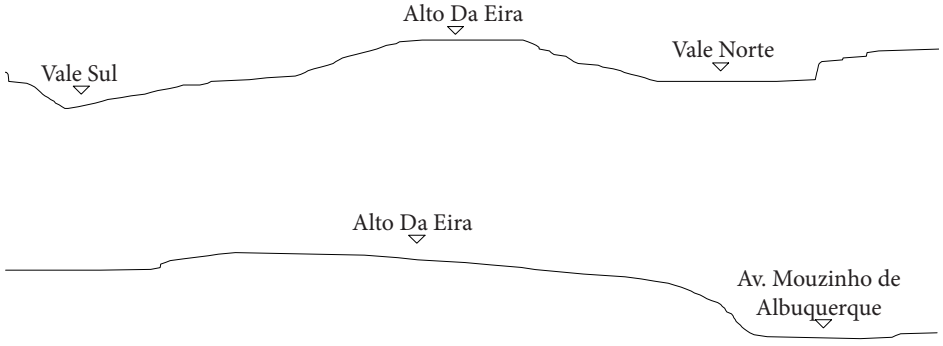
A complexidade topográfica do vale, representou sempre um desafio para a sua urbanização, sendo abordada de várias formas ao longo dos anos, sendo que o plano de 1957, de Bartolomeu Costa Cabral, destacou-se, devido ao respeito pela paisagem natural, enquanto o de 1961 priorizava a funcionalidade e o uso do automóvel. Estes contrates revelam as mudanças de prioridades urbanísticas das diferentes épocas.

Já nos anos 90, o PDM, veio consolidar uma abordagem mais sustentável e integrada para o desenvolvimento do vale na cidade, até que em 2011, o plano de urbanização promoveu a criação de espaços verdes, a requalificação urbana e a integração na envolvente, enquanto mantinha e preservava o património histórico e natural.

Com todas as intervenções, executadas ou parcialmente executadas, o VSA foi se transformando numa área fragmentada[1] e desorganizada, com ausência de uma coesão urbana que o permita enquadrar-se na cidade.

Ao longo dos anos, foi possível verificar a atenção dos planos, ao que seria a preservação do verde no VSA, devido à sua característica natural, integrando esta componente de forma sustentável com as linhas de água e com a topografia do local. A relação entre estes três fatores – topografia, água, e vegetação – é fundamental para a proposta de requalificação e renaturalização do vale.

A topografia do VSA é um dos seus maiores ativos naturais, influenciando não apenas a paisagem, mas também a sua ocupação e urbanização. O terreno, marcado por um vale principal, acompanhado por dois vales menores[2] e uma elevação que os separa, forma uma paisagem diversificada, moldada pelas suas características geológicas.



F06 Perfis Topográficos Vale de Santo António

[1] No contexto de tecido urbano, uma zona fragmentada é uma área que não estabelece uma relação adequada com a sua envolvente, caracterizando-se pela descontinuidade ou desorganização. No VSA, acontece devido a diversos fatores, como a diversidade arquitetónica, a ausência de conexões infraestruturais, pela ausência de espaço público, e de forma mais evidente, pelo vazio deixado junto ao muro de contenção de terras e pelas próprias barreiras físicas impostas, tanto pela elevação geológica que é o monte central do VSA onde se encontra o Alto da Eira, como pela barreira rodoviária que é a Avenida Mouzinho de Albuquerque

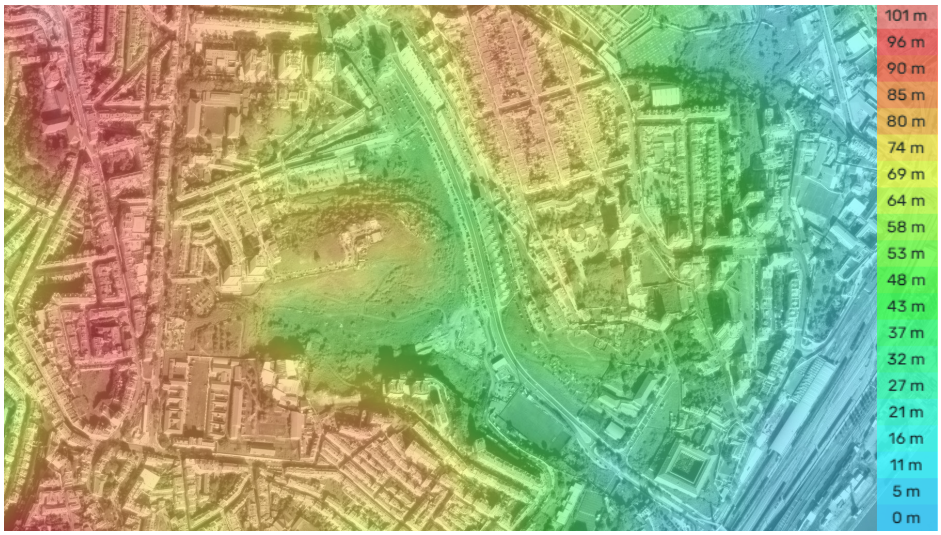


F08 Vista atual do Alto da Eira

Historicamente, a topografia acidentada do VSA dificultou a urbanização do mesmo, uma vez que os vales profundos e os acentuados declives criaram barreiras naturais, levando à fragmentação do vale. As áreas habitacionais eram isoladas, contornando essas barreiras e aproveitando os terrenos mais acessíveis. O Alto da Eira, embora tenha atuado como barreira à expansão e apropriação urbana do vale, serviu como um ponto de referência natural deste, oferecendo uma das melhores vistas sobre o vale e o sobre o rio Tejo.

Do ponto de vista histórico, existem registos fotográficos, recorrendo ao Arquivo Municipal, que evidenciam a presença de núcleos habitacionais ao longo das encostas do Alto da Eira, estrategicamente localizadas para evitar os problemas de drenagem que ocorrem nas zonas mais baixas. Essa elevação permitia que as zonas de menor cota fossem libertas para as funções agrícolas, tirando o maior proveito dos solos férteis, fruto dos cursos de água naturais presentes nestas áreas do vale.

A proposta urbana foi conduzida de forma diversa, com zonas de habitação concentradas em terrenos mais planos, enquanto as áreas de maior declive permaneceram menos desenvolvidas, devido às dificuldades de estabelecer infraestruturas de transporte e saneamento.



F07 Mapa Topográfico do Vale de Santo António

[2] Vale Sul e Vale Norte, que se localizam em relação à elevação do Alto da Eira (uma espécie de cabeço que subvide o vale)



F09 Antigo caminho que levava ao Convento de Santos-o-Novo, atual Av. Mouzinho de Albuquerque



F10 Terreno junto ao caminho que dava acesso aos caminhos de ferro



F11 Linhas de Água atuais do VSA

O VSA, apresenta uma relação complexa com os recursos hídricos que percorrem e moldam o território, tendo a gestão das linhas de águas, um papel central na configuração do vale quer historicamente, quer num cenário urbano contemporâneo, influenciando diretamente a sua ocupação e o seu desenvolvimento.

Historicamente, as linhas de água no VSA desempenharam um papel de extrema importância na organização do vale e nas atividades de produção, com destaque na agricultura. Os cursos de água naturais, eram fontes de água para a comunidade local, influenciando a ocupação ao longo dos tempos.

No passado, as linhas de água que permeavam o vale, formavam redes hídricas que forneciam água a propriedades agrícolas e abasteciam a vida rural. Devido à gradual urbanização do território, estas linhas foram sendo "escondidas", perdendo muitas vezes as suas funções ecológicas e paisagísticas.

Com a canalização das linhas de águas de modo a acomodar a expansão do vale, reduziu-se o risco de inundações, porém, não era tido em conta o equilíbrio natural dos ciclos hídricos, resultando na impermeabilização dos solos. No caso do vale, as infraestruturas existentes, foram pensadas de foram a desviar grandes volumes de água para bacias de retenção e sistemas subterrâneos de escoamento.

"Complementarmente à rede proposta, admite-se a recolha das águas pluviais do parque urbano num canal naturalizado que ligará ao colector instalado do lado Poente da Av. Mouzinho de Albuquerque, ou desaguará numa bacia de retenção." [3]

- Relatório de Alteração do Plano de Urbanização do VSA 2011

A gestão hídrica do VSA, está diretamente vinculada com as orientações do PDM, onde é prevista a proteção das linhas de água, incluindo a renaturalização de certas áreas, como a criação de espaços verdes adjacentes a estas e à proteção de zonas suscetíveis a inundações. Além disso, o PDM reforça também a ideias de implementar uma rede de infraestruturas verdes, como jardins, telhados verdes e pavimentos permeáveis de forma a mitigar os efeitos da urbanização que levou à impermeabilização dos solos, promovendo assim uma gestão mais sustentável dos recursos.

[3] https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2023/10/puvalesantoantonio_11rel.pdf

Segundo a cartografia histórica, e como referenciado anteriormente, o VSA era predominantemente uma zona agrícola de produção alimentar. Contudo, devido à urbanização da região, que levou à substituição dos solos permeáveis pelas infraestruturas e edificações, o resultado foi o da degradação ambiental e a perda de vegetação. Atualmente, a vegetação espontânea é a única memória remanescente do passado agrícola, mas que mantém viva a esperança e a evidência do potencial natural do vale.

O VSA, caracterizado pela sua geografia, inclui tanto áreas urbanizadas como espaços livres que desempenham o papel das zonas verdes. Entre estes espaços verdes mais relevantes da região, destacam-se os pequenos parques, áreas ajardinadas contiguas às habitações, bem como uma imensidão de vegetação espontânea que cresce junto das linhas de água.

Segundo o PDM, existe uma intenção de fortalecer os corredores verdes, onde estão estabelecidas diretrizes para a preservação, requalificação e criação de novas áreas verdes na cidade. A preservação das áreas verdes existentes no vale, principalmente as relacionadas com os cursos de água, a criação de novos espaços verdes, como forma de suprimir a ausência de áreas destinadas ao lazer e convivência e a integração de soluções sustentáveis, são algumas das hipóteses para o VSA.

"Dá-se especial importância no PDM à qualificação do espaço público urbano, destacando-se algumas componentes urbanísticas fundamentais (situações singulares do espaço urbano, elementos verdes, morfologia urbana, pontos de vista e panorâmicas), e atribui-se um papel importante aos planos de pormenor e projectos de espaços públicos, como instrumentos de tratamento qualificado do espaço urbano" [4]
- Resolução do Conselho de Ministros 94/94, de 29 de Setembro de 1994

No presente, o sistema verde do VSA encontra-se fragmentado e subutilizado, onde as zonas verdes estão dispersas e sem qualquer conexão aparente, limitando o seu impacto, tanto na comunidade como no ambiente. Dentro do vale é também possível identificar mais de 5000 m^2 de hortas espontâneas, que surgem sem nenhuma organização clara, muitas vezes em terrenos baldios. A horta comunitária do Alto da Eira, gerida pela Associação Regador[5], em parceria com a Junta de Freguesia da Penha de França, é um dos poucos exemplos de uma horta organizada, que promove as atividades entre a comunidade, incentivando a interação social.


F12 Quinta dos Peixinhos, vista de Poente


F13 Vegetação expontânea atual


F14 Horta Comunitária do Alto da Eira

4 https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-conselho-ministros/94-1994-609283

5 Este é um projeto educativo, cultural e ambiental, representado numa horta comunitária


F16 Imagem PUVSA 2020


F17 Imagem PUVSA 2020


F18 Imagem PUVSA 2020



F15 Síntese Proposta de alteração PUVSA 2020

A proposta de alteração do Plano de Urbanização do Vale de Santo António (PUVSA) de 2020, elaborada pela Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), a última alteração à data, surge num contexto de revisão do ordenamento do território urbano, procurando responder a novas dinâmicas sociais, ambientais e económicas da cidade de Lisboa. O plano, estabelece um conjunto de diretrizes para o desenvolvimento urbanístico da área, dando especial atenção à requalificação do existente, à promoção de habitação acessível e à melhoria das infraestruturas.

Os principais objetivos do plano prendem-se com o adaptar deste às necessidades emergentes de Lisboa, nomeadamente a pressão demográfica crescente e a necessidade de reabilitação de áreas urbanas. No que diz respeito à habitação, aposta na promoção de uma habitação acessível, inserida no Programa de Renda Acessível da CML, promovendo uma construção a custos controlados, de forma a garantir o acesso de diversas faixas populacionais. Projetando a construção de 2400 habitações, prevê fixar cerca de 6000 moradores, tendo como objetivo o equilíbrio entre a densidade populacional, onde a construção é predominantemente em altura e a maximização do uso eficiente dos solos.

Relativamente a espaços públicos, propõe a criação de novos parques e áreas verdes, criando uma conexão entre bairros, formando um corredor verde, que promove o lazer e incentiva a convivência comunitária. Além disso, foram introduzidos novos equipamentos de proximidade, como centros de saúde, escolas e espaços desportivos, procurando o conceito da "cidade dos 15 min", onde os residentes podem aceder facilmente aos serviços e satisfazer as suas necessidades básicas do dia a dia.


F19 Perspetiva geral PUVSA 2020

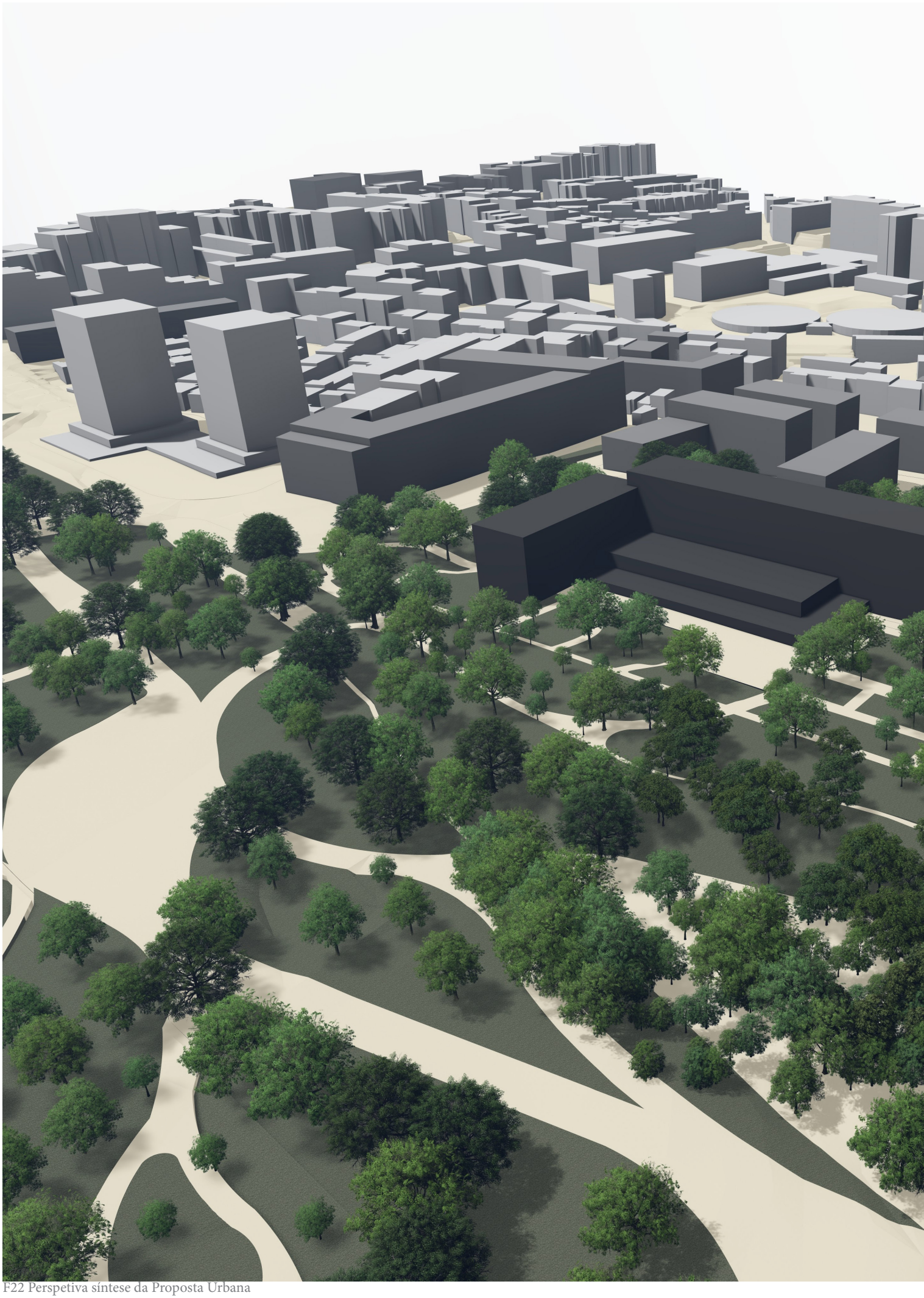
Para tudo isto ser possível, foi necessária uma adequação das infraestruturas de transporte e mobilidade às exigências de um desenvolvimento urbano sustentável, através da reformulação da rede viária, tendo em mente a diminuição do uso do automóvel. Para este efeito, foram construídas novas ciclovias e o alargamento dos passeios, de forma a promover as deslocações a pé ou de bicicleta.

Por último, foi atendida a procura por uma sustentabilidade ambiental, nomeadamente no que diz respeito à gestão das linhas de água, drenagens e criação de zonas verdes, bem como a manutenção de hortas urbanas. Deu-se assim corpo aos pedidos dos locais, reforçando o carácter comunitário e sustentável do plano, mitigando os efeitos das alterações climáticas na paisagem e no viver das pessoas. A projeção de bacias de retenção e de parques verdes permeáveis, estão entre as medidas previstas para prevenir as cheias.

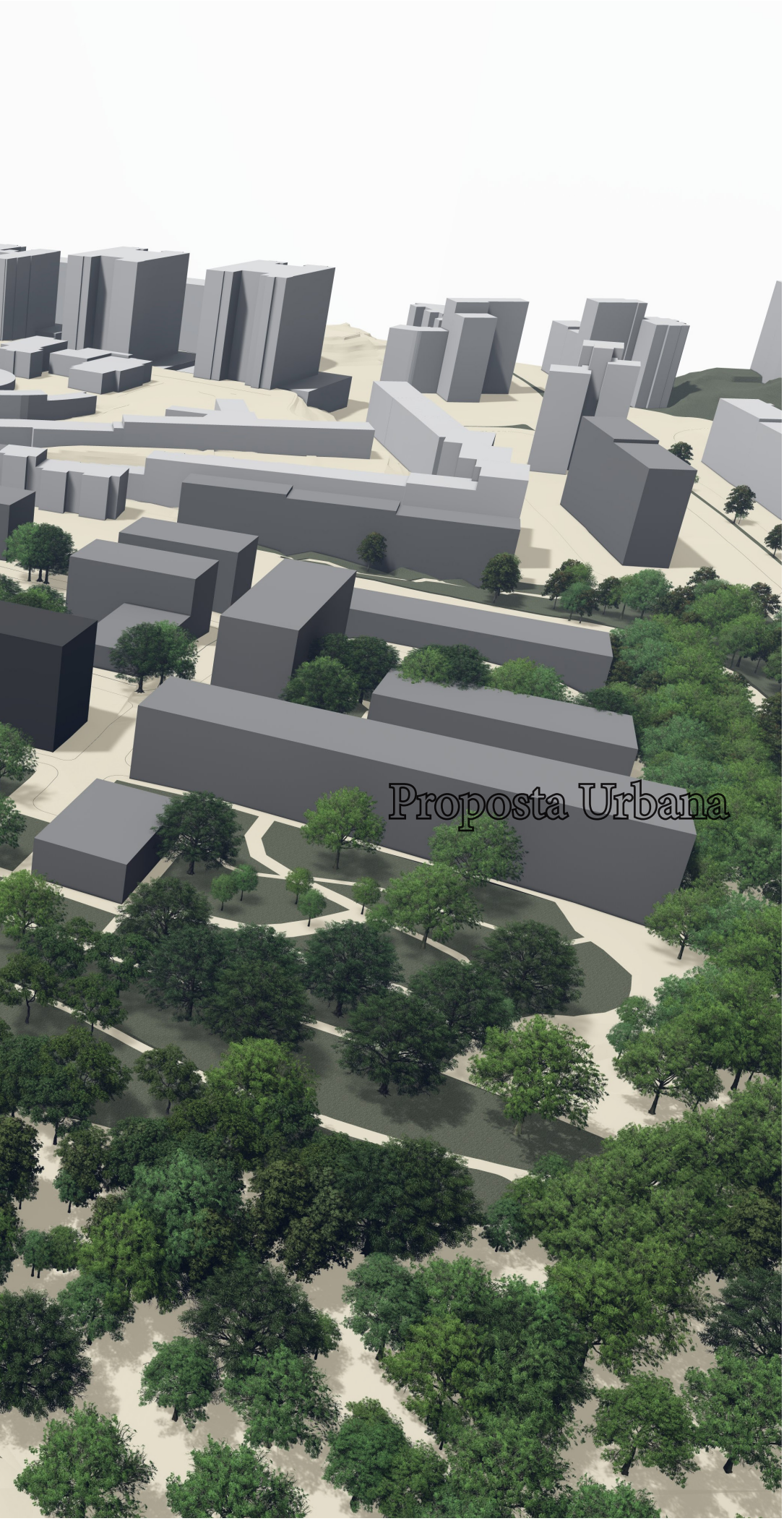
Posto isto, a alteração do PUVSA, reflete uma estratégia urbana que responde aos desafios contemporâneos da cidade, promovendo a coesão social, a sustentabilidade ambiental, e a qualidade de vida dos habitantes, reorganizando o território e as infraestruturas de uma forma mais eficiente, onde é estabelecido um caminho claro no desenvolvimento de uma zona urbana mais coesa, capaz de responder às exigências em termos de habitação, mobilidade e espaços públicos.


F20 Perspetiva geral PUVSA 2020


F21 Perspetiva gera PUVSA 2020



F22 Perspetiva síntese da Proposta Urbana

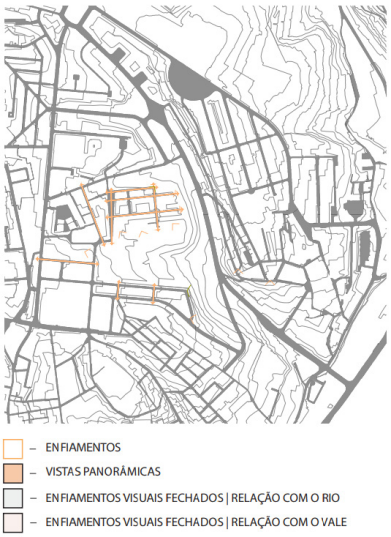

Proposta Urbana

Proposta Urbana

Plano Urbano



F24 Uso do Edificado



F25 Sistema de Vistas e Enfiamentos



F26 Five Finger Plan



F23 Planta síntese da Proposta Urbana

Na procura de criar uma proposta urbana para o VSA, sendo esta baseada em princípios de sustentabilidade, de procura da coesão do tecido urbano e pela tentativa de mitigar a fragmentação do mesmo, é apresentado um estudo que visa potenciar o desenvolvimento urbano, integrado na envolvente. A intervenção tem em conta as vertentes topográficas, hídricas e paisagísticas do vale, aproveitando os recursos naturais para uma tentativa de solução de infraestrutura verde, de uma reabilitação ambiental e uma reorganização espacial que tenta melhorar a qualidade de vida dos residentes.

A ideia de criação de um parque verde e de uma potencial conexão entre a zona baixa e a zona alta do vale obriga a uma alteração da topografia sendo esta marcada pelas duas depressões e pela elevação do Alto da Eira. À semelhança do que acontece no PUVSA 2020, onde se prevê uma significativa movimentação de terras, redistribuindo o volume do Alto da Eira entre os dois vales subsidiários, tem-se como objetivo suavizar os declives, criando assim uma topografia mais propícia à implementação de áreas urbanas e espaços verdes acessíveis. Esta alteração permite uma melhor gestão dos percursos naturais da água no vale, facilitando a integração de um parque verde na zona do vale sul, enquanto a zona habitacional predominante no vale em si, é situada no Alto da Eira.

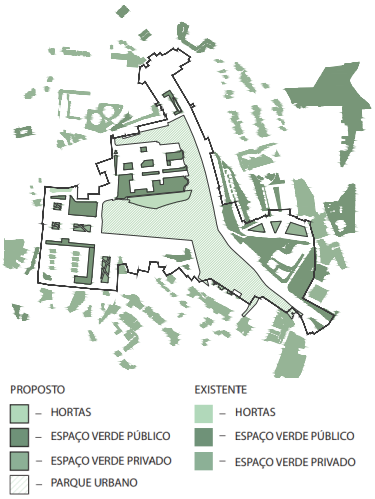
Esta proposta está enquadrada nos que são as diretrizes impostas por uma ideia de "*Five Finger Plan*" (Copenhaga, 1947), propondo a criação de ligações verdes, que acompanham, o percurso natural da água no vale, conectando as zonas verdes anteriormente dispersas, por entre o edificado. Além disso, o plano tenta devolver a permeabilidade do solo ao mesmo tempo que cria uma rede contínua de espaços públicos.

Como mencionado anteriormente, as zonas verdes desempenham um importante papel na conceção desta proposta, logo, é possível subdividir o verde em três grandes categorias: bosque, horta e pomar.

Relativamente ao bosque urbano, este foi pensado para a zona de maior declive do Alto da Eira, a vertente virada a este, onde vai permitir ao solo estabilizar-se, prevenindo a sua erosão, e contribuindo para fatores como a infiltração da água das chuvas, a regulação da temperatura e a melhoria da qualidade do ar, bem como para a vertente estética da proposta.

No que diz respeitos às hortas comunitárias, estas foram pensadas para a encosta virada a sul, aproveitando a melhor exposição solar e a configuração do terreno para a direcionar o percurso das águas de forma ordenada, para que em cada talhão de horta, seja possível o seu armazenamento, de forma a fornecer uma rega mais sustentável (esquema representado em F29). Estas hortas, além de fornecerem alimento para os residentes do vale, promovendo a autossuficiência alimentar, a sua maior importância para esta proposta urbana é a de funcionar em espaços de interação entre as pessoas da comunidade.

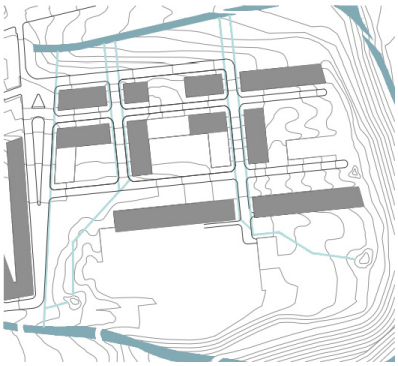
Já os pomares, foram pensados para o lado sul do Vale sul, nas áreas de maior acessibilidade, tendo um papel importante na revitalização do vale, recuperando uma memória da história do vale e da sua produção agrícola, conforme Filipe Folque. Para além de um papel de fornecer um produto alimentar, tal como as hortas, funcionam como um recurso recreativo, podendo ser utilizados para atividades comunitárias de colheita e partilha, ou até programas pedagógicos das escolas, oferecendo assim um lazer diferente, ativo e educativo. Com a plantação de árvores frutíferas, como macieiras, laranjeiras, pereiras ou figueiras, o projeto visa incentivar uma conexão mais próxima entre o meio ambiente e os habitantes, reforçando a importância dos sistemas alimentares locais.



F27 Espaços Verdes Proposta Urbana

Proposta Urbana

Plano Urbano



F28 Gestão Hídrica - Alto da Eira



F29 Gestão Hídrica - Integração no Vale



F30 Reformulação Av. Mouzinho de Albuquerque



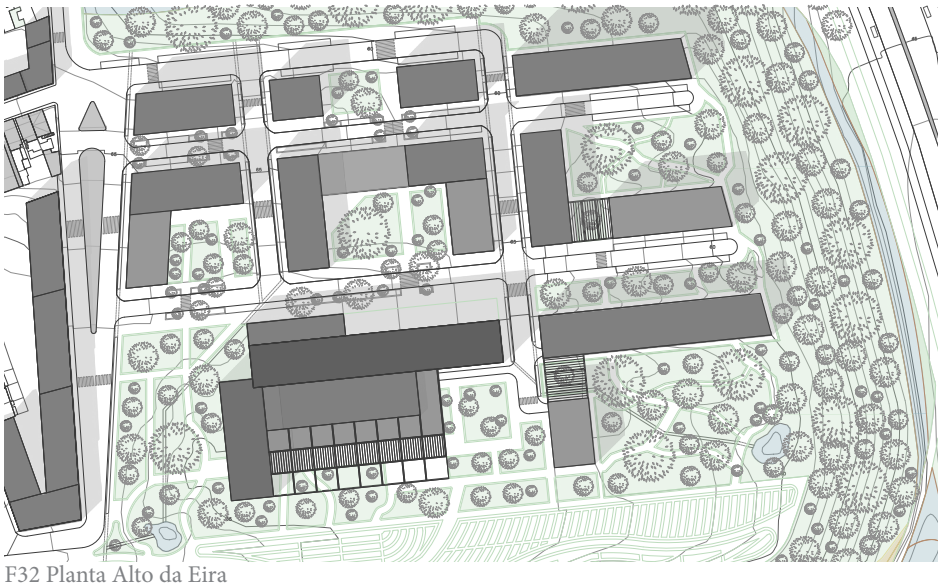
F31 Mobilidade Urbana

A gestão da água é um ponto-chave na proposta urbana, onde é pretendido, para além da sua utilização responsável, mitigar o efeito das chuvas intensas e prevenir inundações. Posto isto, a proposta contempla a criação de bacias de retenção em ambos os vales subsidiários, que iram permitir a contenção e infiltração de grandes volumes de água durante os períodos de chuva intensa. Estas bacias, integradas nos sistemas de espaços verdes, servirão também complementar as áreas de lazer e oferecer *habitat* a outro tipo de vegetação.

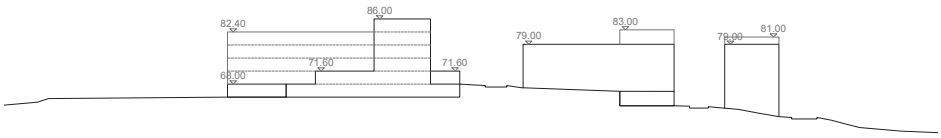
Além disso, o projeto inclui a implementação de pavimentos permeáveis ao longo do parque e a instalação de sistemas de captação de águas pluviais na cobertura dos edifícios, ao mesmo tempo que também são aproveitadas as águas limpas provenientes dos fogos, as quais poderão ser reutilizadas no abastecimento de certas funções dentro do próprio edifício, encaminhadas para as hortas urbanas ou então seguir até ao parque e consequente bacia de retenção. Toda a pretensão de aproveitamento das águas, está conectada a uma ideia projetual de ciclo, minimizando o desperdício deste bem natural.

Relativamente à Avenida Mouzinho de Albuquerque, foi pensada uma reformulação da via, mais amigável para o peão, onde foram reformulados passeios, de forma a serem mais largos, criadas ciclovias e um corredor verde central, atravessando toda a avenida. Esta intervenção tenta mitigar o efeito desta barreira física, promovendo assim a coesão entre as diferentes pares do vale, potenciando uma melhor mobilidade por parte dos residentes.

Além da reformulação viária, está pensada a reformulação urbana em termos dos transportes públicos, aproveitando a proximidade da estação de comboios/metro de Santa Apolónia, conectando assim o vale a outras áreas da cidade, também contando com a intenção da criação de novas paragens de autocarro, e a do prolongamento das ciclovias existentes, criando assim uma rede de mobilidade mais sustentável.



F32 Planta Alto da Eira



F33 Relação entre o Vale Sul e o Alto da Eira

Um dos aspetos mais importantes desta proposta, à semelhança do PUVSA, é o da habitação, onde foi proposta a construção de aproximadamente 2500 unidades residenciais, distribuídas de forma a dar continuidade urbana e a respeitar as zonas verdes propostas.

O foco prende-se com a requalificação das áreas não edificadas e na continuação e fechamento dos quarteirões incompletos, criando assim uma malha urbana contínua e integrada na envolvente.

Aproveitando a oportunidade deixada pela movimentação de terras, a localização das novas habitações no Alto da Eira, onde está inserida a unidade de habitação colaborativa projetada, permite aos residentes acederem com facilidade ao parque urbano proposto, bem como desfrutar da vista sobre este e do enquadramento com o rio Tejo. A disposição das unidades habitacionais foi pensada com o intuito de existirem espaços comuns integrados no desenho urbano, de forma a promover a convivência entre moradores, funcionando estes como um prolongamento do parque e do verde que domina o vale segundo o pretendido com esta nova proposta.



F34 Zonas de Colmatação e Continuidade



F35 Zonas de Encontro

Habitação Colaborativa

Na constante procura pelo abrigo, advém a raiz do conceito da habitação colaborativa, uma raiz dos conceitos utópicos idealizados por Thomas More (1478-1535), na sua publicação "Utopia" (1516), descrevendo a comunidade (imaginária) ideal, onde as pessoas vivem numa sociedade estruturada, e cada um tem a sua função. Aí são relatados acontecimentos que estão muito à frente do seu tempo, como uma sociedade sem propriedade privada, a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, onde existe uma preocupação com o bem-estar da comunidade, entre outros. Ou seja, relata uma sociedade onde as pessoas coexistem, fomentam relações sociais e promovem um maior senso de comunidade, revelando isto uma crítica à sociedade inglesa da época, uma sociedade injusta, onde a maioria da população vivia na miséria.

Durante o século XIX, e influenciados pelas visões inovadoras de Thomas More, eis que surgem Robert Owen (1771-1859) e Charles Fourier (1772-1837), duas figuras importantes do socialismo utópico[6] . Esta ideologia, impulsionada pelas transformações trazidas pela Revolução Industrial do final do século XVIII, leva Owen e Fourier a repensar o conceito tradicional da casa, procurando por soluções que para os desafios sociais e urbanos desta nova época.

A Revolução Industrial transformou os cenários de trabalho e de habitação, onde as condições de habitabilidade dos operários não eram garantidas, facilitando a degradação da qualidade de vida. Com a Revolução a produtividade foi aumentada, porém, as jornadas de trabalho eram exaustivas, os salários baixos e existia pouca proteção dos trabalhadores, levando isto à exploração e desigualdade, tanto na forma de habitar como de trabalhar, levando então os socialistas utópicos Owen e Fourier a propor projetos comunitários, de visões coletivistas de trabalho e de habitação, nos quais era prometido uma vida harmoniosa, num mundo mais justo e igualitário.

Foi então neste período que surgiram as primeiras comunidades projetas por Owen e Fourier. O inglês, à data, era diretor de uma fábrica de algodão em New Lanark[7] , a cerca de 45Km da cidade escocesa de Glasgow, a qual "transformou" no seu projeto de comunidade, onde em poucos anos, a comunidade já contava com cerca de 2500 pessoas, que viviam e trabalhavam a tempo inteiro na fábrica.

"(...) a experiência mais importante para a felicidade da raça humana que até agora foi instituída em qualquer parte do mundo" [8]

- Robert Owen, descrevendo a comunidade de New Lanark

[6] Corrente do socialismo onde são apresentados ideais imaginários e futuristas, aspirando a criação de uma sociedade ideal e igualitária

[7] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-01(p.161)

[8] "(…) the most important experiment for the happiness of the human race that has yet been instituted in any part of the world" - https://www.new-lanark.org/introducing-robert-owen



F36 Comunidade de New Lanark

Passados cerca de 25 anos da criação da primeira comunidade, Robert Owen, na altura emigrado nos EUA, fundou o que viria a ser uma nova comunidade, apelidada de New Harmony[9], fundada no estado do Indiana. Erguida com os mesmos ideais de New Lanark, esta comunidade socialista foi criada sobre um assentamento religioso liderado pelo alemão George Rapp, onde se vivia uma vida de celibato, trabalho e espiritualidade, sendo o assentamento então adquirido, em 1824, por Owen e submetido aos seus ideais de cooperação, educação e igualdade de género.



F37 Comunidade de New Harmony

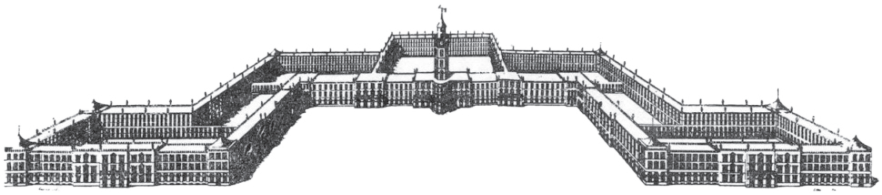
Apesar dos princípios ambiciosos, New Harmony durou apenas dois anos. A comunidade atraiu diversos tipos de pessoas com ideologias diferentes, onde existia um conflito de interesses e visões dispares sobre os assuntos quotidianos, levando à geração de conflitos. Isto alienado a uma falta de liderança por parte de Owen, levou a que a comunidade se desintegrasse.

Já em França, Charles Fourier, fundador do Fourierismo[10], conceptualizou uma comunidade ideal, o Falanstério[11], regida por um modelo de organização social e económica, criando uma comunidade que se diferenciava pela cooperação e prosperidade.

[9] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-02 (p.163)

[10] Teoria social de Charles Fourier que sugeria reorganizar a sociedade em comunidades colaborativas e independentes, onde a cooperação substituiria a rivalidade, assegurando autossuficiência e uma vida equilibrada para todos os membros

[11] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-03 (p.165)



F38 Falanstério

Este projeto não passou de uma ideia, uma vez que nunca chegou a ser construído, porém, era pensado para albergar cerca de 1800 pessoas, que viviam e trabalhavam em cooperação e entreajuda, um pouco à semelhança do que eram as comunidades de Owen.

Embora o projeto não tenha sido materializado, e apesar das proibições de construção deste tipo de propostas, impostas pelo governo francês, serviu de inspiração a alguns movimentos socialistas ao longo do século XIX, como é o exemplo construído de Jean-Baptiste André Godin, que inspirado por Fourier e pelo Falanstério, decidiu fundar o que viria a ser o Familistério[12] (1859), que consistia num complexo habitacional para os trabalhadores da fábrica de equipamentos de aquecimento e cozinha (fundada pelo próprio Godin). A ideia seria de proporcionar aos seus trabalhadores, um local confortável e justo, onde se vivesse num ambiente saudável, longe das injustiças da sociedade capitalista industrial.



F39 Familistério

12 Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-04 (p.167)

"Habitação urbana, onde vinte famílias, cada uma no seu próprio apartamento, cozinham as suas próprias almôndegas, onde muitas crianças pequenas estão fechadas, cada uma no seu próprio quartinho – não clama isto por um planeamento geral, por uma solução coletiva?"
- Alva Myrdal[13]

A influência da industrialização na Europa e dos seus avanços no setor da habitação, fez com que pessoas começassem a ponderar sobre as opções de habitação da época, tendo em mente as comunidades faladas no capítulo anterior. No século XX, a ideia de que as famílias fossem capazes partilhar as funções domésticas, num núcleo de habitações com espaços partilhados, começou a ganhar força, dando início à modalidade de habitação que ficou conhecida como "Central Kitchen Buildings"[14] . Os primeiros exemplares deste tipo de edifício datam, de 1903, em Copenhaga, onde foi construído o Fick's Collective e logo em 1905/1907, o Hemgarden Central Kitchen[15] , em Estocolmo, contando com múltiplos apartamentos conectados por um elevador que entregava as refeições aos residentes, vindas diretamente de uma cozinha central do edifício. Este tipo de filosofia de comunidade, permitiu a emancipação da mulher, que liberta dos trabalhos domésticos, procurou a igualdades entre géneros, algo que já vinha sendo trabalhado desde as comunidades utópicas do século XIX e pensado por More no século XVI.

Seguindo o seu caminho pela Europa, as ideias de comunidade chegam por volta de 1917, aquando da revolução russa que levou os bolcheviques[16] ao poder, dando lugar a um regime socialista. A construção russa, com o aparecimento dos Kommunalkas (típica habitação russa do início do século XX), onde várias famílias viviam num apartamento, partilhando os espaços do mesmo, onde cada uma tinha o seu próprio quarto, acabam por viver de forma independente numa "comuna", não criando assim os laços de cooperação que as comunidades utópicas anteriores inspiraram.


F40 Kommunalka

[13] "Urban housing, where twenty families each in their own apartment cook their own meatballs, where a lot of young children are shut in, each in his or her own little room – doesn't this cry for overall planning, for a collective solution?" - Myrdal, Alva – Tiden, 1932

[14] Os edifícios de cozinha central (tradução literal para português), foram uma experiência na arquitetura social, com o intuito de aumentar a eficiência na vida em comunidade, onde vários apartamentos, partilhavam um espaço de confeção de refeições

[15] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-05 (p.169)

[16] Revolucionários radicais que defendiam o socialismo e a ditadura, por aliança à classe trabalhadora

Neste contexto experimental de vida comunitária, e com a criação do comité das obras estatais russo, passa a ser estudado e reproduzido na forma de comunidades residenciais, uma habitação onde são partilhados espaços comuns. Com isto em mente, no ano de 1930 foi elaborado e construído o edifício Narkomfin[17], visando dissolver a unidade familiar e dar lugar a uma vida em conjunto, por parte de várias famílias, de forma a cultivar o espírito coletivo e romper com as ideias sobre a propriedade privada.



Os importantes avanços sociais falados anteriormente, a partir do século XIX até meados do século XX, como a emancipação da mulher e as transformações nas habitações, sofreram um retrocesso com a Segunda Guerra Mundial, um período marcado por reestruturações políticas de forma a tentar transmitir uma maior estabilidade e segurança. A vida coletiva, quer seja nas habitações, quer seja a vida na via pública, foi desincentivada, passando a ser quase nula, levando a que as famílias se recolhessem nas suas casas, tornando as cidades em "cidades-dormitório"[18].

Dois acontecimentos de grande importância no pós-guerra foram o Plano Marshall[19], em 1948, e a Carta de Atenas[20], que serviram de guias à reconstrução das cidades europeias, nesta época destruídas, priorizando uma planta inflexível no desenho das habitações, com um desenho funcional rígido dos espaços, separando-os, o que levou a que a interação social fosse limitada.

Porém, existiram projetos que tentaram romper com estas ideias de inflexibilidade, oferecendo maior oportunidade de contacto entre os moradores, como a da Unidade Habitacional de Marselha[21] , de Le Corbusier, porém, devido à falta de incentivos na utilização dos espaços comuns de ambos os edifícios, o projeto acabou por ter um sucesso limitado no que toca à vida comunitária.

17 Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-06 (p.171)

18 Tipo de cidade que surge dos movimentos migratórios da população, do centro das cidades para os suburbios, no anos 50 do século XX

19 Com o objetivo de reconstruir a economia dos países destruídos pela Segunda Guerra Mundial

20 Manifesto resultante do IV congresso internacional de arquitetura moderna, onde foram discutidos assuntos da arquitetura contemporânea da época, definindo o conceito do urbanismo a praticar para o futuro próximo, deixando as diretrizes para serem aplicadas internacionalmente

21 Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-07 (p.173)

Com o passar dos anos, aspetos como o aumento do custo de vida e o déficit habitacional, estimularam o aparecimento de novas formas de pensar a habitação, e é então que surge a ideia de habitação coletiva, fortalecendo a ideia de vida em comunidade. Esta ideia surge a partir de pequenos grupos de pessoas que se organizavam e ocupavam edifícios, mesmo que ilegalmente, formando as suas comunidades, como o caso de Freetown Christiania[22] ou até mesmo o exemplo de Wohlgroth, onde uma antiga fábrica foi ocupada e expandida por um grupo de indivíduos.

Já nos anos 60, o mundo foi marcado por várias mudanças e acontecimentos[23], levando estes a uma onda de movimentos sociais um pouco por todo o globo. Grande parte destes movimentos, liderados por jovens, indignados com a forma como eram governados e com a forma como era vivido o seu dia a dia, juntaram-se de forma a lutarem por uma mudança, aspirando por uma reforma social que lhes permitisse viver de forma mais confortável e segura. Um exemplo disto pode ser a luta pelos direitos civis da população afro-americana liderada por Martin Luther King Jr. ou Malcom X, trazendo consigo uma mensagem de união e igualdade comum a todos, fundamental para o fim da discriminação racial nos EUA.

Ao momento destes acontecimentos, o urbanismo europeu passava por uma grande transformação, onde acontecia um fenómeno de suburbanização e de fuga dos centros urbanos para os subúrbios, levando à degradação dos centros das cidades, aumentando assim o desemprego e consequentemente a pobreza e a insegurança.

Foi também na década de 60 que se assistiu à "origem" do que é conhecido hoje como a residências de estudantes, onde grupos de jovens, na maior parte das vezes negligenciados pelo mercado imobiliário, desenvolveram um novo estilo de vida experimental, organizando-se em comunidades, em apartamentos do início do século.

Este novo modo de organização, mesmo que inconsciente, resgata o que eram as ideais dos socialistas utópicos do século XIX, num estilo de vida coletivo e cooperativo, onde estes jovens dos anos 60 e 70, surgem para promover um processo de adaptação entre os antigos modos de habitar e as realidades contemporâneas. É aqui, que começa a surgir o conceito de habitação colaborativa, baseado na participação e na colaboração, retomando os modos básicos de viver em comunidade, como resposta às habitações dos subúrbios, abrindo caminho para uma vivência social mais harmoniosa, colocando em cima da mesa, a hipótese de voltar a viver nas cidades.

[22] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-08 (p.175)

[23] Crise dos misseis de Cuba (1962), Movimentos feministas, movimentos contra a guerra no Vietname, movimento Hippie, entre outros

A habitação colaborativa surge como uma solução inovadora para os desafios habitacionais contemporâneos, promovendo não apenas a convivência, mas também a inclusão social. Antes de analisar as origens e as características deste modelo de habitar, é importante clarificar que existem vários termos para outras tantas definições para descrever o viver em comunidade, segundo vários autores como Dorit Fromm "wide enough to stretch across all international variations"[24].

"Definido por um elevado grau de participação dos utilizadores, o estabelecimento de relações recíprocas, ajuda mútua e solidariedade" [25]
- Darinka Czischke

A diversidade de termos abrange diferentes formas de habitação, que variam consoante: os seus graus de colaboração e o nível de participação na vida comunitária, a sua abordagem perante o meio envolvente e a sustentabilidade e a relação com a sociedade em diferentes contextos.

Dentro deste espetro e definindo então a habitação colaborativa como algo mais abrangente, os termos reduzidos desta estabelecem-se segundo diversas possibilidades, sendo os mais abrangentes, o cohousing, que combina as residências privadas com espaços comuns, à semelhança do que é a habitação colaborativa, porém menos focado na colaboração entre vizinhos. As eco-vilas, por sua vez, não deixam de ser comunidades colaborativas, porém, o seu foco está na sustentabilidade e na ecologia, procurando estabelecer uma vida autossuficiente. Outro grande subgrupo são as comunidades intencionais, formadas por grupos que procuram uma maneira de viver alternativa, relativamente à sociedade convencional, baseado numa determinada ideologia.

Posto isto, a falta de classificações generalizadas para todo o mundo, gera a confusão sobre as distintas formas de abordar o que é o viver em comunidade, onde o que realmente define a habitação são os seus moradores, que compartilham certos ideais, agregando-se assim desta forma, com um grupo de pessoas com o qual querem viver de forma coletiva.

Ainda pela Europa, são estabelecidos alguns termos diferentes, como o Bofoellesskab (Dinamarca), o Kollektivhus (Suécia), o Wohngemeinschaft (Alemanha) e o Centraal Wonen (Holanda), tudo modelos que promovem a vida comunitária através da convivência e a partilha de recursos.

[24] Fromm, Dorit – Seeding Community: Colaborative Housing as a strategy for social and neighbourhood repair, 2012

[25] "Defined by a high degree of user participation, the establishment of reciprocal relationships, mutual help and solidarity" - Czieschke, Darinka - Collaborative housing and housing providers: towards an analytical framework of multi-stakeholder collaboration in housing co-production, 2018

Porém, para estabelecer o potencial e os limites da habitação colaborativa, é fundamental existir uma definição clara, até para ser possível que este assunto seja abordado legalmente, pelas organizações e governos espalhados pelo mundo. As próprias interpretações dos autores, facilitam o diálogo na procura por uma definição comum que solidifique este conceito. De acordo com Dorit Fromm (Fromm, 1991), a habitação colaborativa abrange uma variedade tipológica com espaços partilhados que facilitam o contacto social. Este sublinha a importância dos espaços comuns e da intenção de uma vida em partilha com os restantes utilizadores do edifício, promovendo isto um menor consumo individual de recursos,

Os objetivos deste tipo de habitação, vão de encontro ao que é o bem-estar e qualidade de vida dos habitantes, promovendo ambientes seguros e confortáveis. Procura também fomentar a convivência, as interações intergeracionais e a entre ajuda, o que leva ao prolongamento da autonomia e à redução do isolamento por partes dos mais velhos. Os habitantes devem-se reger pelos princípios de participação e colaboração, enquanto a independência dos mesmo é preservada.

Dos maiores desafios encontrados neste tipo de comunidades, prende-se com a gestão comunitária, que envolve a tomada de decisões, a resolução dos conflitos e a manutenção da comunidade. A sustentabilidade financeira, a seleção dos residentes e a manutenção dos espaços são questões cruciais, na qual a legislação de cada país é importante, de forma a estabelecer regras e normas de bom funcionamento destes grupos.

Em suma, a habitação colaborativa não pretende ser um simples arranjo habitacional, mas sim cultivar um estilo de vida coeso, onde é reduzido o trabalho domestico individual, e torna o viver na cidade mais acessível, sendo fundamental as relações sociais entre os moradores, por meio de uma promoção de um estilo de vida que atende às necessidades de uma sociedade cada vez mais distante e que preza os valores trazidos pela convivência e pela diminuição do isolamento social nos idosos, que previne a institucionalização destes, os quais "pagam" com uma entre ajuda deles para com os mais jovens.

"Ideia de entreajuda em que os mais novos ajudam os mais velhos quando é preciso e estes, por exemplo, cuidam dos miúdos, como os avós emprestados"[26]
– Sara Brysch

[26] Brysch, Sara – Longevidade (Jornal Expresso), 2022

"Em muitos aspetos, a habitação colaborativa não é um conceito novo. No passado, a maioria das pessoas vivia em aldeias ou bairros urbanos coesos, onde trabalhavam juntas para construir uma escola, levantar um celeiro, cultivar alimentos e celebrar a colheita. De forma semelhante, os residentes em habitação colaborativa desfrutam dos benefícios da colaboração, seja organizando cuidados infantis, participando em jantares comunitários ou em atividades sociais. Através da cooperação e proximidade, os membros das comunidades de habitação colaborativa constroem relações sociais e trabalham juntos para resolver necessidades práticas. Este tipo de relação exige responsabilidade, mas, em troca, oferece segurança e um sentido de pertença." [27]
- Kathryn McCamant e Charles Durrett

A origem deste "novo" modo de habitar, surge na Dinamarca, com o nome de Bofaellesskab, nos anos 60, começando este movimento como uma alternativa às necessidades não atendidas de uma sociedade pós-industrial, devido às recentes transformações económicas e demográficas, como a falta de habitação acessível e a transformação do núcleo familiar, bem como para compor uma solução para a redução das responsabilidades do dia a dia. Este conceito reflete também a expansão da economia colaborativa, substituído a ideia de propriedade privada pela ideia de acesso e partilha, promovendo um senso de comunidade e de entre ajuda.

As primeiras experiências datam do ano de 1964, quando o arquiteto dinamarquês Jan Gudmand Hoyer, considerado o pai da habitação colaborativa, juntamente com a sua mulher, reuniu um grupo de amigos, discutindo as opções de habitação disponíveis à época, e procuraram por algo que combinasse a privacidade com o viver em conjunto com os demais, proporcionando mais tempo para o lazer e menos preocupações com os trabalhos domésticos. A falha ao encontrar algo que fosse de encontro às suas necessidades, levou Hoyer e o grupo de amigos a pensar o que seria a primeira comunidade de habitação colaborativa na Dinamarca, tornando-se consensual que o complexo deveria ser dimensionado de forma a existir o contacto social espontâneo, sem que a comunidade crescesse ao ponto da convivência se tornar formal, resultando na tentativa de criação da comunidade de Harskov.

Devido a fatores externos[28] , o grupo não seguiu com a construção desta comunidade, sendo que passado algum tempo, Hoyer escreveu um artigo, "The missing link between utopia and the outdated single-family house", onde foram divulgadas as ideias do grupo juntamente com o projeto para Harskov. Com isto, Hoyer juntou o interesse de várias famílias, chegando o número total de pessoas suficiente para a criação de não uma, mas duas comunidades, resultando na construção de Skraplanet[29] (1973), Saetterdammen[30] (1973) e, mais tarde, de Nonbo Hede[31] (1976).

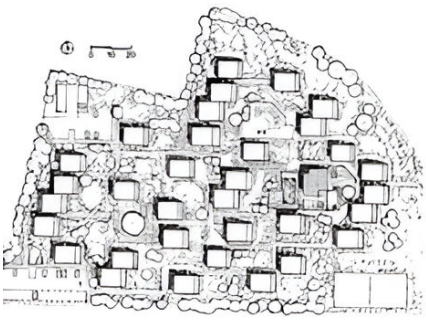
[27] "In many respects, cohousing is not a new concept. In the past, most people lived in villages or tightly knit urban neighborhoods where they worked together to build a schoolhouse, raise a barn, grow crops, and celebrate the harvest. Similarly, residents in cohousing enjoy the benefits of collaboration, whether by organizing childcare, attending common dinners, or participating in social activities. Through cooperation and some proximity, the members of cohousing communities build social relationships and work together to address practical needs. This kind of relationship demands accountability, but in return provides security and a sense of belonging" - McCamant, Kathryn e Durrett, Charles - Creating Cohousing: Building Sustainable Communities, 2011

[28] O maior problema que surgiu, aquando da publicação do projeto de Harskov no jornal local, foi a preocupação dos vizinhos com o barulho que viria a ser feito pelas crianças

[29] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-09 (p.177)

[30] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-10 (p.179)

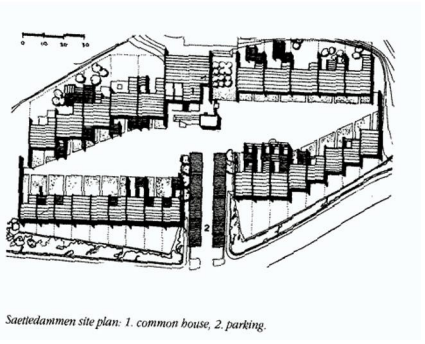
[31] Mais informações acerca deste projeto consultar anexo CE-11 (p.181)





F42 Skraplanet





F43 Saettedammen

No contexto histórico português, existe o programa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), criado após a revolução, que enfrentou dificuldades devido à escassez económica do país na altura. Hoje, Portugal depara-se com uma população envelhecida e cada vez mais isolada, enquanto a juventude é frequentemente forçada a emigrar na procura por uma qualidade de vida melhor, devido ao descontrolado aumento da gentrificação e à especulação imobiliária.



F44 SAAL

O financiamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) em Portugal, tem sido direcionado para a criação de novas soluções de habitação e alojamento de pessoas vulneráveis. Estas iniciativas incluem modelos habitacionais como o caso da habitação colaborativa. Entidades como as IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social), ou outras privadas, como lares ou residências, têm-se envolvido na promoção deste tipo de projetos, como é o caso da residência intergeracional do Bairro Padre Cruz, em Lisboa, que funciona como uma residência/instituição comunitária.

Em Portugal, a legislação para a habitação colaborativa foi oficialmente lançada em 2019, onde este tipo de projetos foi reconhecido como uma modalidade de habitação permanente, presente na lei de bases da habitação , resultante do empenho da Hac.Ora, uma organização portuguesa que pretende clarificar e esclarecer os portugueses e os políticos acerca do conceito de viver em comunidade, e que pretende também facilitar a criação deste tipo de projetos em Portugal.

Foi lançada também em 2023, a portaria nº 269/2023 , no Diário da República, onde se definem alguns critérios e regras na conceção deste tipo de projetos, onde são esclarecidos alguns conceitos por meio de princípios e objetivos deste tipo de habitação, onde se define a capacidade mínima/máxima de utilizadores da comunidade (4/60 utilizadores, num máximo de 20% de unidades da tipologia T0), onde também é exigida a constituição de um regulamento interno para cada projeto de habitação colaborativa, pensando também na criação de uma direção técnica e de uma equipa que integre esta direção de modo que o projeto funcione organizadamente, sobre a supervisão de pessoas qualificadas, entre outros aspetos importantes para a constituição destas comunidades, na procura por atingir um equilíbrio entre o espaço intimo, o privado, o coletivo e o público.

"uma solução de natureza habitacional que se organiza em contexto de comunidade, tendo como principal objetivo a vivência comunitária, assegurando-se um equilíbrio entre a privacidade e o ambiente coletivo, que se pretende mais familiar, personalizado e humanizado" [32]

- Filipa Arnaut Ramos de Carvalho

32 https://pra.pt/a-habitacao-colaborativa-e-comunitaria-regulacao/



F45 Perspetiva Geral Proposta Habitacional



Proposta Habitacional

O design da habitação colaborativa tem como objetivo maximizar a utilização dos espaços coletivos e a minimização dos individuais, promovendo assim o contacto social entre os moradores. Este deve ser pensado em função dos seus utilizadores, sendo que o arquiteto funciona como "tradutor" das visões dos residentes, participando num processo de cocriação ativa. Para isto ser possível existem duas abordagens a este tipo de projetos, a Bottom-Up, onde os futuros residentes participam ativamente nas fases de conceção e construção do projeto, garantindo a adaptação deste às suas necessidades. Na vertente Top-Down, o projeto é desenvolvido por uma instituição/arquiteto, sem envolvimento dos utilizadores finais, onde por vezes a eficiência dos espaços e a padronização destes, são os grandes objetivos de quem projeta para garantir um acesso com menores custos.

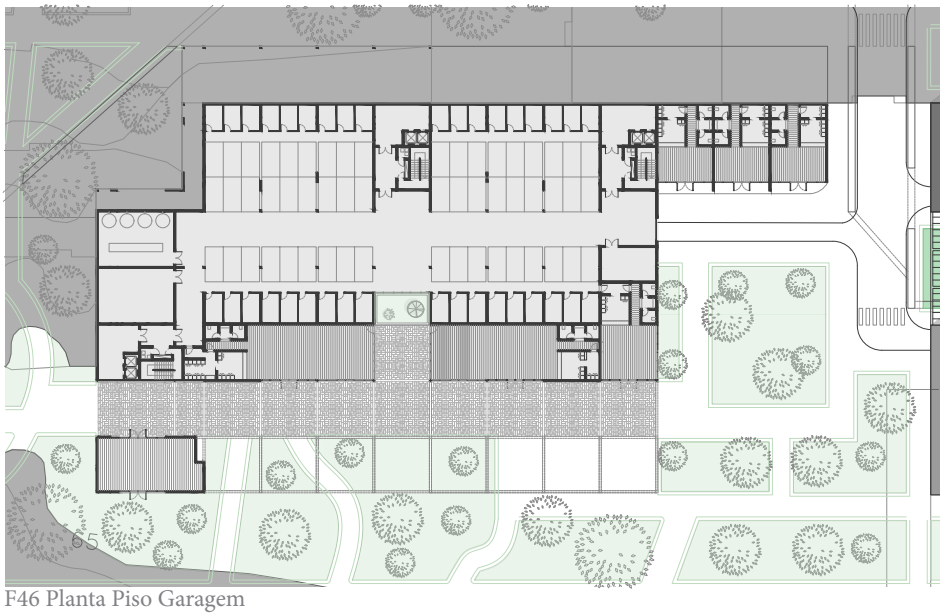
"Concordando que a cooperação era tão necessária em casa quanto no local de trabalho, decidiram que o seu complexo habitacional deveria ser pequeno o suficiente para permitir que os residentes se conhecessem e se sentissem à vontade usando a área comum como uma extensão da sala de estar. Além disso, o design deveria incentivar a interação social entre vizinhos e, mais importante ainda, um programa habitacional não deveria ser implementado para as pessoas, mas pelas pessoas." [32]
- Kathryn McCamant e Charles Durrett

Posto isto, e segundo o estudo realizado, propôs-se a conceção de uma unidade de habitação colaborativa, que integre os princípios expostos ao longo deste trabalho. Esta proposta procura criar um espaço de habitação que promova um espírito comunitário, onde ao mesmo tempo, é respeitada a individualidade de cada residente, dentro de um contexto arquitetónico flexível, pelo que o edifício se organiza em torno de um espaço comum central, localizado no piso térreo, onde estão alguns espaços de convivência para proveito da comunidade deste edifício, como sala de estar partilhada, cozinha e refeitório de uso comum, áreas de trabalho/estudo e uma lavandaria.

As unidades habitacionais, compostas por tipologias T1 (28 unidades) e T2 (9 unidades), organizadas segundo galerias de distribuição, foram projetadas com uma ideia de flexibilidade na vivência dentro do fogo. É pensada a possibilidade de transformar as zonas privadas em espaços partilhados, com o prolongamento das zonas sociais do apartamento até ao exterior deste. Em termos de sustentabilidade, o edifício visa incorporar várias soluções ecológicas, desde a instalação de painéis solares para a produção de energia e sistemas de recolha e reaproveitamento das águas.

Portanto, esta proposta foi desenvolvida em diferentes escalas de detalhe, explorando aspetos específicos de cada uma, onde foram propostas soluções para maximizar a interação social, ao mesmo tempo que se garante a privacidade e qualidade de vida individual dos residentes.

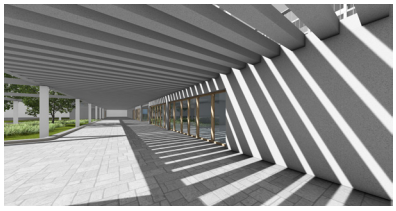
[33] "Agreeing that cooperation was as necessary at home as in the workplace, they decided their housing complex should be small enough to allow residents to know each other and to feel comfortable using the common area as an extended living room. In addition, the design should encourage social interaction between neighbors; and, most importantly, a housing program should not be carried out for people, but by people."
- McCamant & Durrett, 1988, p. 134



F46 Planta Piso Garagem

O piso inferior, mais próximo do parque urbano, é o piso onde se situa a garagem, porém, esta atua como um espaço multifuncional, integrando não só o estacionamento dos residentes, mas também é onde estão localizados os equipamentos necessários para garantir a sustentabilidade do edifício. Esta abordagem ecológica reflete-se na previsão de ter reservatórios para a recolha e reaproveitamento das águas pluviais, e em sistemas de reciclagem de águas cinzentas, contribuindo assim para uma melhor e mais eficiente gestão dos recursos hídricos. Além da sua função primordial de abrigar os veículos, a garagem oferece espaços de arrumação individual para cada habitação, proporcionando aos moradores um espaço de arrecadação adicional.

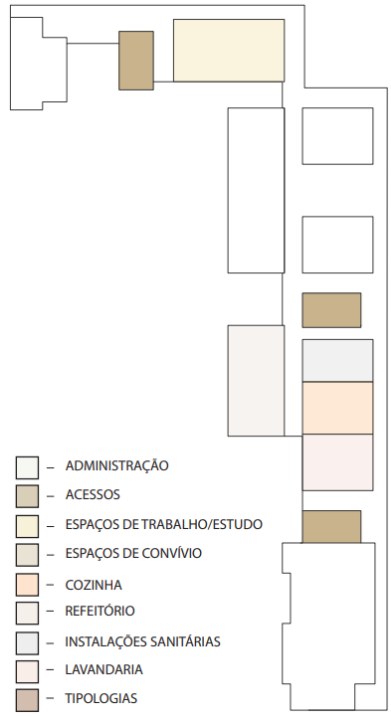
A implantação da garagem no terreno gerou a oportunidade de incluir espaços comerciais adjacentes a esta, que não só dinamizam este piso, como também introduzem uma nova vida no espaço público. Estes estabelecimentos incentivam a criação de uma continuidade dos caminhos previamente propostos no parque urbano, permitindo assim uma transição fluída entre o construído e os espaços verdes envolventes. Desta forma, a garagem tornou-se mais do que apenas um espaço funcional, fomentando a integração do projeto no tecido urbano e amplificando os pontos de encontro entre pessoas. A ligação direta entre o parque e a proposta de habitação colaborativa, sem o atravessamento de tráfego rodoviário, é outro dos pontos cruciais na conceção desta proposta, promovendo assim um ambiente mais seguro e convidativo à circulação pedonal.



F47 Espaços Comerciais em Relação com o Exterior

Proposta Habitacional

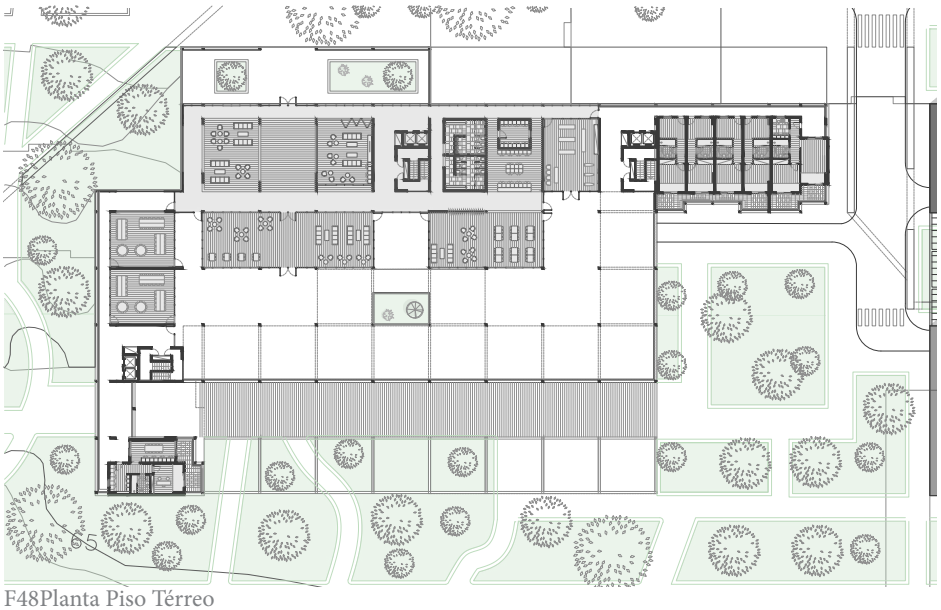
Edifício



F49 Distribuição Espacial



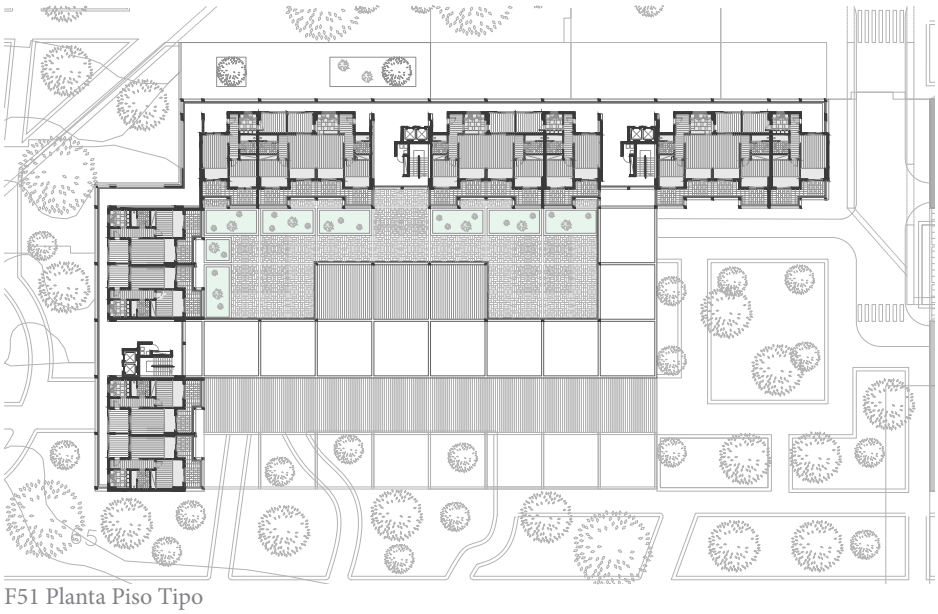
F50 Espaço Comunitário no Piso Térreo



F48Planta Piso Térreo

Este piso é considerado o coração da vida comunitário ou o epicentro da convivência coletiva, anteriormente descrito como a "Common House". Este funciona como centro comunitário, tanto em termos funcionais como simbólicos, onde estão concentrados os espaços de convívio e interação entre os residentes. As áreas projetadas, como salas de estudo/trabalho, a sala de convívio, a cozinha e o refeitório comunitário, e a lavandaria comum, foram desenhados de forma a incentivar o encontro e a convivência. Estas zonas comuns promovem oportunidades para que os moradores se encontrem, partilhem tarefas quotidianas e estabeleçam conexões entre si, criando assim uma forte dinâmica de comunidade. As envolventes de vidro das diferentes áreas, além de proporcionarem uma melhor iluminação natural dos espaços, garantem uma conexão visual contínua entre os espaços. Esta opção procura criar ambientes que favoreçam a interação, onde os residentes se sintam confortáveis em partilhar os espaços, bem como as suas atividades diárias. Além disso, este piso oferece ainda um conjunto de apartamentos destinados ao aluguer ou ao acolhimento de pessoas em necessidade, reforçando caráter inclusivo e solidário da proposta.

Esta flexibilidade garante que o espaço não atenda apenas às necessidades dos moradores permanentes, mas também mantenha a comunidade aberta a receber em momentos de crise ou de transição. O espaço foi pensado como uma oportunidade para se desenvolverem encontros espontâneos, com zonas externas cobertas, que ampliam as possibilidades de espaços de socialização. A proximidade entre os espaços internos e externos, juntamente com a fluidez introduzida na circulação, convida os residentes a utilizarem estes espaços como uma extensão da própria casa. Em suma, este piso pretende criar não só um espaço acessível, mas também acolhedor e confortável, onde os moradores se sintam parte de uma rede de apoio mútuo e possam compartilhar experiências, contribuindo para a construção de uma comunidade solidária e participativa.



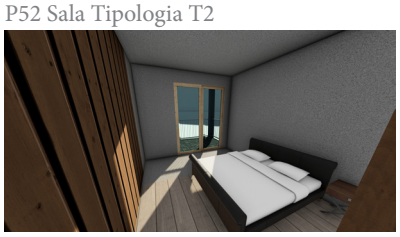
F51 Planta Piso Tipo

A distribuição de habitações em tipologias T1 e T2 foi projetada com o objetivo de promover a convivência e a flexibilidade dos espaços. A disposição dos apartamentos foi pensada para incentivar uma vida de comunidade ativa, respeitando, ao mesmo tempo, a individualidade e a privacidade de cada residente. Com orientação estratégica dos espaços sociais das habitações – sala de estar e cozinha – foi pensada de modo a proporcionar uma visão direta sobre os espaços comuns de circulação, sendo estes os espaços onde o morador passa mais tempo dentro de casa. Esta opção de organização favorece a supervisão natural, que pretende fomentar um maior sentimento de segurança e de companheirismo entre os residentes. As galerias de distribuição assumem um papel mais dinâmico do que o simples acesso aos apartamentos, integrando "nichos" adjacentes às habitações, que podem ser utilizados coletivamente ou de forma privada, conforme a preferência dos moradores. Estes nichos funcionam como espaços de transição entre o espaço público e o privado, onde é procurada a promoção de interações sociais espontâneas e oferecendo uma maior flexibilidade do uso dos espaços. Através de painéis móveis, esses nichos podem ser fechados ou abertos, transformando as galerias em áreas ativas de convivência, indo além da sua função tradicional de circulação.

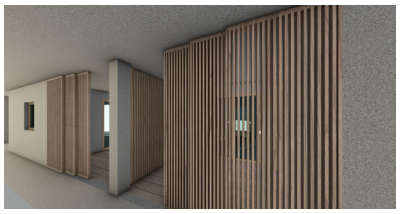
A conexão entre o interior e o exterior é maximizada pelas portas de correr nas áreas de estar, criando uma continuidade espacial entre os compartimentos internos e os espaços externos à habitação, atuando a varanda e o nicho adjacente como uma extensão natural do apartamento. Nas tipologias menores, as cozinhas foram desenhadas para serem mais compactas, com o intuito de incentivar o uso dos espaços comuns, como as áreas de refeição partilhadas no piso térreo. Esta abordagem procura reforçar o espírito de colaboração entre os moradores, a partilha de recursos e a criação de oportunidades adicionais de interação social. Ao mesmo tempo, existe uma economia de espaço dos apartamentos individuais, favorecendo o uso ampliado dos espaços coletivos.



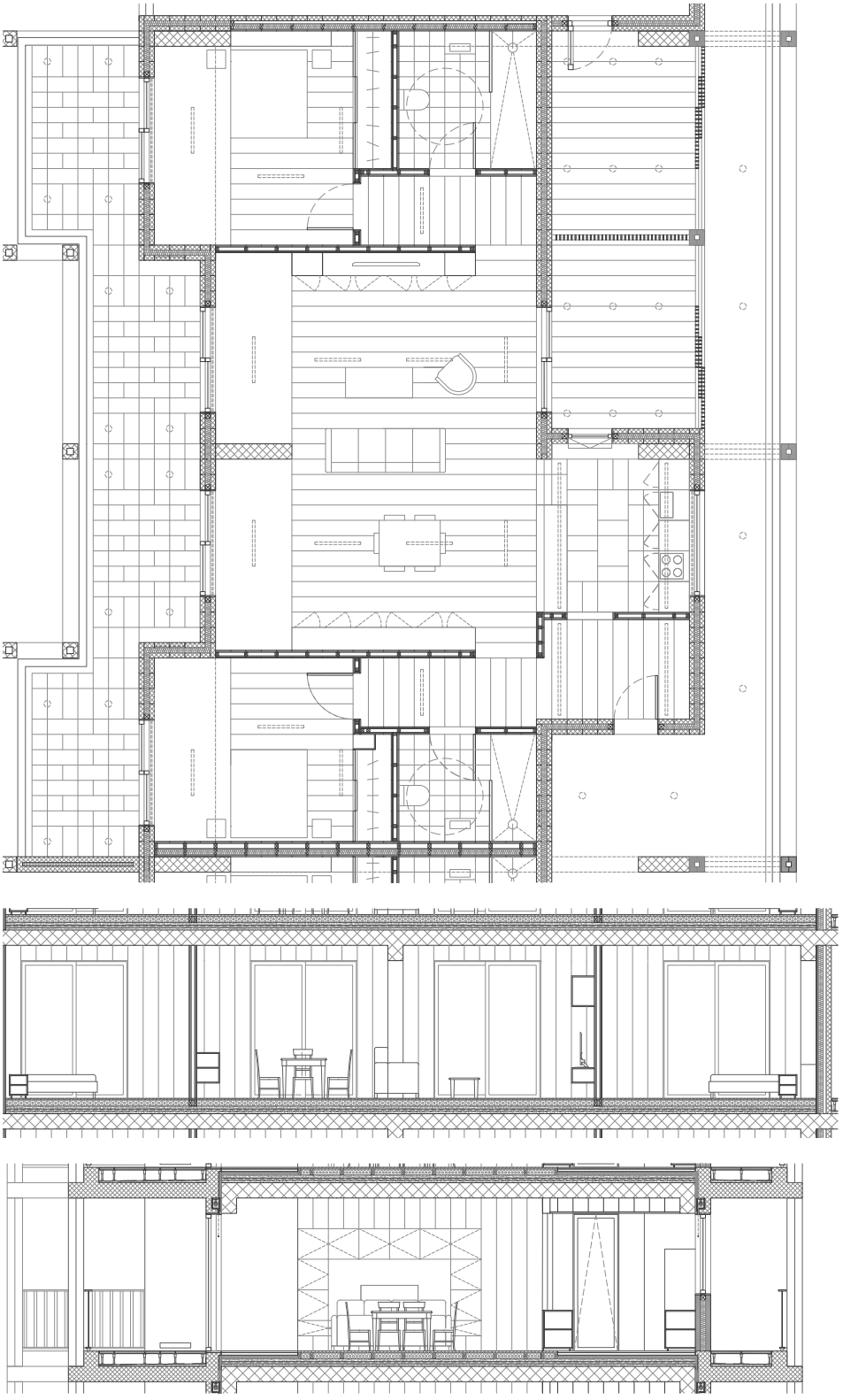
P52 Sala Tipologia T2



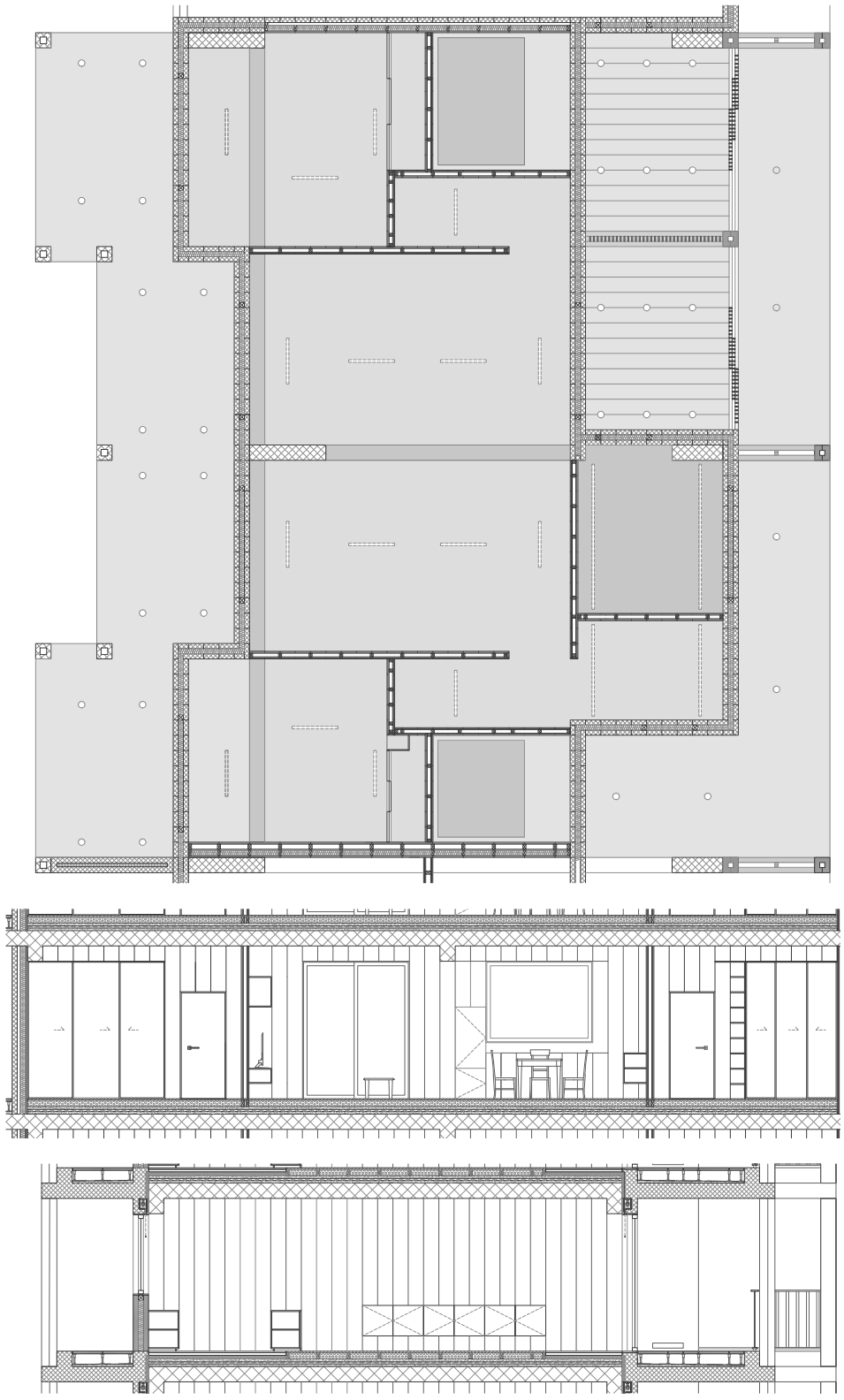
F53 Quarto



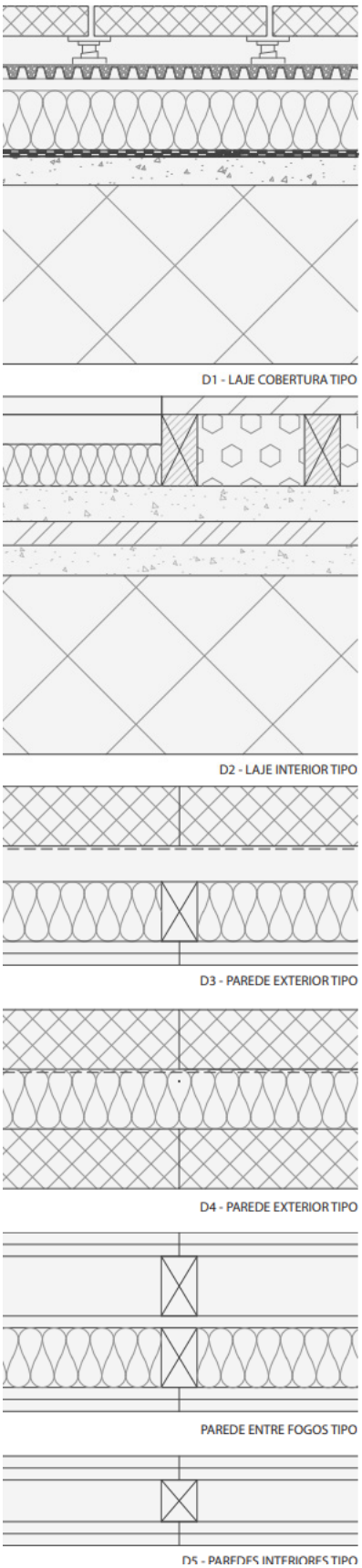
F54 Espaço Social Exterior às Tipollogias



F55 Planta de Piso e Alçados Sala de Estar / Cozinha



F56 Planta de Tetos e Alçados Sala de Estar / Cozinha



F57 Nós Construtivos Gerais

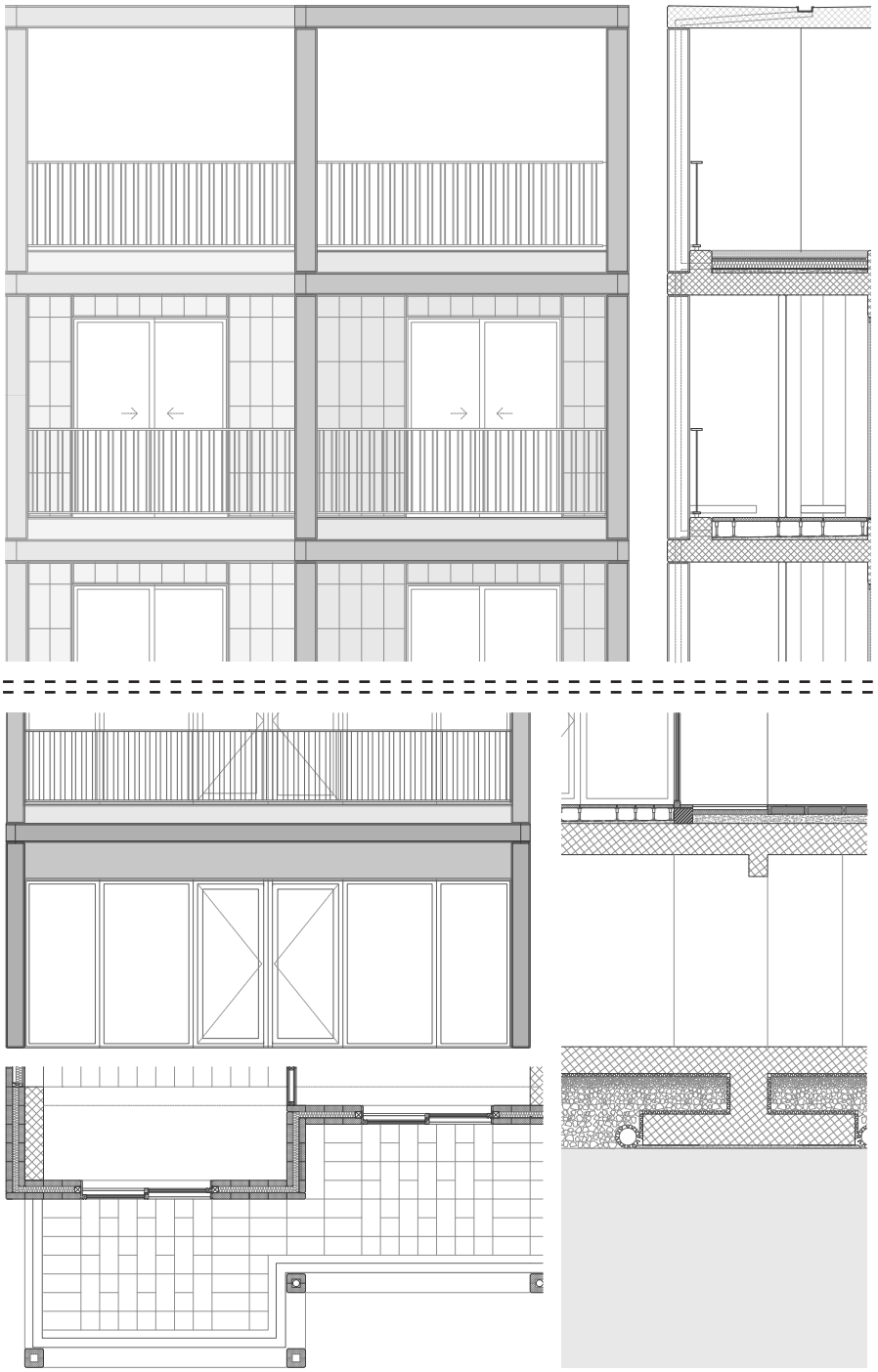
A proposta de habitação neste projeto assenta em valores como a simplificação de materiais, onde o alinhamento e a modularidade desempenham um papel central. Todo o desenho, desde os espaços internos aos vãos, caixilharias e mobiliário, rege-se por uma matriz de 30 cm, garantindo que todos os elementos estão alinhados e em harmonia. Este rigor geométrico pretende conferir uma coerência espacial, refletindo-se na organização visual e funcional dos interiores e exteriores.

Composta por uma parede dupla de betão pré-fabricado, com um sistema de isolamento térmico pelo interior, esta solução para a envolvente exterior procura oferecer várias vantagens ao projeto como por exemplo, a rapidez na execução ou a qualidade e precisão dos acabamentos. O betão pré-fabricado, também utilizado nas varandas, confere uma continuidade material de desenho cuidado, enquanto reforça a ideia de robustez e durabilidade da fachada.

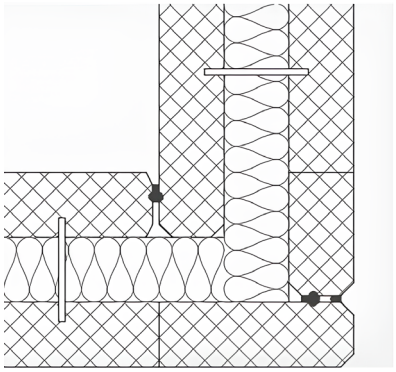
No interior, a presença dos pilares estruturais em betão é deliberadamente exposta, marcando a sua verticalidade nos espaços. Este é um elemento integrado no design interior dos espaços, criando uma moldura material em conjunto com a laje de betão exposta, unindo os vários planos verticais e horizontais. No entanto, tendo em consideração o conforto e a procura de garantir um ambiente acolhedor, ao mesmo tempo que equilibrado e a necessidade de "esconder" infraestruturas técnicas, são utilizados tetos falsos em madeira, distribuídos de forma pontual.

A madeira desempenha um papel importante no interior, sendo utilizada nos pavimentos, caixilharias e paredes. A escolha deste material tem como intenção criar um contraste entre a rigidez do betão e a delicadeza e naturalidade da madeira, promovendo um sentimento de conforto espacial.

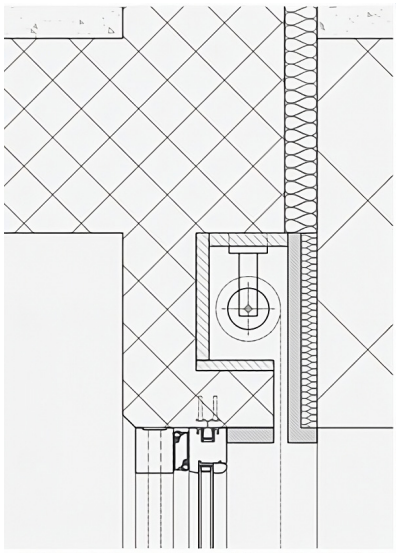
A simplificação dos materiais e a standardização do processo construtivo, foram duas linhas de pensamento priviligiadas no desenvolvimento desta proposta, garantindo uma maior eficiência na construção do edifício, reduzindo tempo e custos, sem comprometer a qualidade do produto final. Esta abordagem cria uma uniformidade estética e funcional, oferecendo aos espaços requisitos de durabilidade e, ao mesmo tempo de conforto, bem como procura conferir ao edifício uma linguagem arquitetónica, limpa e contemporânea.



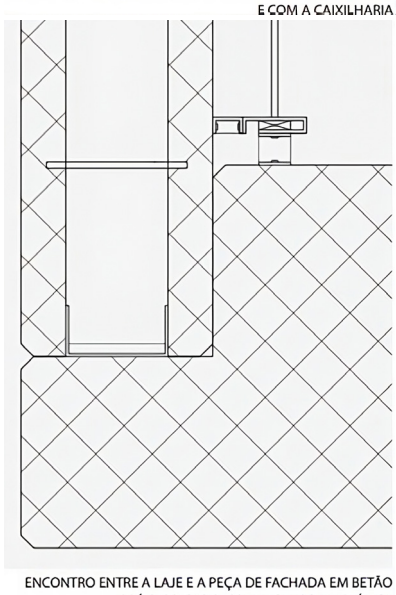
F58 Desenhos de Pormenor



PAREDE EXTERIOR DE CANTO



ENCONTRO DO BETÃO PRÉ-FRABRICADO COM O BLACK OUT E COM A CAIXILHARIA



ENCONTRO ENTRE A LAJE E A PEÇA DE FACHADA EM BETÃO PRÉ-FABRICADO, COM A GUARDA METÁLICA

F59 Nós Construtivos Excecionais

Considerações Finais

O presente trabalho, procurou desenvolver um projeto residencial que investigasse o conceito de habitação colaborativa, inserida no VSA, na tentativa de propor uma hipótese de resposta para aquele que é um dos maiores vazios urbanos de Lisboa, bem como um dos problemas mais prementes da nossa sociedade - A Habitação. A proposta procurou apresentar um novo modo de habitar, onde se promove um modelo de convivência baseado na partilha de espaços e de recursos, adaptado às necessidades dos moradores.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, procurou-se demonstrar que a habitação colaborativa tem um forte potencial para oferecer uma solução viável para questões por resolver na cidade, como a segregação e o isolamento social, bem como a procura por um modo de vida responsável e sustentável. O projeto, como vimos, assenta em dois eixos conceptuais principais, o da criação de espaços comuns que promovam a interação entre os moradores e a flexibilidade no desenho das habitações, que foram aqui fundamentados e desenvolvidos.

A intervenção à escala do VSA, foi pensada para respeitar o seu contexto histórico e cultural, tendo a proposta sido baseada na implementação de um corredor verde, na estruturante reconfiguração topográfica do vale, na criação de hortas comunitárias, bem como no reforço das infraestruturas, incentivando uma mobilidade mais sustentável.

O parque urbano proposto, não serve apenas um papel de recreio e lazer, mas combate também questões ambientais, como a retenção, infiltração e drenagem das águas pluviais, na linha de tentar criar um projeto responsável ecologicamente e resiliente face às alterações climáticas.

Em termos arquitetónicos, a escolha dos materiais, bem como a sua standardização construtiva, desde a estrutura de betão, aos painéis de betão pré-fabricado que compõe a envolvente exterior, permitiu uma solução simples no que toca ao processo construtivo, ao mesmo tempo que se propõe uma imagem arquitetónica limpa, funcional e de baixa manutenção.

Em conclusão, este projeto procurou investigar uma resposta alternativa aos problemas habitacionais correntes, procurando encontrar um equilíbrio entre a qualidade de vida, a coesão social e a sustentabilidade. A proposta não só redefine o contexto local do VSA, mas também procura especular sobre um futuro onde a habitação colaborativa se pode afirmar como um modelo de vida alternativo e válido mais solidário, mitigando questões como o isolamento social e que promova um envelhecimento ativo e integrado

Bibliografia

Bibliografia

ALMEIDA, Ana Carolina Graetz Nogueira De - **Coliving: uma alternativa de residência para a população idosa** [Em linha]. Universidade Católica Portuguesa : [s.n.] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/39893/1/203156021.pdf>.

ANDRÉ, Mário Rui - **Há «novas formas de viver»? A habitação cooperativa e colaborativa em discussão** [Em linha], atual. 28 nov. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://lisboaparapessoas.pt/2023/11/28/novas-formas-de-viver-habitacao-cooperativa-colaborativa-ccb/#google_vignette>.

ANDRÉ, Mário Rui - **Vale de Santo António: um território à espera de decisões e concretizações** [Em linha], atual. 10 out. 2023. [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://lisboaparapessoas.pt/2023/10/10/vale-de-santo-antonio-plano-de-urbanizacao/#google_vignette>.

ANKIRA - **Habitação Colaborativa e Comunitária – Uma nova resposta social.** Ankira. [Em linha] (26 set. 2023). [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://ankira.pt/blog/habitacao-colaborativa-e-comunitaria-uma-nova-resposta-social/>.

AZEVEDO, Alda Botelho - **Como vivem os portugueses : população e famílias | alojamentos e habitação**. [S.l.] : Lisboa Fundação Francisco Manuel Dos Santos, 2020. ISBN 9789899004498.

BAPTISTA, Sofia Correia - **Viver em comunidade e manter a independência: as chaves da habitação colaborativa** [Em linha], atual. 8 ago. 2022. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://expresso.pt/longevidade/2022-08-08-Viver-em-comunidade-e-manter-a-independencia-as-chaves-da-habitacao-colaborativa-04fede17>.

BOSSUYT, Daniël - **Who Owns Collaborative Housing? A Conceptual Typology of Property Regimes. Housing, Theory and Society.** 39:2 (2021) 200–216. doi: https://doi.org/10.1080/14036096.2021.1888788.

BOUMA, J. T.; POELMAN, W. A.; VOORBIJ, A. I. M. - S**upporting social contact design principles in common areas of cohousing communities** [Em linha]. Groningen, Twente : Hanze University of applied science, 2010 [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.academia.edu/4722409/Supporting_social_contact_design_principles_in_common_areas_of_cohousing_communities>.

BRYSCH, Sara - **Por uma habitação colaborativa em Portugal** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.revistapunkto.com/2018/03/por-uma-habitacao-colaborativa-em.html>.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **PROGRAMA DE EXECUÇÃO ALTERAÇÃO AO PLANO DE URBANIZAÇÃO DO VALE DE SANTO ANTÓNIO** [Em linha] [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2023/10/puvalesantoantonio_23exec.pdf>.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Encontro de Urbanismo – Lisboa, A Cidade dos Vales – Vale de Santo António** [Em linha], atual. 20 jul. 2023. [Consult. 18 abr. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.youtube.com/watch?v=kCufcQO04Kc>.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Evolução** [Em linha], atual. 2024. [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/planeamento-urbano/evolucao>.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **PROGRAMA DE EXECUÇÃO ALTERAÇÃO AO PLANO DE URBANIZAÇÃO DO VALE DE SANTO ANTÓNIO** [Em linha] [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://lisboaparapessoas.pt/wp-content/uploads/2024/07/puvalesantoantonio_programa.pdf>.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA; EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA - **PLANO DE URBANIZAÇÃO DO VALE DE SANTO ANTÓNIO** [Em linha] [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.lisboa.pt/fileadmin/portal/temas/urbanismo/planos_urbanizacao/vale_sto_antonio/pecas_escritas/pu_vale_santo_antonio_relatorio.pdf>.

CAMPOS, Alexandra - **Vamos envelhecer juntos? Cohousing dá os primeiros passos em Portugal** [Em linha], atual. 22 fev. 2019. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.publico.pt/2019/02/22/sociedade/noticia/vamos-envelhecer-juntos-cohousing-passos-portugal-1863102>.

Bibliografia

CANHA, Sofia - **Cohousing ou Habitação Colaborativa** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.dnoticias.pt/2020/10/23/105537-cohousing-ou-habitacao-colaborativa>.

CARVALHO, Filipa Arnaut Ramos De - **A Habitação Colaborativa e Comunitária: Regulação** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://pra.pt/a-habitacao-colaborativa-e-comunitaria-regulacao/>.

CERQUEIRA, Fernanda - **O que é isto do cohousing?** impulsopositivo.com/o-que-e-isto-do-cohousing [Em linha] [Consult. 10 mai. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://impulsopositivo.com/o-que-e-isto-do-cohousing/>.

COELHO, António Baptista; PEDRO, João Branco - **Do bairro e da vizinhança à habitação. Tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais.** 3.ed. Lisboa: LNEC, 2002. ISBN 9789724917566.

CONSELHOS DO CONSULTOR - **Habitação Colaborativa e Comunitária -Perguntas e Respostas** conselhosdoconsultor.com/habitacao-colaborativa-e-comunitaria-perguntas-e-respostas [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://conselhosdoconsultor.com/habitacao-colaborativa-e-comunitaria-perguntas-e-respostas/?doing_wp_cron=1715352410.5631339550018310546875>.

COOPERATIVE CITY - **Collaborative housing: innovation in community engagement, social inclusion and participatory design** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:cooperativecity.org/2020/11/09/collaborative-housing-innovation-in-community-engagement-social-inclusion-andparticipatory-design>.
CORDEIRO, Bárbara Lopes De Abreu Pais - **Cohousing: uma alternativa de habitação para a população mais velha: contribuições para a aplicabilidade do conceito em Portugal** [Em linha]. Universidade de Aveiro : [s.n.] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10773/34082>. Tese de Mestrado.

CORREIA, Patricia - **Habitação colaborativa nasce na Guarda para acolher idosos, jovens e deficientes** [Em linha], atual. 21 fev. 2024. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://beira.pt/portal/noticias/sociedade/habitacao-colaborativa-nasce-na-guarda-para-acolher-idosos-jovens-e-deficientes>.

CORREIO DA GUARDA - **CERCIG impulsiona habitação colaborativa** [Em linha], atual. 18 fev. 2024. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://correiodaguarda.blogs.sapo.pt/cercig-impulsiona-habitacao-1166268>.

CZISCHKE, Darinka - **Collaborative housing and housing providers: towards an analytical framework of multi-stakeholder collaboration in housing co-production**. International Journal of Housing Policy. 18:1 (2017) 55–81. doi: https://doi.org/10.1080/19491247.2017.1331593.

CZISCHKE, Darinka; BRYSCH, Sara; ZEULEVOET, Stephanie (EDS.) - **The role(s) of the architect in collaborative housing** [Em linha]. [S.l.] : Co-Lab Research, [s.d.] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://co-lab-research.net/>.

CZISCHKE, Darinka; CARRIOU, Claire; LANG, Richard - **Collaborative Housing in Europe: Conceptualizing the Field.** Housing, Theory and Society. 37:1 (2020) 1–9. doi: https://doi.org/10.1080/14036096.2020.1703611.

DIÁRIO DA REPÚBLICA - **Portaria n.o 269/2023**, de 28 de agosto [Em linha], atual. 28 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/269-2023-220949541>.

DIÁRIO DA REPÚBLICA - **Análise Jurídica - Resolução do Conselho de Ministros** n.o 94/94, de 29 de setembro [Em linha], atual. 2024. [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://diariodarepublica.pt/dr/analise-juridica/resolucao-conselho-ministros/94-1994-609283>.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - **Juntar idosos, deficientes e famílias vulneráveis. Habitação colaborativa chega a várias zonas do país** [Em linha], atual. 22 fev. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.dn.pt/sociedade/juntar-idosos-deficientes-e-familias-vulneraveis-habitacao-colaborativa-chega-a-varias-zonas-dopais-15878867.html/>.

DIVISION OF URBAN AND REGIONAL STUDIES, ROYAL INSTITUTE OF TECHNOLOGY IN COLLABORATION WITH KOLLEKTIVHUS NU - **Living together - Cohousing Ideas and Realities Around the World** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://kollektivhus.se/wp-content/uploads/2017/06/Livingtogetherwebb-1.pdf>.

DOMINGUES, Sónia - **Habitação colaborativa: como funciona e quem se destina?** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.laresonline.pt/en/blog/habitacao-colaborativa-como-funciona-e-quem-se-destina>.

DORAN, Angie; LIBBY, Kay; STEVENS, Jon - **Collaborative Housing and Innovation in Care** (CHIC) [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://collabhousingcare.blogs.bristol.ac.uk/>.

ECO - **Habitação comunitária tem 22 projetos em investimento de 22 milhões** [Em linha], atual. 28 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://eco.sapo.pt/2023/08/28/habitacao-comunitaria-tem-22-projetos-em-investimento-de-22-milhoes>.

ENVELHECER - **COHOUSING – UMA ALTERNATIVA RESIDENCIAL PARA OS SENIORES** [Em linha], atual. 25 fev. 2019. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://envelhecer.pt/cohousing-uma-alternativa-residencial-para-os-seniores>.

FASTER CAPITAL - **Collaborative Housing: Reimagining Homeownership** [Em linha] [Consult. 12 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://fastercapital.com/content/Collaborative-Housing--Reimagining-Homeownership.html#The-Rise-of-Collaborative-Housing.html>.

FATELA, Conceição Soares - **O Cohousing: Breve Abordagem Jurídico-Prática** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://revistas.ulusofona.pt/index.php/delegibus/article/view/7891>.

FOREVER YOUNG - **Cohousing pode ser uma solução para o futuro da habitação sénior** [Em linha], atual. 26 fev. 2019. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://foreveryoung.sapo.pt/cohousing-pode-ser-uma-solucao-para-o-futuro-da-habitacao-senior/>.

FROMM, DORIT - **Seeding Community: Collaborative Housing as a Strategy for Social and Neighbourhood Repair. Built Environment.** 38:3 (2012) 364–394. doi: https://doi.org/10.2148/benv.38.3.364.

FURLANI , Bruna; POMPEU , Lauriberto - **Habitação colaborativa para idosos é tendência internacional** infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/habitacao-colaborativa-para-idosos-e-tendencia-internacional [Consult. 21 fev. 2024].

GABINETE DO VEREADOR RICARDO VELUDO - **P R O P O S T A N.o 567 /2020** [Em linha] [Consult. 21 nov. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://cidadania.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/urbanismo/planos_urbanizacao/vale_santo_antonio/reinicio_procedimento/pu_vale_santo_antonio_proposta_567_2020.pdf>.
GEHL, Jan - **Cities for people**. Washington, Dc : Island Press, 2010. ISBN 9781597265737.

GEHL, Jan - **Life between Buildings: Using Public Space**. Washington, DC : Island Press, 2011. ISBN 9781597268271.

GONZALITO - **Megaplano para o V.S. António vai ter 2.400 casas com rendas acessíveis** [Em linha], atual. 23 mai. 2024. [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.wireportugal.com/pt/noticias/mercado/megaplano-v-s-antonio-vai-ter-2-400-casas-com-rendas-acessiveis/>.

GRIFFITH, Emma Jo; JEPMA, Mirte; SAVINI, Federico - **Beyond collective property: a typology of collaborative housing in Europe.** International Journal of Housing Policy. 24:1 (2022) 121–141. doi: https://doi.org/10.1080/19491247.2022.2123272.

IBERDROLA - **Cohousing, o modelo sustentável de habitações colaborativas** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.iberdrola.com/compromisso-social/cohousing>.

Bibliografia

IDEALISTA - **Governo aposta em projetos de habitação colaborativa** — idealista/news [Em linha], atual. 6 jan. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2023/01/06/56210-habitacao-colaborativa-22-projetos-criam-alojamento-para-800-pessoas>.IDEALISTA - **Governo vai dar alojamento a pessoas vulneráveis** [Em linha], atual. 29 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2023/08/29/59265-habitacao-colaborativa-e-comunitaria-22-milhoes-para-pessoas-vulneraveis>.

IDEALISTA - **Cohousing: uma nova forma de habitação** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://asmip.pt/pt/noticias/detalhe/cohousing-uma-nova-forma-de-habitacao-com-projetos-ja-a-nascer-em-portugal_1205>.

IMPULSO POSITIVO - **Cohousing em Portugal** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://impulsopositivo.com/cohousing-em-portugal/>.

INSTITUTE FOR SUSTAINABLE FUTURES - **Collaborative Housing | Building a great life Together** [Em linha], atual. jun. 2019. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.collaborativehousing.org.au/>.

KIM, Grace - **Making a Case for Urban Cohousing. Communities | Life in Coperative Culture**. [Em linha]177 (2017) 55–59. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://capitolhillurbancohousing.org/wp-content/uploads/2017/12/177_CommunitiesMagazine.pdf>.

LITTLE, Joseph - **Lessons from Freiburg on Cooperative Housing** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://arrow.tudublin.ie/cgi/viewcontent.cgi?article=1058&context=bescharcart>.

MAESTRELLI, Heloíse Serro - **Habitação colaborativa para idosos: Uma arquitetura para o envelhecimento ativo** [Em linha]. UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUITETURA E URBANISMO : [s.n.] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/7592>. Trabalho de conclusão de curso

MCCAMANT, Kathryn; DURRETT, Charles; HERTZMAN, Ellen - **Cohousing : a contemporary approach to housing ourselves**. Berkeley, Calif. : Ten Speed Press, 2003. ISBN 9780898155396.

MILMAN , Danny - **The History of Cohousing** [Em linha]. [S.l.] : The Co-Housing Company, [s.d.] [Consult. 9 mai. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://cohousing.ca/about-cohousing/history-of-cohousing/>.

MOREIRA, Maria João Guardado - **Como envelhecem os portugueses : envelhecimento, saúde, idadismo**. [S.l.] : Lisboa Fundação Francisco Manuel Dos Santos, 2020. ISBN 9789899004535.

MOSCOSO, Lina - **Habitação colaborativa em Portugal** portalvozes.com/360/habitacao-colaborativa-em-portugal [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://portalvozes.com/360/habitacao-colaborativa-em-portugal/>.

NEWSHAM, Bridget - **Cohousing offers community and a different way to live** [Em linha], atual. 23 mai. 2018. [Consult. 9 mai. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.strongtowns.org/journal/2018/4/18/cohousing-offers-a-different-way-to-live>.

OLIVEIRA, Pedro Vasco - **Habitação colaborativa na promoção do envelhecimento ativo e saudável** [Em linha], atual. 7 mar. 2019. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://solidariedade.pt/site/detalhe/13563>.

PEDRO, João Branco - **Programa habitacional: habitação**. Lisboa : LNEC, 2001. ISBN 9724918122.

PEDROSO, Paulo - **Habitação colaborativa, uma resposta social com potencial inovador** [Em linha], atual. 9 set. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://solidariedade.pt/site/detalhe/14702>.

PINTO, Luísa - **Falta pensar na habitação colaborativa como forma de resolver carências residenciais** [Em linha] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.publico.pt/2019/02/21/economia/noticia/falta-pensar-habitacao-colaborativa-forma-resolver-carencias-habitacionais-1862897>

Bibliografia

Plano de Urbanização do Vale de Santo António | PCGT - [Em linha], atual. 2020. [Consult. 15 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://pcgt.dgterritorio.gov.pt/node/15822>.

PORTUGAL.GOV.PT - **Habitação comunitária: resposta social inovadora já tem 22 projetos aprovados** [Em linha], atual. 29 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=habitacao-comunitaria-resposta-social-inovadora-ja-tem-22-projetos-aprovados>.

PORTUGAL.GOV.PT - **Criada nova resposta social para envelhecimento através de Habitação Colaborativa** [Em linha], atual. 28 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/comunicado?i=criada-nova-resposta-social-para-envelhecimento-atraves-de-habitacao-colaborativa>.

PRIEST, Isabelle - **Different kind of living** [Em linha]. [S.l.] : The Riba Journal, 17 Set. 2015 [Consult. 9 mai. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.ribaj.com/intelligence/different-kind-of-living>.

PROFESSOR E ALUNOS 5ºE - **Lisboa | Vale | Paisagem - O Vale de Santo António: Elementos Operativos para o Desenho da Cidade**. 2023/2024. ed. [S.l.] : Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, [s.d.].

PUPLAMPU, Vivian et al. - **The Impact of Cohousing on Older Adults' Quality of Life.** Canadian Journal on Aging / La Revue canadienne du vieillissement. 39:3 (2019) 406–420. doi: https://doi.org/10.1017/s0714980819000448.

RECUPERAR PORTUGAL - **420 milhões do PRR para nova geração de respostas sociais** [Em linha], atual. 30 jan. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://recuperarportugal.gov.pt/2023/01/30/420-milhoes-do-prr-para-nova-geracao-de-respostas-sociais>.

RIBEIRO, Felipe - **Aprovada alteração do Plano de Urbanização do Vale de Santo António** [Em linha]. [S.l.] : Vida Imobiliária, 2024, atual. 31 out. 2024. [Consult. 18 ago. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://vidaimobiliaria.com/noticias/habitacao/aprovada-altera%C3%A7%C3%A3o-do-plano-de-urbaniza%C3%A7%C3%A3o-do-vale-de-santo-ant%C3%B3nio/>.

RODRIGUES, André Machado - **Coabitação - Uma Reinterpretação da Habitação Coletiva** [Em linha]. Universidade Federal do Piauí – UFPI : [s.n.] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.academia.edu/43159862/Coabita%C3%A7%C3%A3o_Uma_Reinterpreta%C3%A7%C3%A3o_da_Habita%C3%A7%C3%A3o_Coletiva>. Monografia.

SAPO - **Habitação Colaborativa** [Em linha], atual. 6 set. 2023. [Consult. 10 mai. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.sapo.pt/opiniao/artigos/habitacao-colaborativa>.

SAPO - **Habitação colaborativa: um caminho para o envelhecimento feliz** [Em linha], atual. 5 fev. 2024. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://lifestyle.sapo.pt/saude/noticias-saude/artigos/habitacao-colaborativa-um-caminho-para-o-envelhecimento-feliz>.

SCOTTHANSON, Chris; SCOTTHANSON, Kelly - **The cohousing handbook : Building a place for community.** Gabriola Island, Bc : New Society Publishers, 2005. ISBN 9780865715172.

SIC NOTICIAS - **Governo avança com programa de Habitação Colaborativa** [Em linha], atual. 28 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://sicnoticias.pt/pais/2023-08-28-Governo-avanca-com-programa-de-Habitacao-Colaborativa-845886dc>.

SOUSA, Vitor Emanuel Freitas - **Cohousing: habitação e comunidade intencional Do conceito inicial dinamarquês de 1972-73 à transposição americana em Capitol Hill Urban Cohousing de 2016** [Em linha]. Universidade de Coimbra : [s.n.] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/104719>. Dissertações de Mestrado.

SUPERCASA.PT - **Governo anuncia proposta de alojamento comunitário** - SUPERCASA [Em linha], atual. 30 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://supercasa.pt/noticias/governo-anuncia-proposta-de-alojamento-comunitario/n4729>.

TEMEL, Robert et al. - **Why and how cities can promote affordable and sustainable Collaborative Housing** | CoHabitat Network [Em linha], atual. 28 jul. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.co-habitat.net/en/news/why-and-how-cities-can-promote-affordable-and-sustainable-collaborative-housing-ishf-2023>.

TORRES, Hugo - **Renda acessível, um grande parque verde e ciclovia: será desta que o Vale de Santo António avança?** Time Out Lisboa. 2023). doi: https://doi.org/106011986/400/225.

Bibliografia

TUMMERS, Lidewij - **Intentional communities: methods for reviewing the rise of citizens' housing initiatives in a European perspective** [Em linha], atual. 5 jul. 2011. [Consult. 9 mai. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://repository.tudelft.nl/islandora/object/uuid:98c0a4b1-1c95-4363-b27e-2c4b3550d56f/datastream/OBJ/download>.

TUMMERS, Lidewij - **Understanding co-housing from a planning perspective: why and how?** Urban Research & Practice. 8:1 (2015) 64–78. doi: https://doi.org/10.1080/17535069.2015.1011427.

TUMMERS, Lidewij - **Introduction to the special issue: Towards a long-term perspective of self-managed collaborative housing initiatives**. Urban Research & Practice. 8:1 (2015) 1–4. doi: https://doi.org/10.1080/17535069.2015.1011421.

VARADY, David P. - Lidewij Tummers: **There-emergence of co-housing in Europe**. Journal of Housing and the Built Environment. 32:4 (2016) 859–861. doi: https://doi.org/10.1007/s10901-016-9536-z.

VISÃO - **Vamos viver numa «república»?** [Em linha]2019) 96–97. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.ulisboa.pt/sites/ulisboa.pt/files/public/vamos_viver_numa_republica.pdf>.

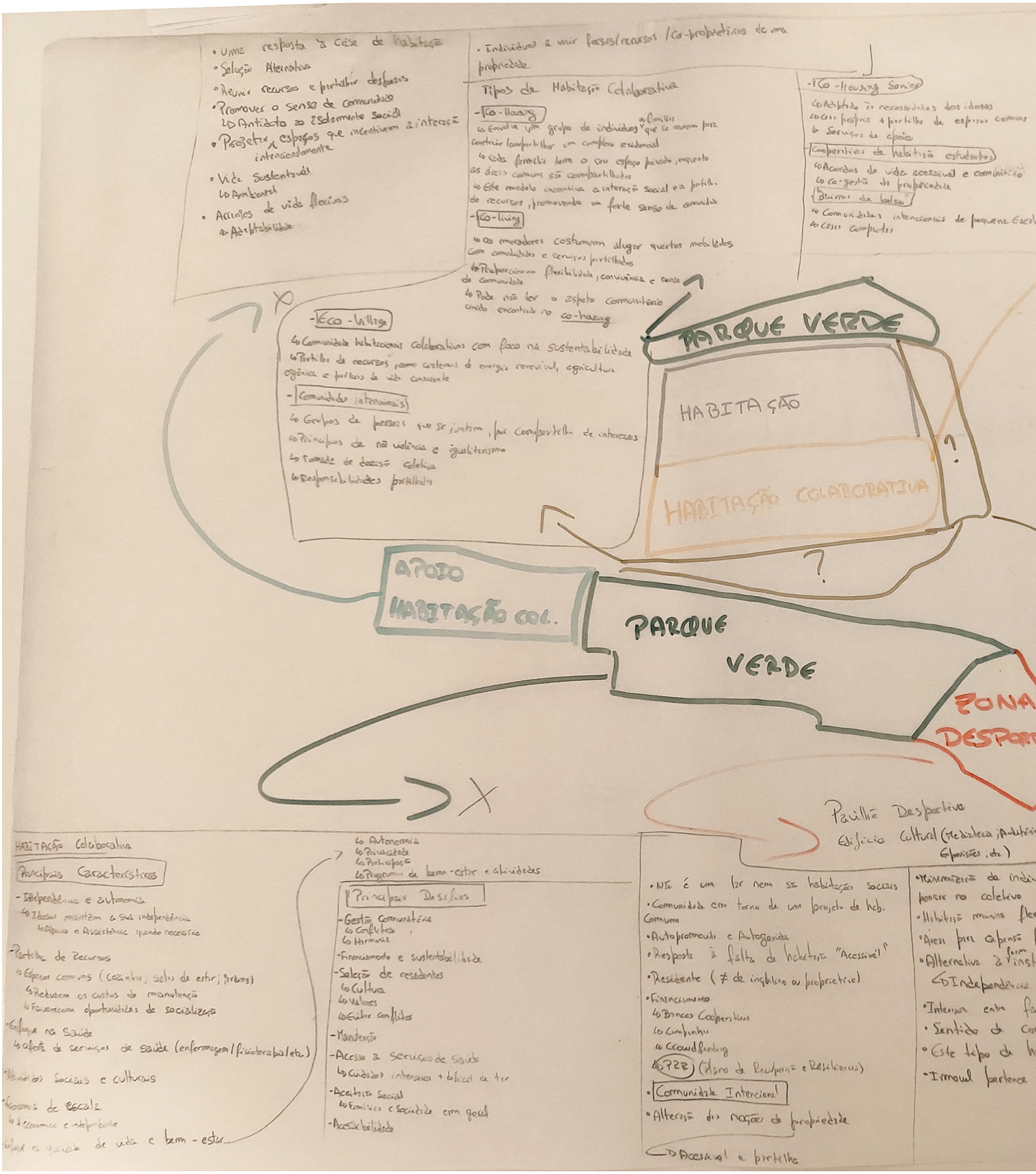
VISÃO - **Habitação comunitária com 22 projetos em investimento de 22 ME** [Em linha], atual. 28 ago. 2023. [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://visao.pt/atualidade/economia/2023-08-28-habitacao-comunitaria-com-22-projetos-em-investimento-de-22-me/>.

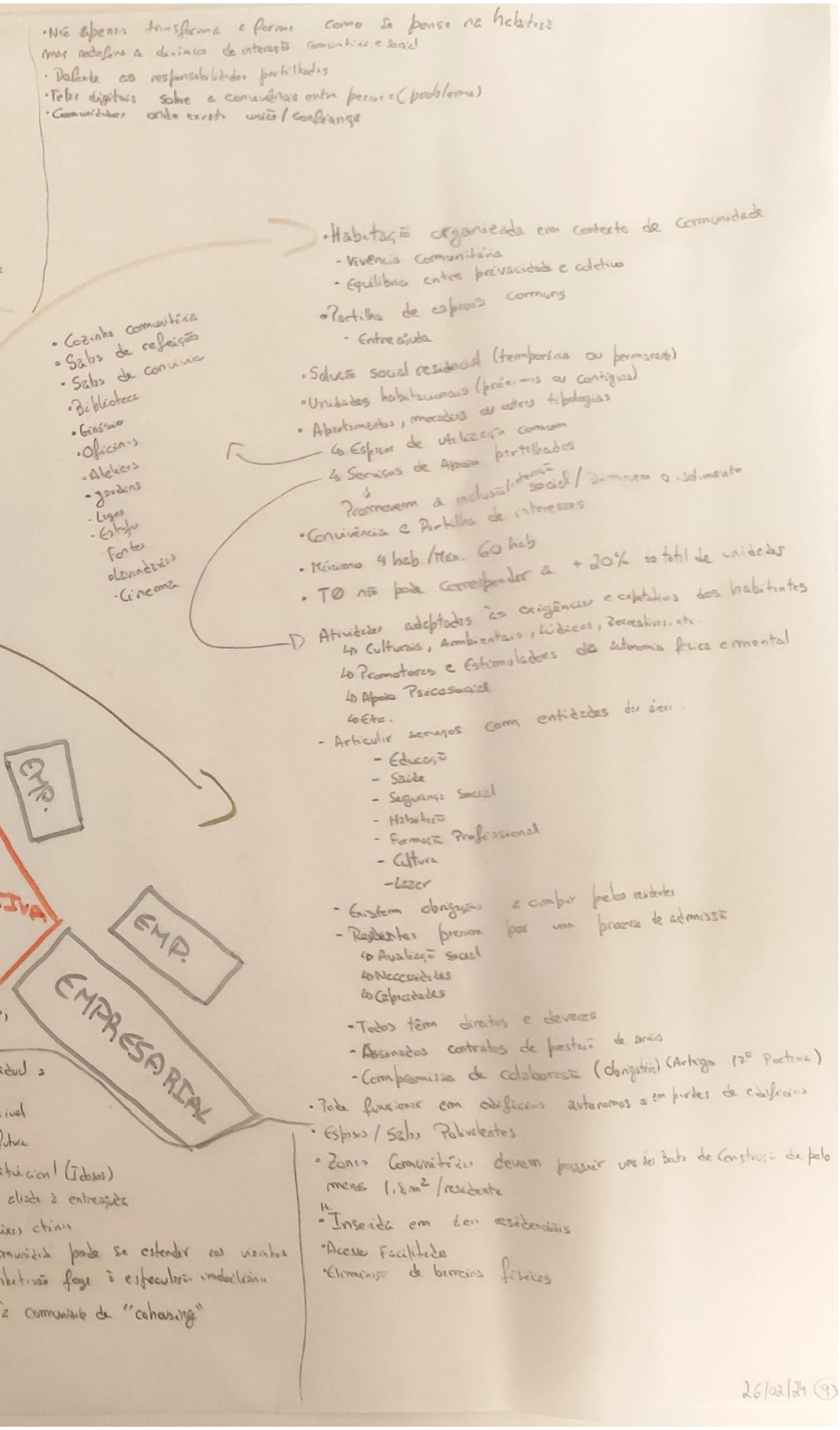
WILLIAMS, Jo - **Designing Neighbourhoods for Social Interaction: The Case of Cohousing**. Journal of Urban Design. 10:2 (2005) 195–227. doi: https://doi.org/10.1080/13574800500086998.

ZAN, Cristiano Catanzaro - **Habitação Colaborativa: ensaio num lote da Rua de Dom João IV na cidade do Porto** [Em linha]. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto : [s.n.] [Consult. 21 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://sigarra.up.pt/fcnaup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=496020>. Dissertação de Mestrado

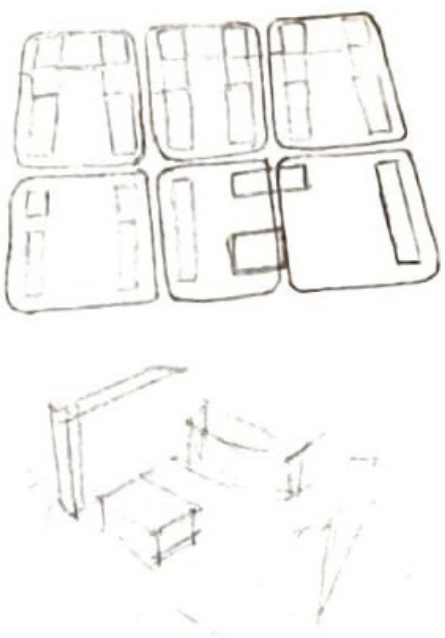
Anexos

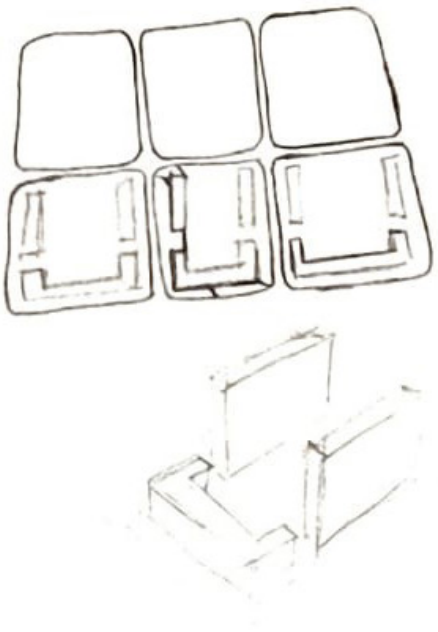
Processo

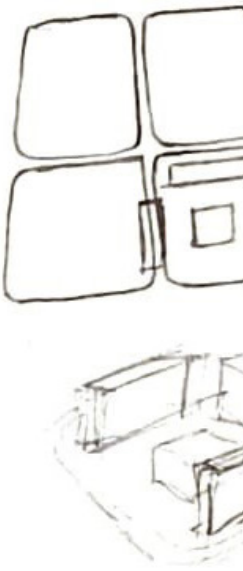

• Uma resposta à crise de habitação
• Solução Alternativa
• Reúne recursos e partilhar espaços
• Promoves o sense de comunidade
↳ Antídoto ao isolamento social
• Projetos / espaços que incentivem a interação intergeracional
• Vida sustentável
↳ Ambiental
• Acessíveis de vida flexíveis
↳ Acessibilidade
• Indivíduos a unir forças/recursos / co-proprietários de uma propriedade
Tipos de Habitação Colaborativa
-Eco-Housing
↳ Envolve um grupo de indivíduos/famílias que se reúnem para construir/compartilhar um complexo residencial
↳ Cada família tem o seu espaço privado, enquanto as áreas comuns são compartilhadas
↳ Este modelo incentiva a interação social e a partilha de recursos, promovendo um forte sense de comunidade
-Co-living
↳ Os moradores costumam alugar quartos mobilados com comodidades e serviços partilhados
↳ Proporciona flexibilidade, conveniência e sense de comunidade
↳ Pode não ter o aspeto comunitário unido encontrado no co-housing
-Eco-Housing Sénior
↳ Adaptado às necessidades dos idosos
↳ Casas próprias + partilha de espaços comuns
↳ Serviços de apoio
Cooperativas de habitação estudantis
↳ Acordos de vida acessível e comunitário
↳ Co-gestão de propriedade
↳ Bairros da Ladeira
↳ Comunidades intencionais de pequena escala
↳ Casas compartilhadas
-Eco-Village
↳ Comunidade habitacionais colaborativas com foco na sustentabilidade
↳ Partilha de recursos, como sistemas de energia renovável, agricultura orgânica e práticas de vida consciente
-Comunidades intencionais
↳ Grupos de pessoas que se juntam, por compartilhar de interesses
↳ Princípios de não violência e igualitarismo
↳ Tomada de decisão coletiva
↳ Responsabilidades partilhadas
PARQUE VERDE
HABITAÇÃO
HABITAÇÃO COLABORATIVA
?
?
APOIO HABITAÇÃO COL.
PARQUE VERDE
ZONA DESPORTIVA
Pavilhão Desportivo
Edifício Cultural (Mediateca, Auditório, Exposições, etc.)
HABITAÇÃO Colaborativa
Principais Características
- Independência e autonomia
↳ Idosos mantêm a sua independência
↳ Apoio e Assistência quando necessário
- Partilha de Recursos
↳ Espaços comuns (cozinhas, salas de estar, jardins)
↳ Reduzem os custos de manutenção
↳ Favorecem oportunidades de socialização
- Enfoque na Saúde
↳ Oferta de serviços de saúde (enfermagem/fisioterapia/etc.)
- Benefícios Sociais e Culturais
- Economia de escala
↳ Economia e independente
Melhor na qualidade de vida e bem-estar
↳ Autonomia
↳ Privacidade
↳ Participação
↳ Programas de bem-estar e atividades
Principais Desafios
-Gestão Comunitária
↳ Conflitos
↳ Harmonia
-Financiamento e sustentabilidade
-Seleção de residentes
↳ Cultura
↳ Valores
↳ Evitar conflitos
-Manutenção
-Acesso a serviços de Saúde
↳ Cuidados intensivos + difícil de ter
-Aceitação Social
↳ Famílias e sociedade em geral
-Acessibilidade
• Não é um lar nem são habitações sociais
• Comunidade em torno de um projeto de hab. Comum
• Autopromovido e Autogerido
• Resposta à falta de habitação "Acessível"
• Residente (≠ de inquilino ou proprietário)
• Financiamento
↳ Bancos Cooperativos
↳ Cumplicity
↳ Crowdfunding
↳ PRR (Plano de Recuperação e Resiliência)
• Comunidade Intencional
• Alteração dos noções de propriedade
↳ Acessível e partilha
•Reinserção da indiv
fomentar no coletivo
•Habitação mínima flex
•Áreas para expansão
•Alternativa à vivên
↳ Independência
•Interação entre fa
• Sentido de co
• Este tipo de h
•Irmandade partence

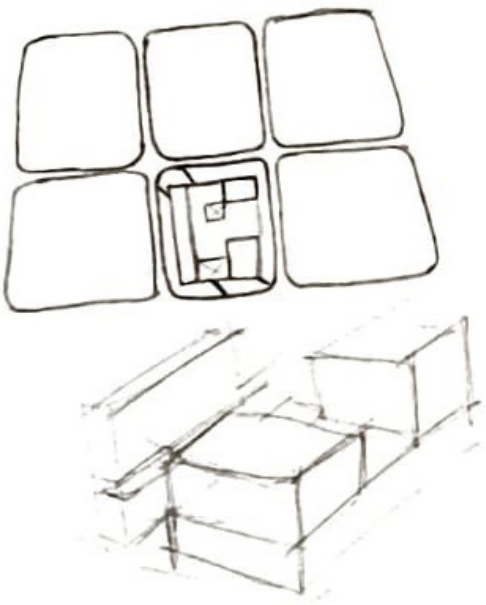


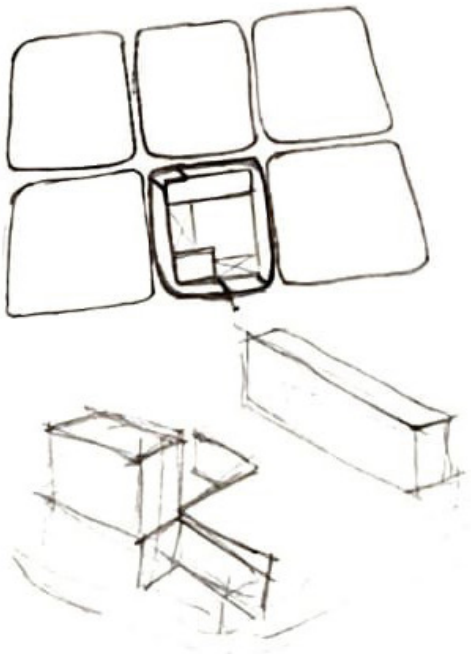
• Não apenas transforma a forma como se pensa na habitação mas redefine a dinâmica de interação comunitária e social
• Defende as responsabilidades partilhadas
• Telas digitais sobre a convivência entre pessoas (problema)
• Comunidades onde existe união / confiança
• Habitação organizada em contexto de comunidade
- Vivência comunitária
- Equilíbrio entre privacidade e coletivo
• Partilha de espaços comuns
- Entreajuda
• Solução social residencial (temporária ou permanente)
• Unidades habitacionais (próximas ou contíguas)
• Apartamentos, moradas ou outras tipologias
↳ Espaços de utilização comum
↳ Serviços de Apoio partilhados
↓
Promovem a inclusão/interação social / Diminuem o isolamento
• Convivência e Partilha de interesses
• Mínimo 4 hab. / Máx. 60 hab
• TO não pode corresponder a + 20% do total de unidades
• Cozinha comunitária
• Salas de refeição
• Salas de convívio
• Biblioteca
• Ginásio
• Oficinas
• Ateliers
• Jardins
• Lagos
• Estufas
• Fontes
• Lavandarias
• Cinema
Atividades adaptadas às exigências e expectativas dos habitantes
↳ Culturais, Ambientais, Lúdicas, Recreativas, etc.
↳ Promotoras e Estimuladoras da autonomia física e mental
↳ Apoio Psicosocial
↳ Etc.
- Articular serviços com entidades das áreas
- Educação
- Saúde
- Segurança Social
- Habitação
- Formação Profissional
- Cultura
- Lazer
- Existem obrigações a cumprir pelos residentes
- Residentes passam por um processo de admissão
↳ Avaliação social
↳ Necessidades
↳ Capacidades
- Todos têm direitos e deveres
- Assinados contratos de prestação de serviços
- Compromisso de colaboração (obrigatório) (Artigo 12º Portaria)
• Pode funcionar em edifícios autónomos ou em partes de edifícios
• Espaços / Salas Polivalentes
• Zonas Comunitárias devem possuir uma área Bruta de Construção de pelo menos 1,8m² / residente
• Inserida em áreas residenciais
• Acesso Facilitado
• Eliminação de barreiras físicas
EMP.
EMP.
EMPRESARIAL
26/02/24 (9)



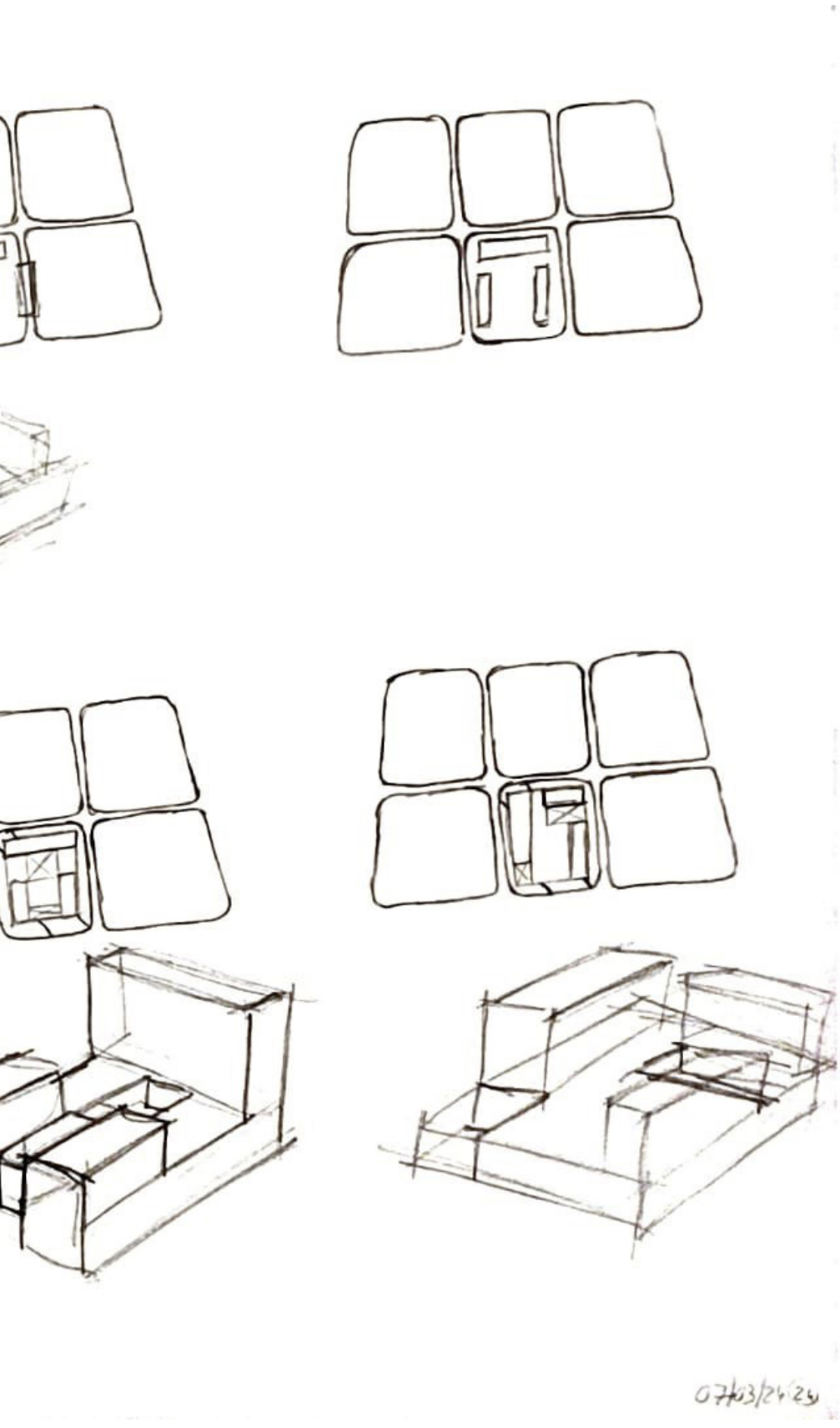


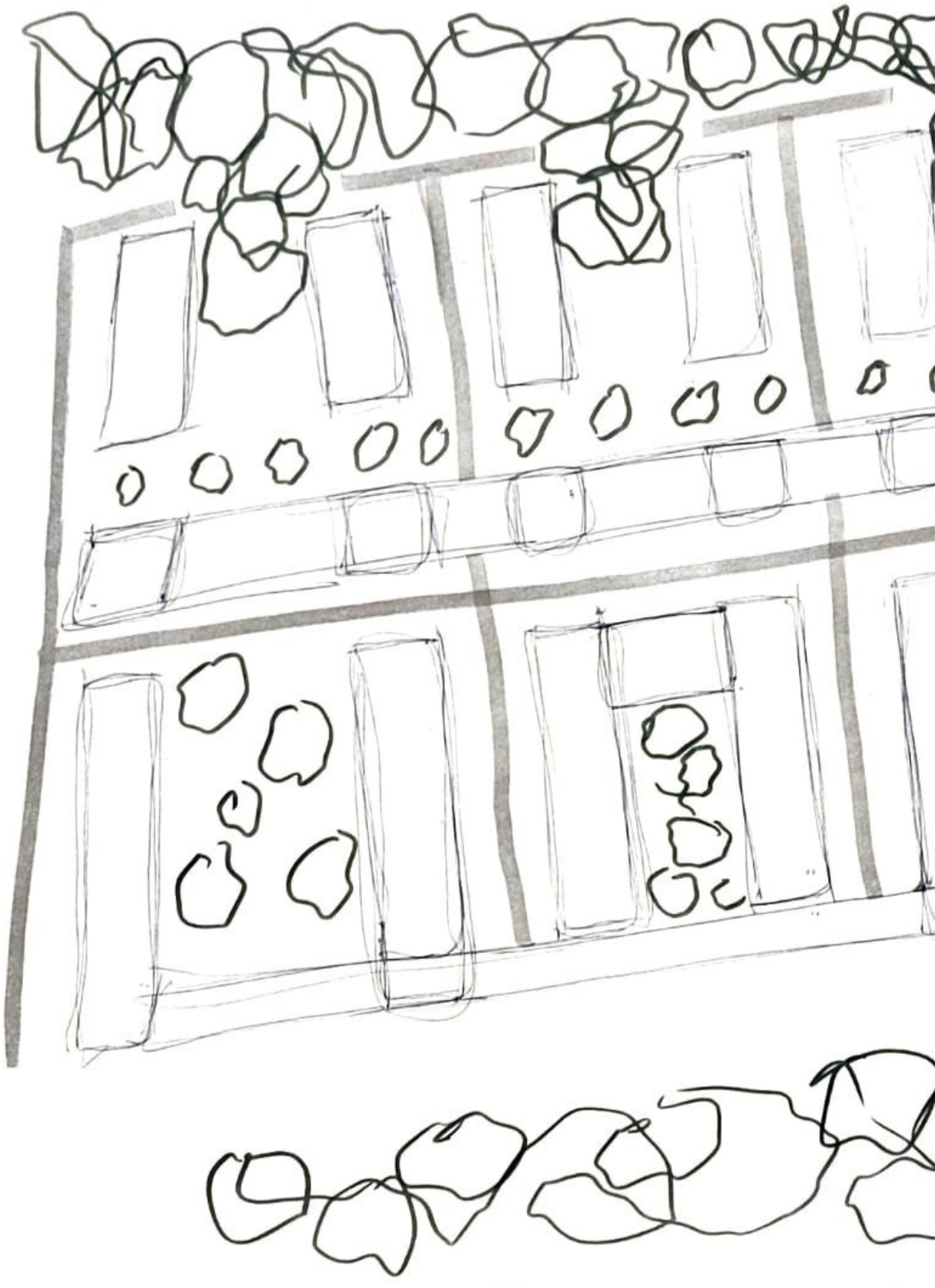


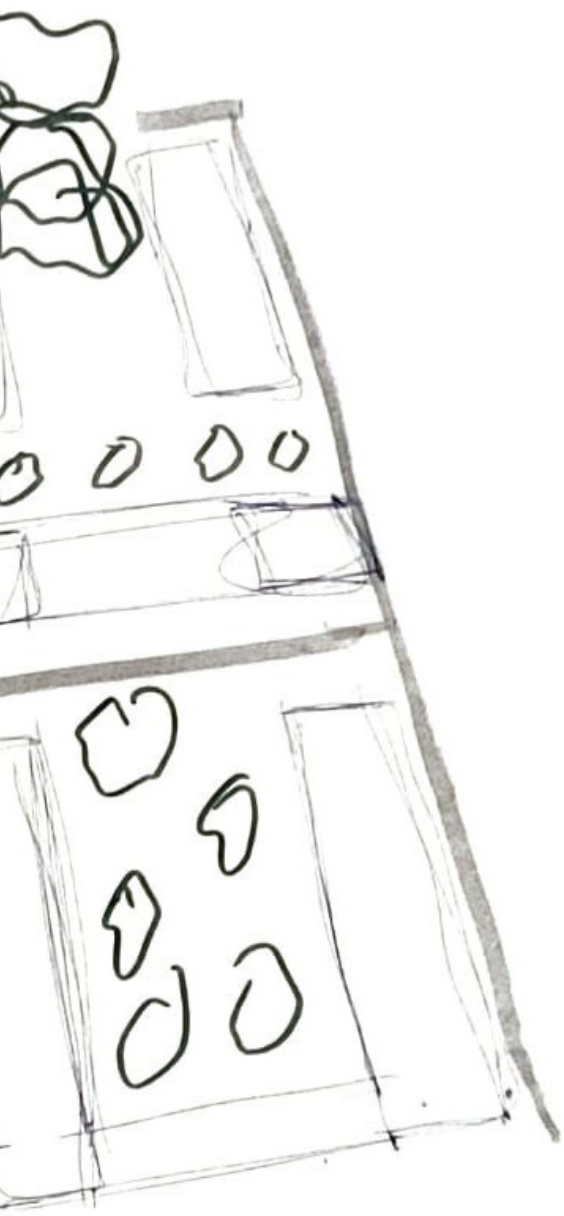


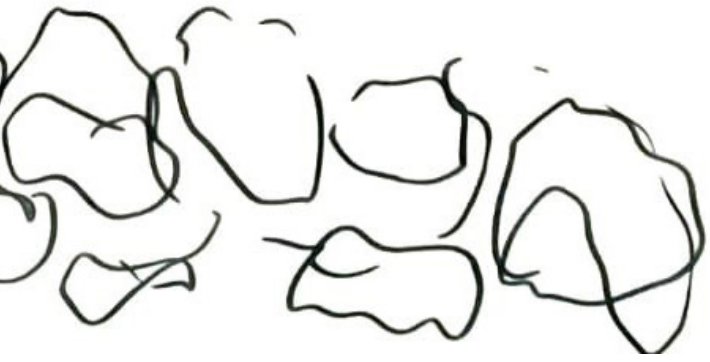


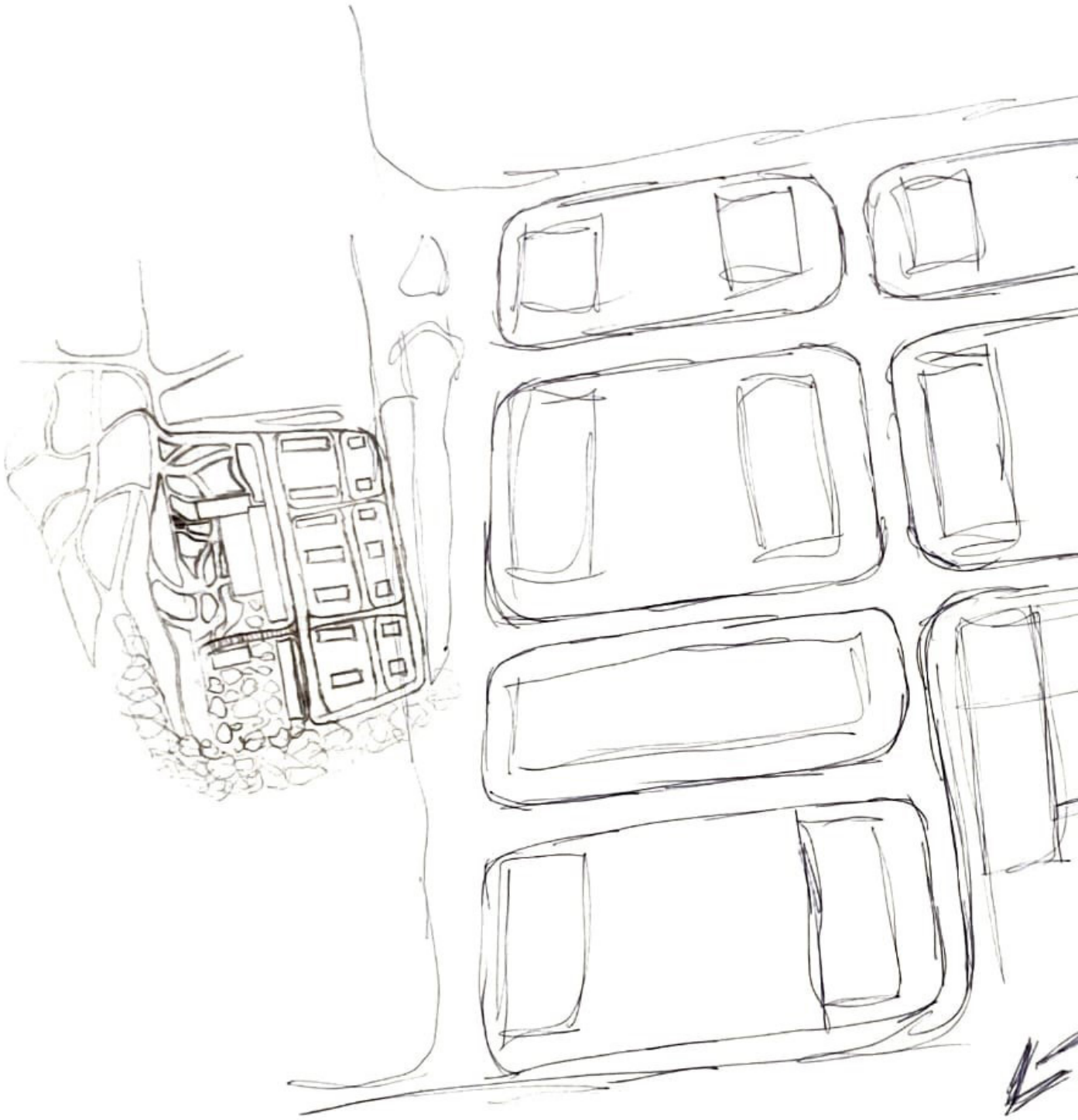


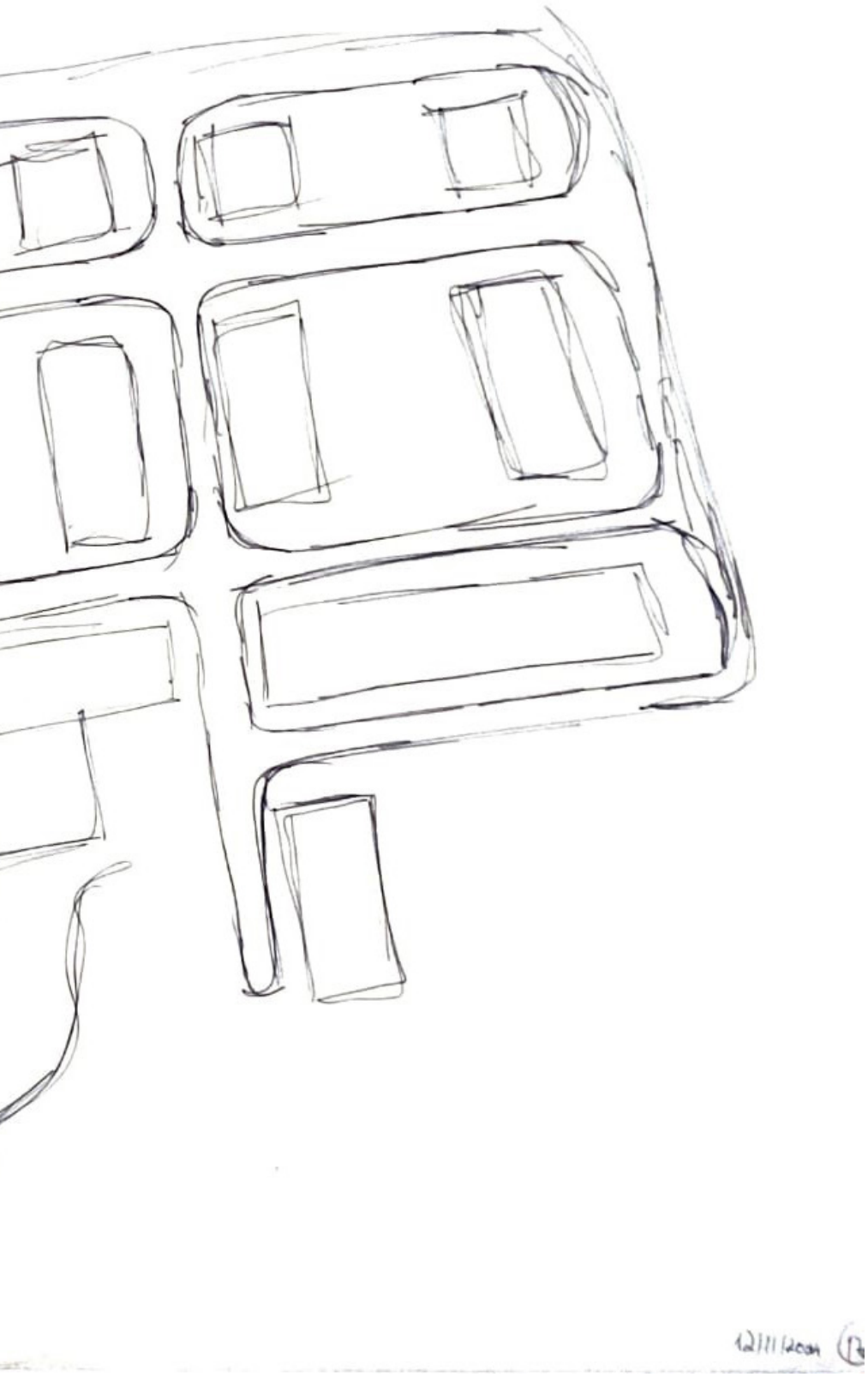

07/03/24/24





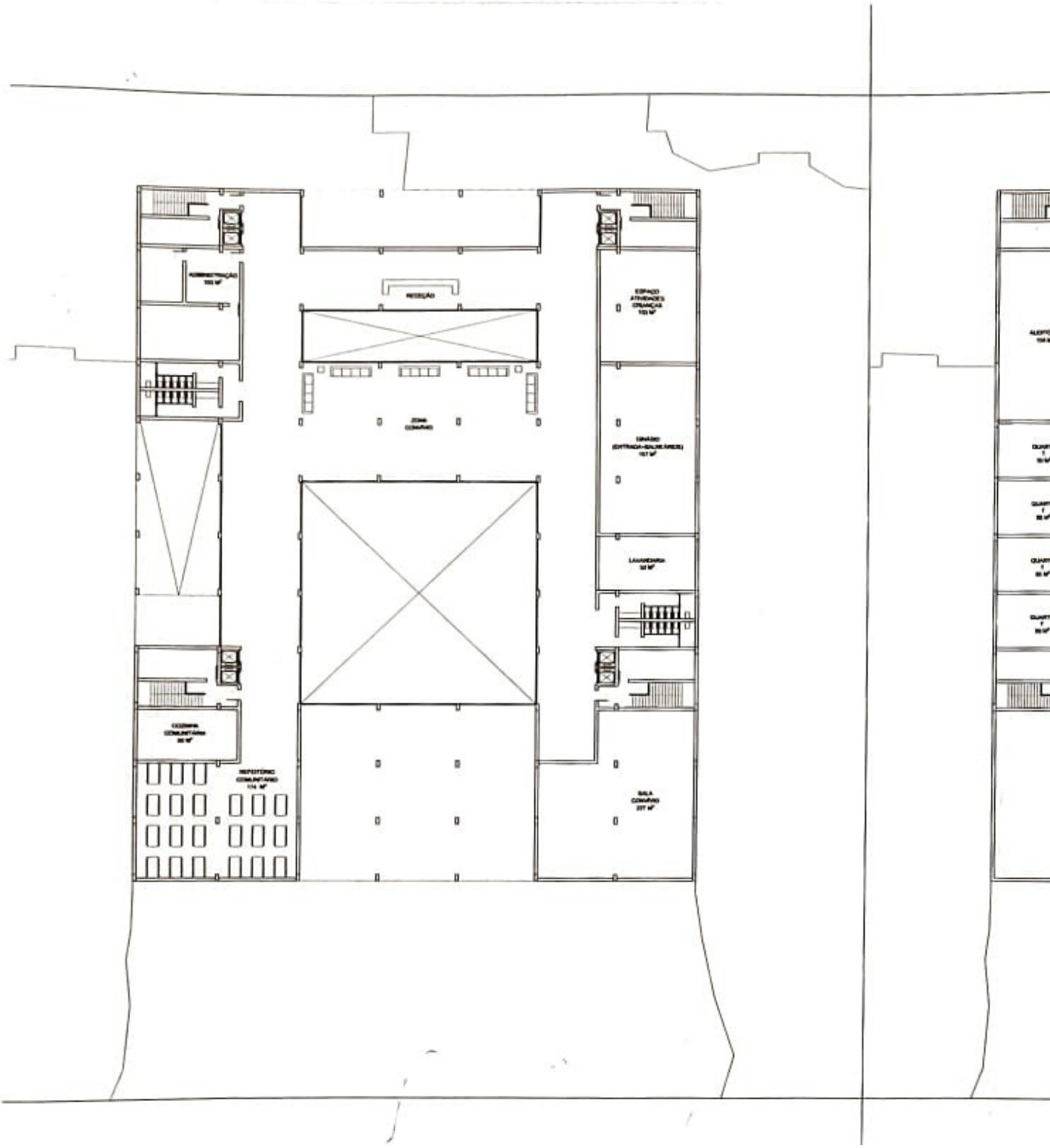


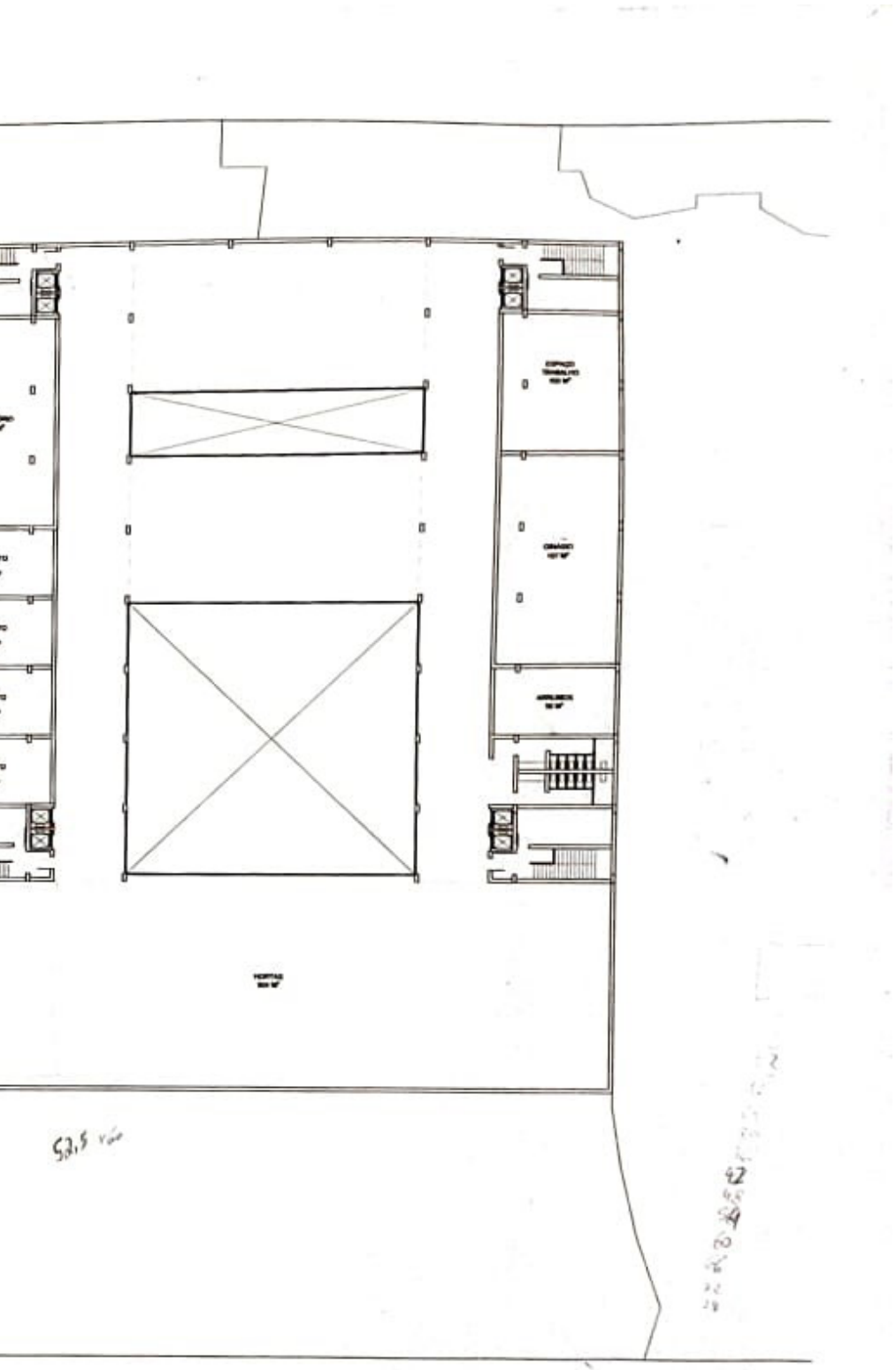


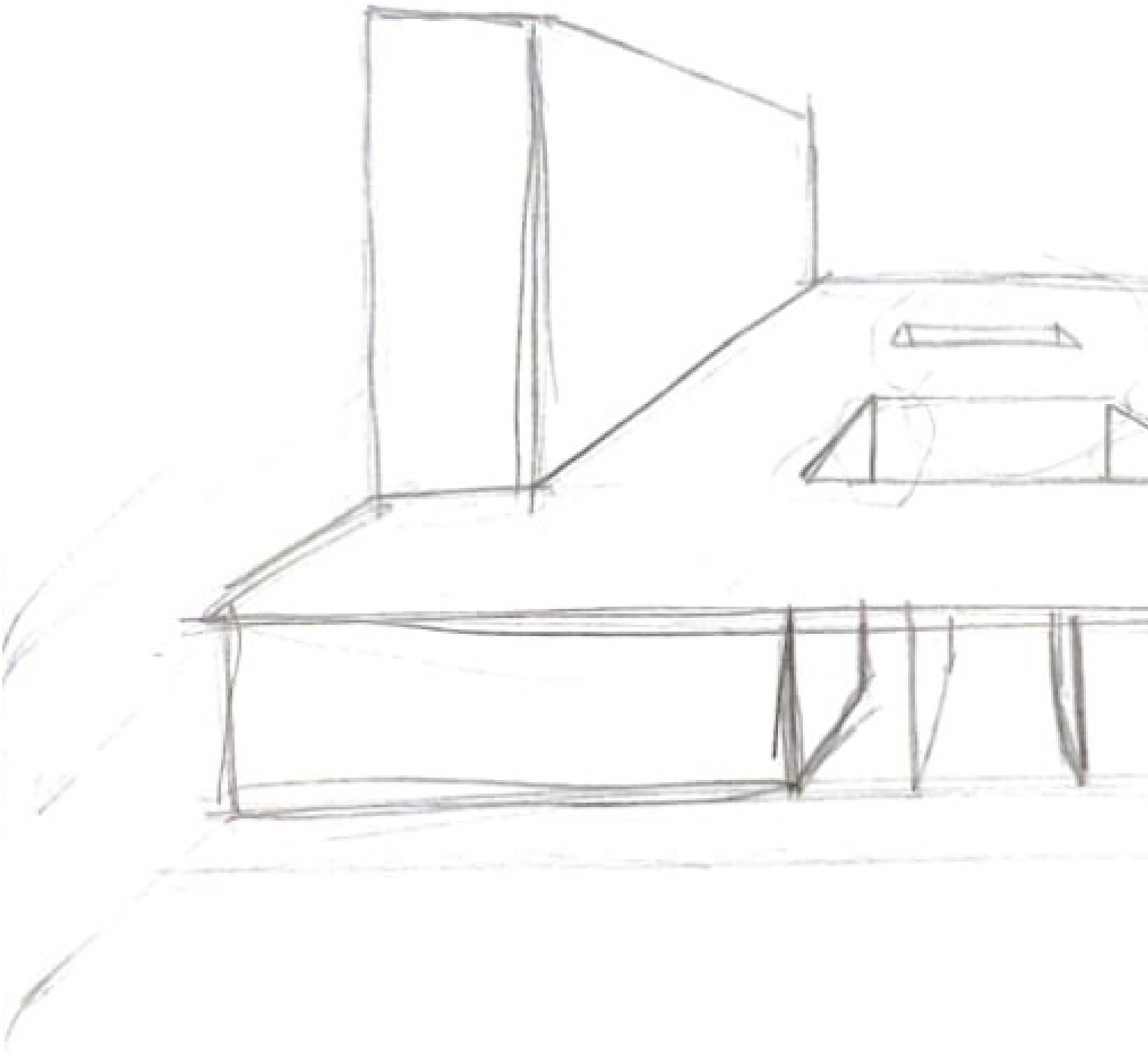


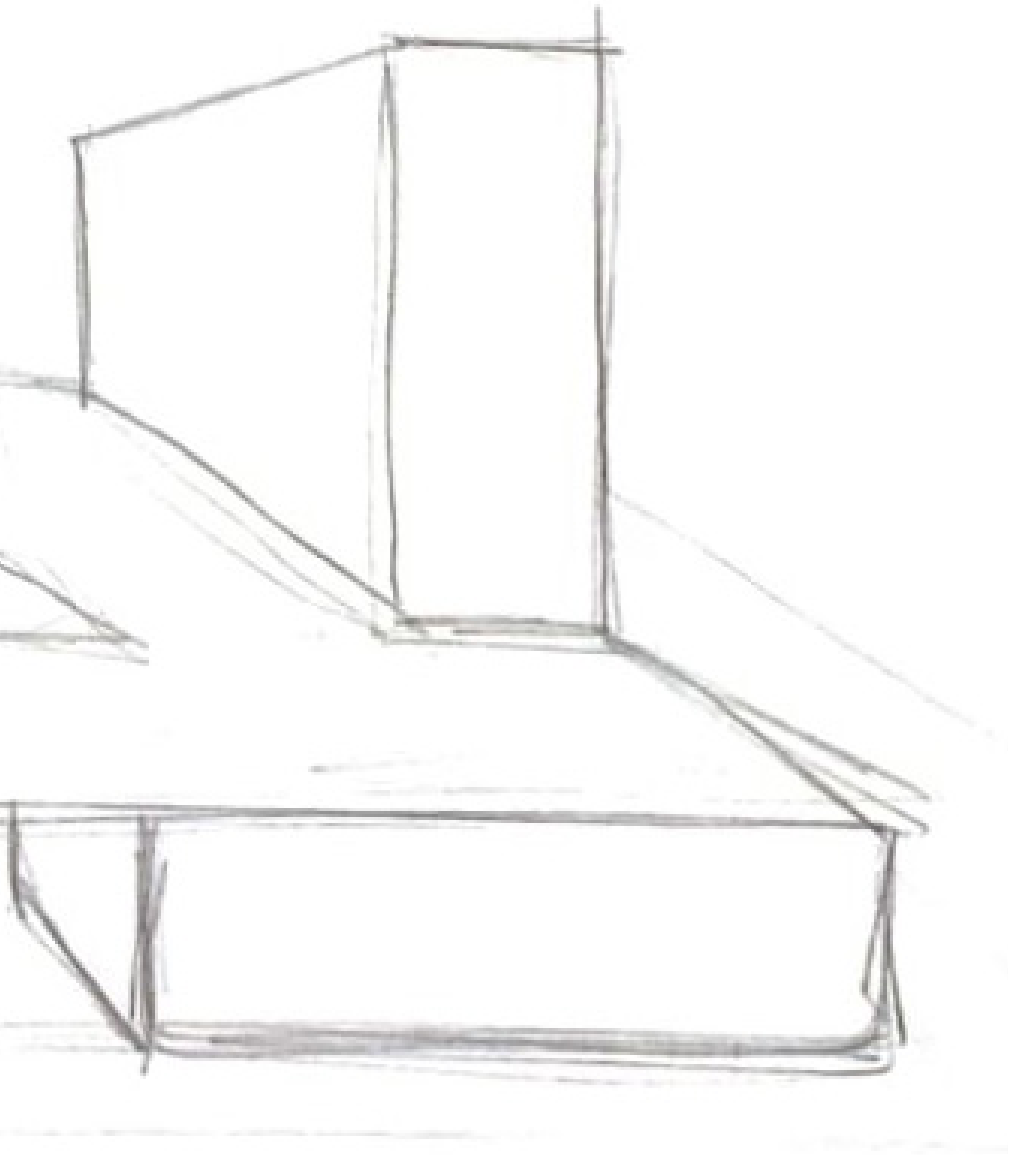

Acesso
Acesso
ENFERMARIA
Acesso
Acesso
Salas
Jogo / Relaxantes
Acesso

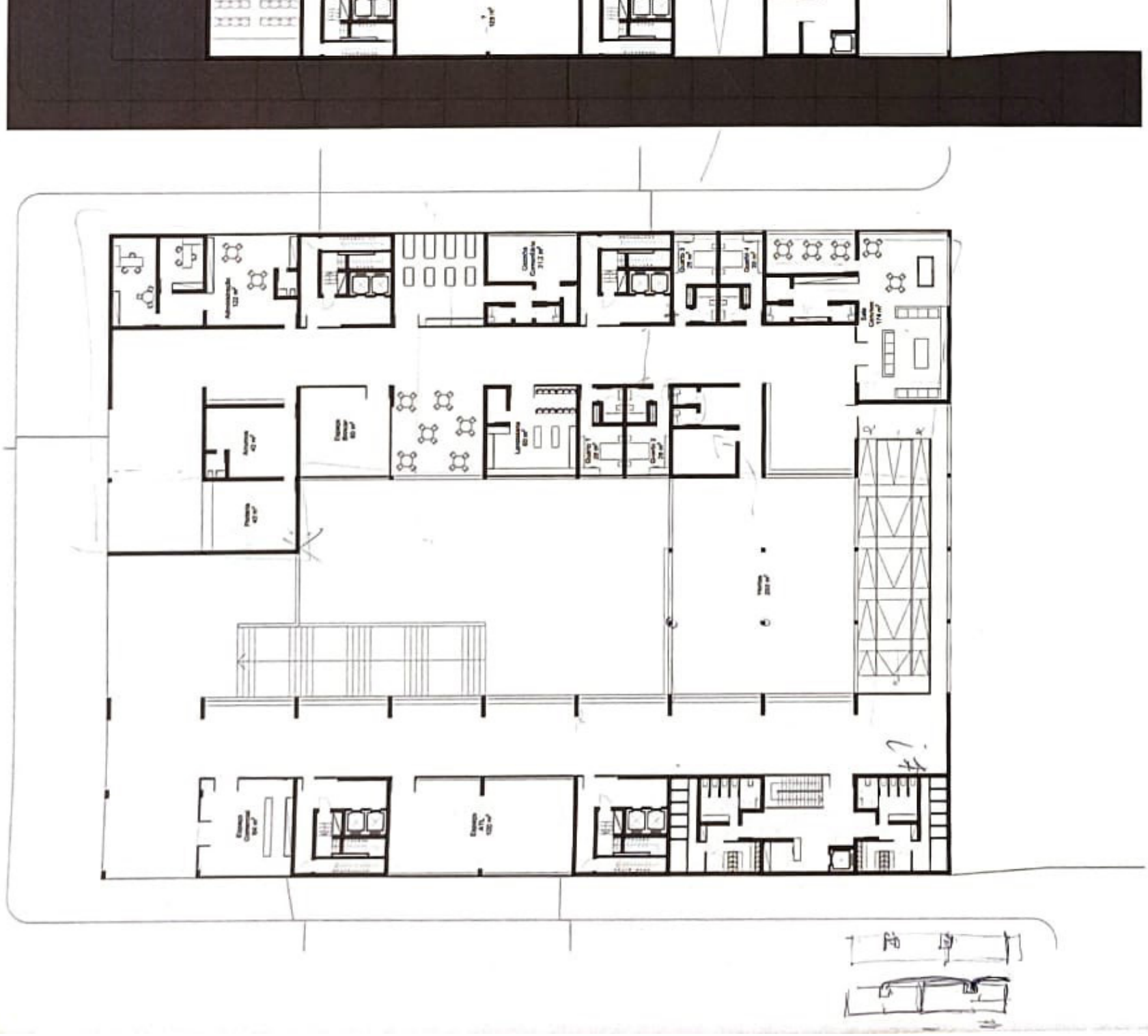

Recepção
Pessoas
Átrio
Trabalho
Pessoas
Cozinha
+
Refeitório
15/03/24 (32)

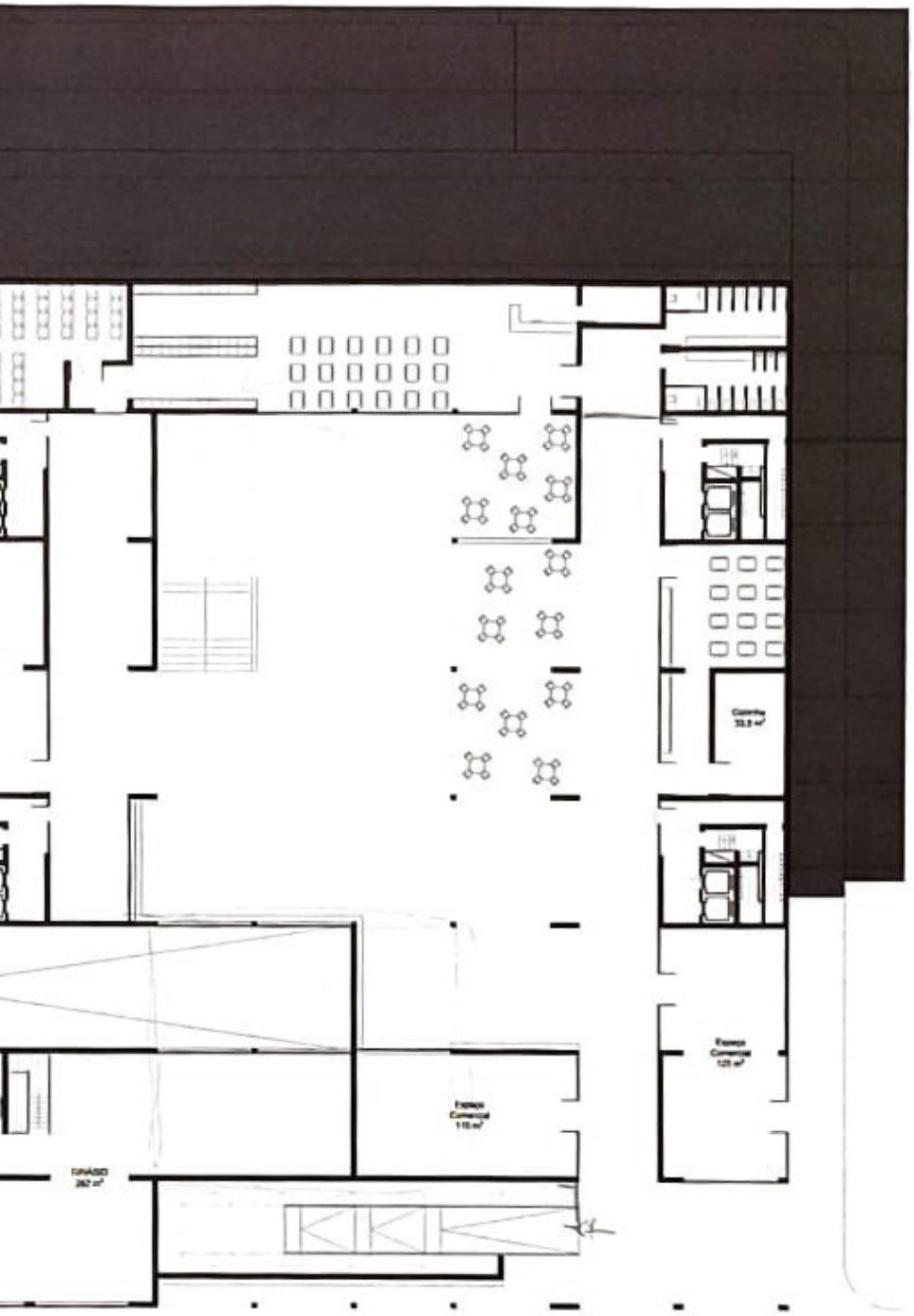

REFEITÓRIO COMUNITÁRIO
SALA CONVÍVIO

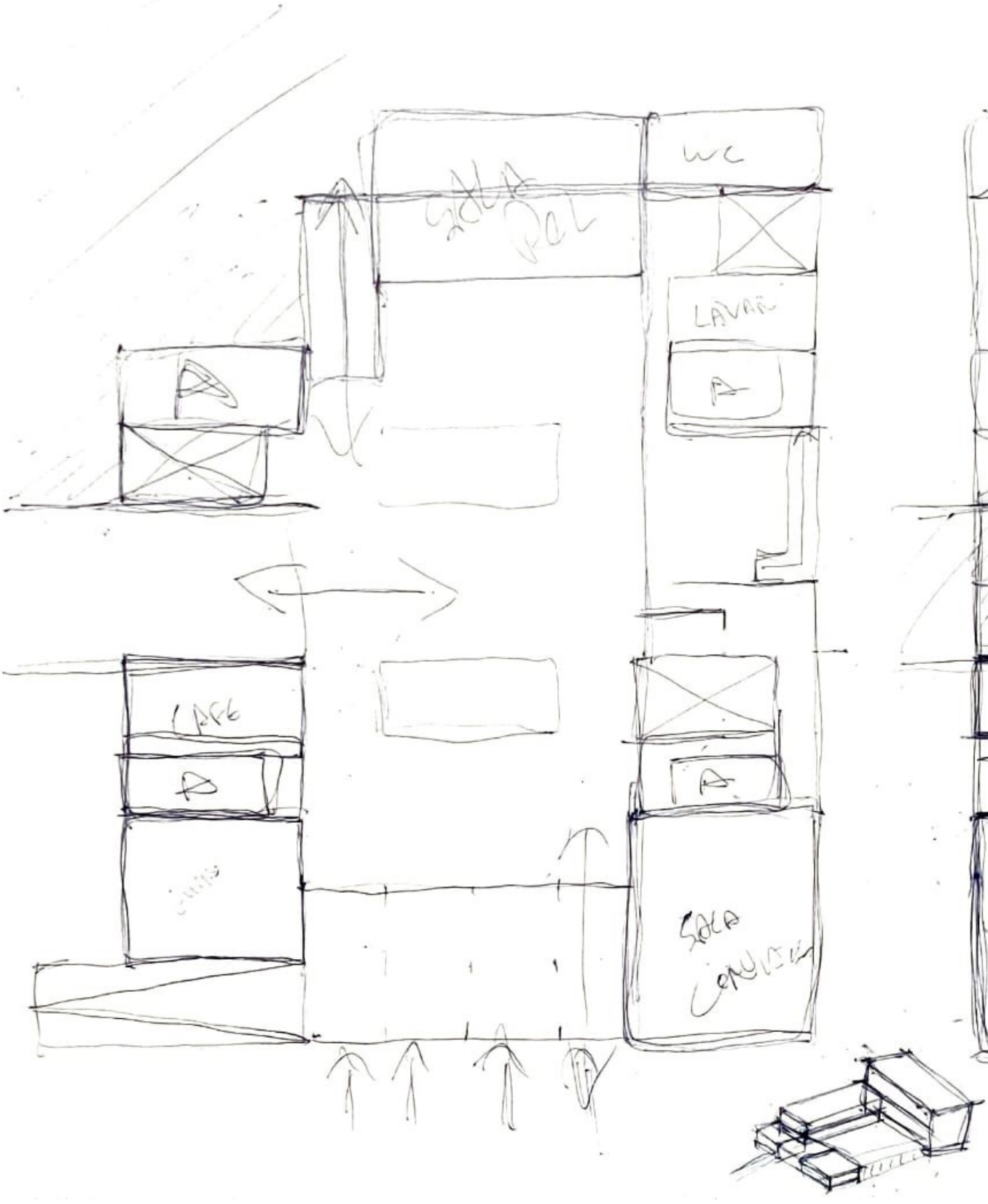




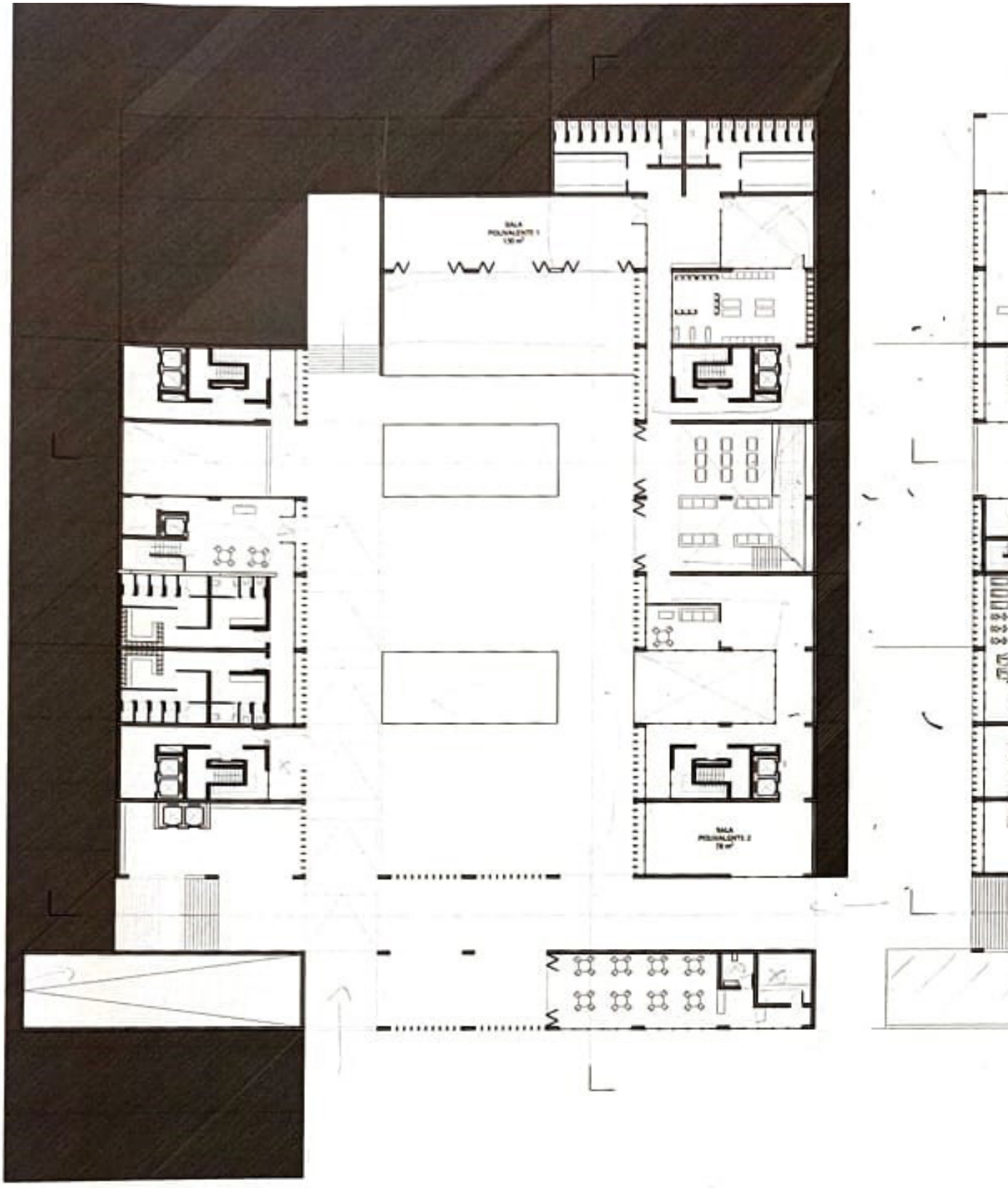


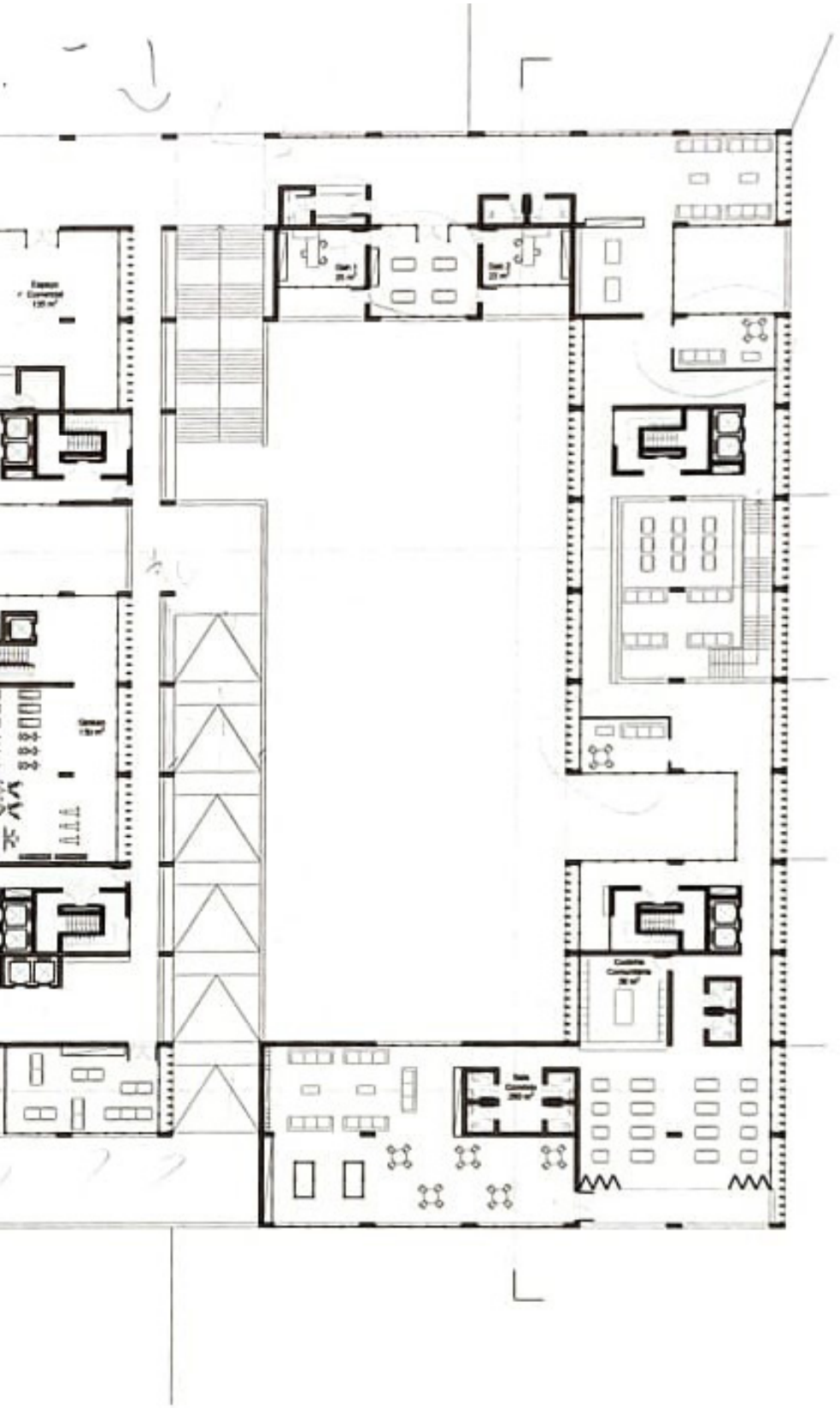




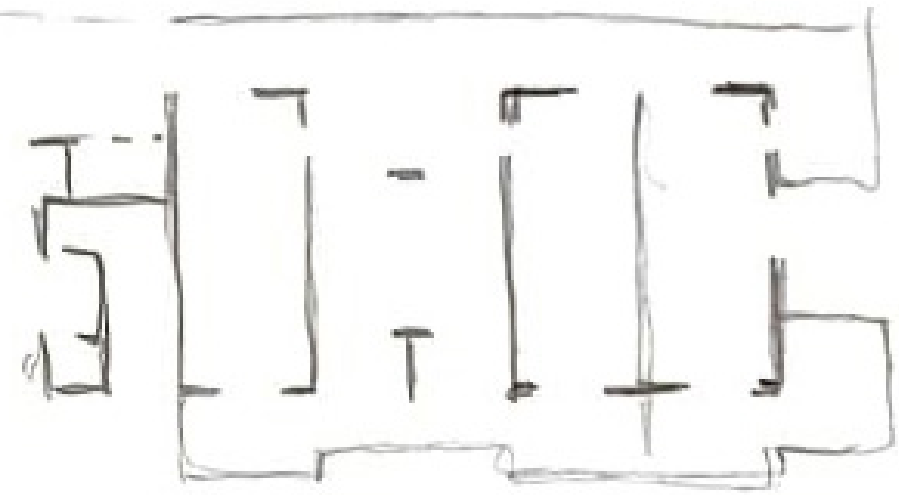

WC
LAVAR
CAFE
SALA

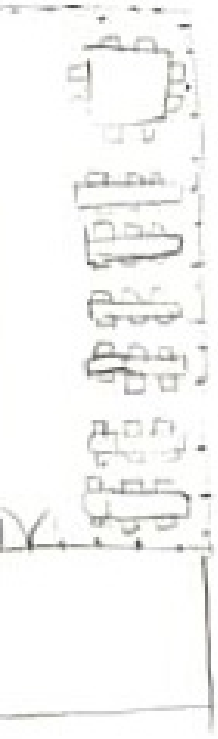

12
30
PLANTAS

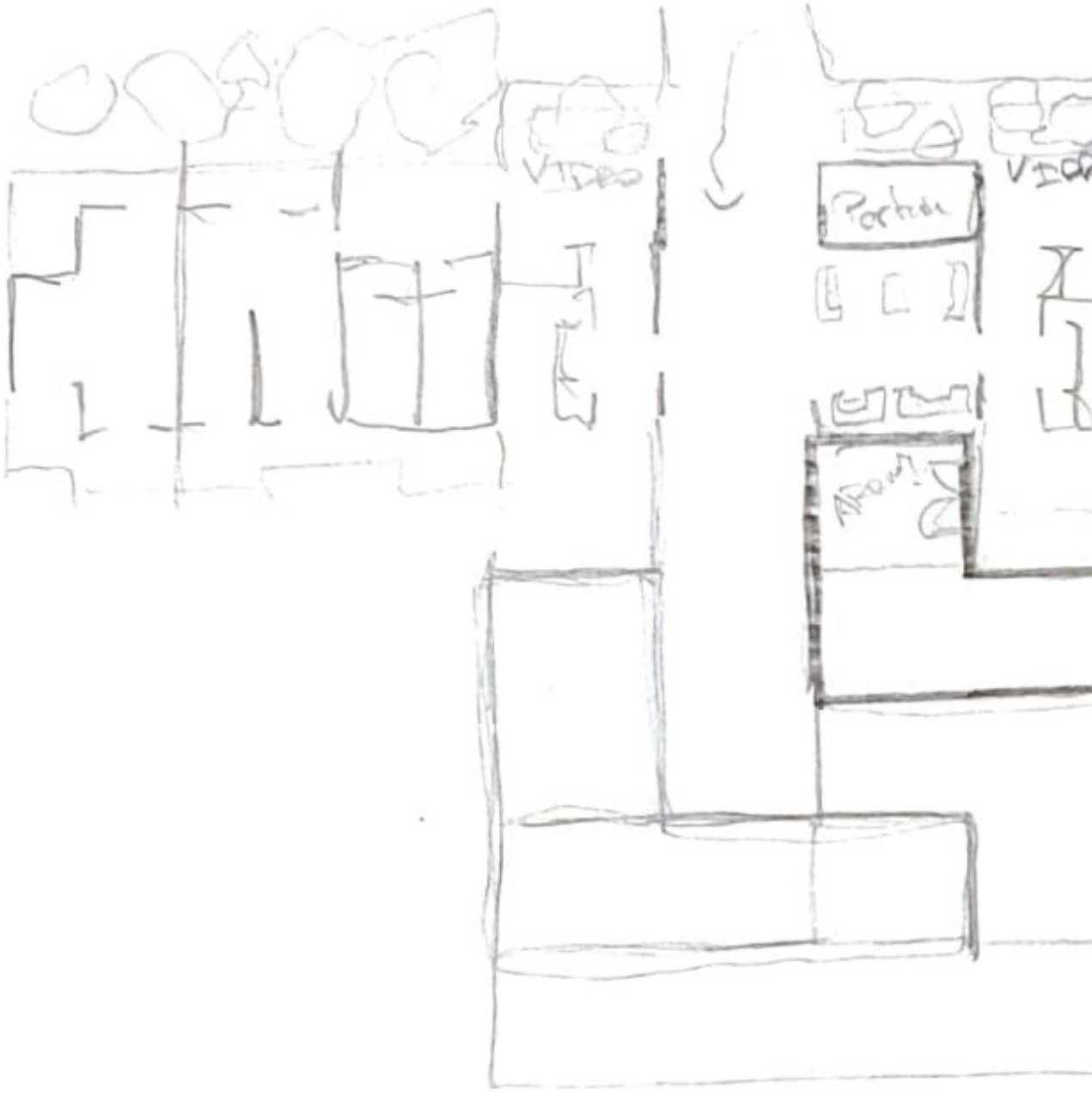


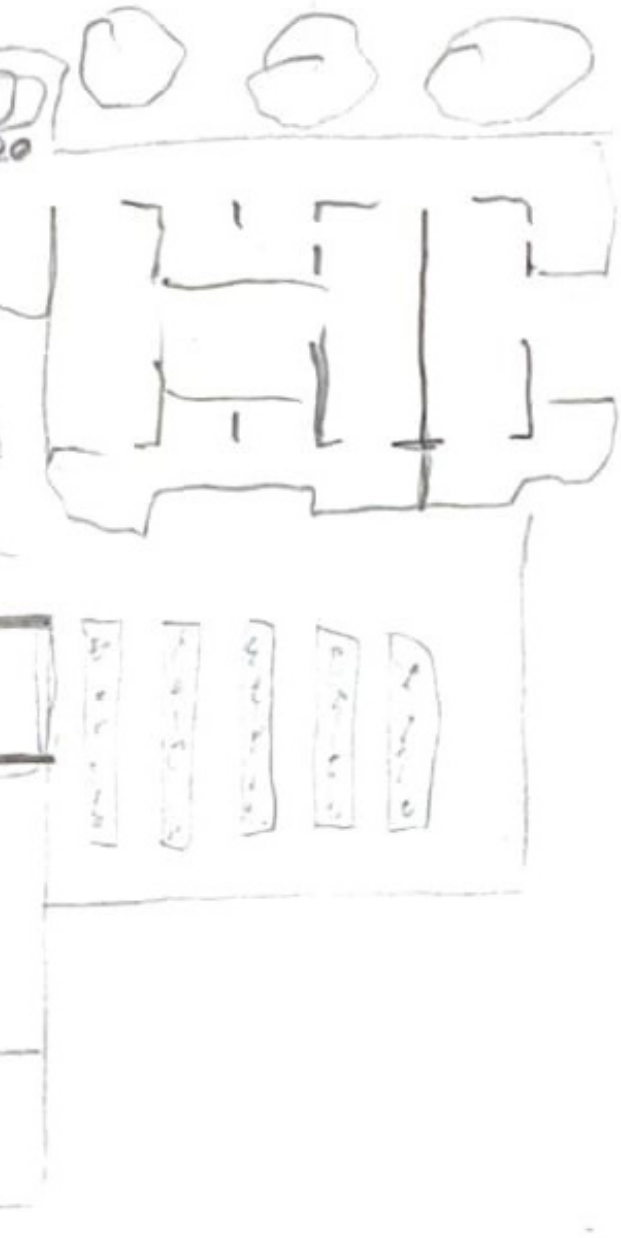


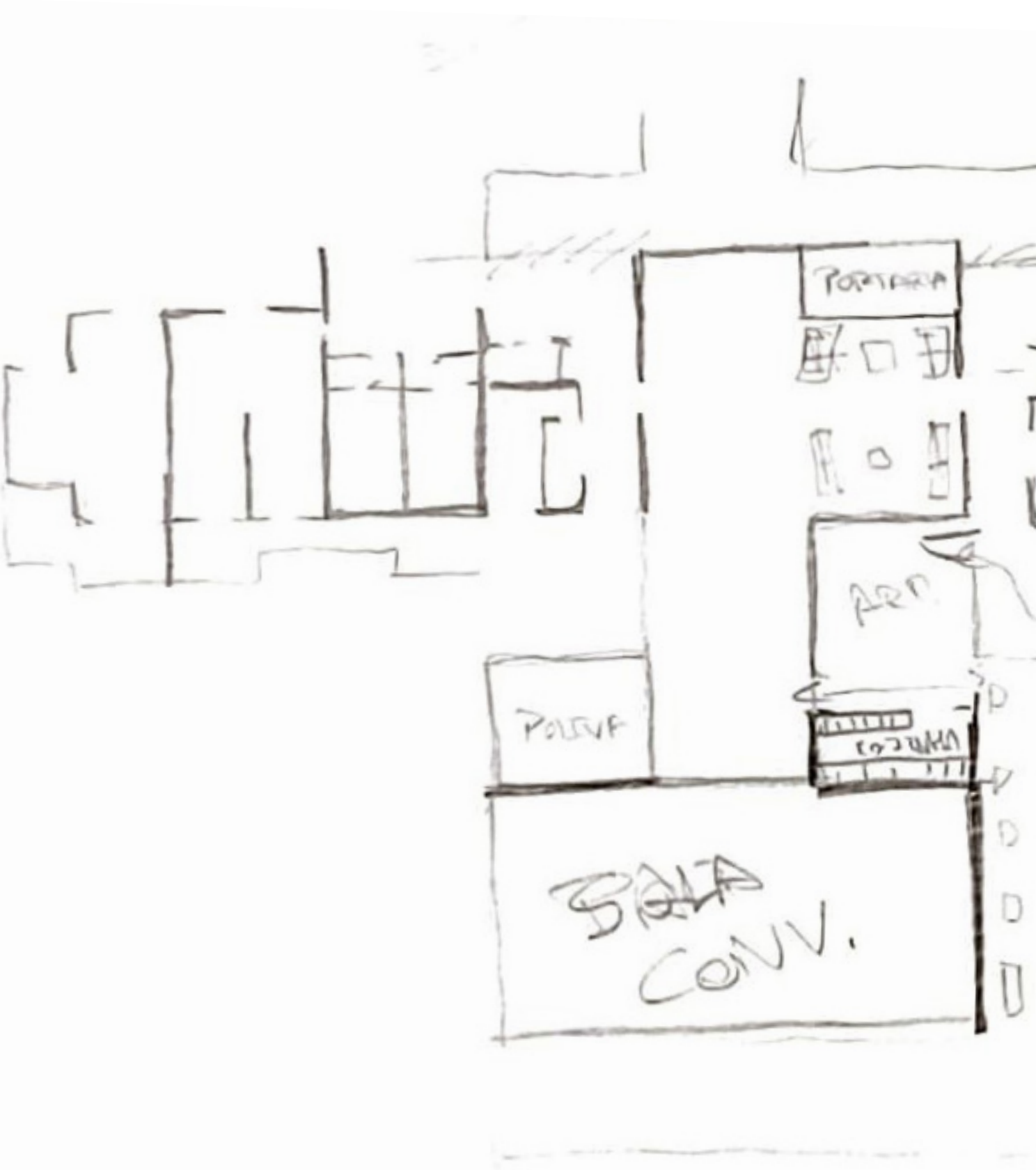


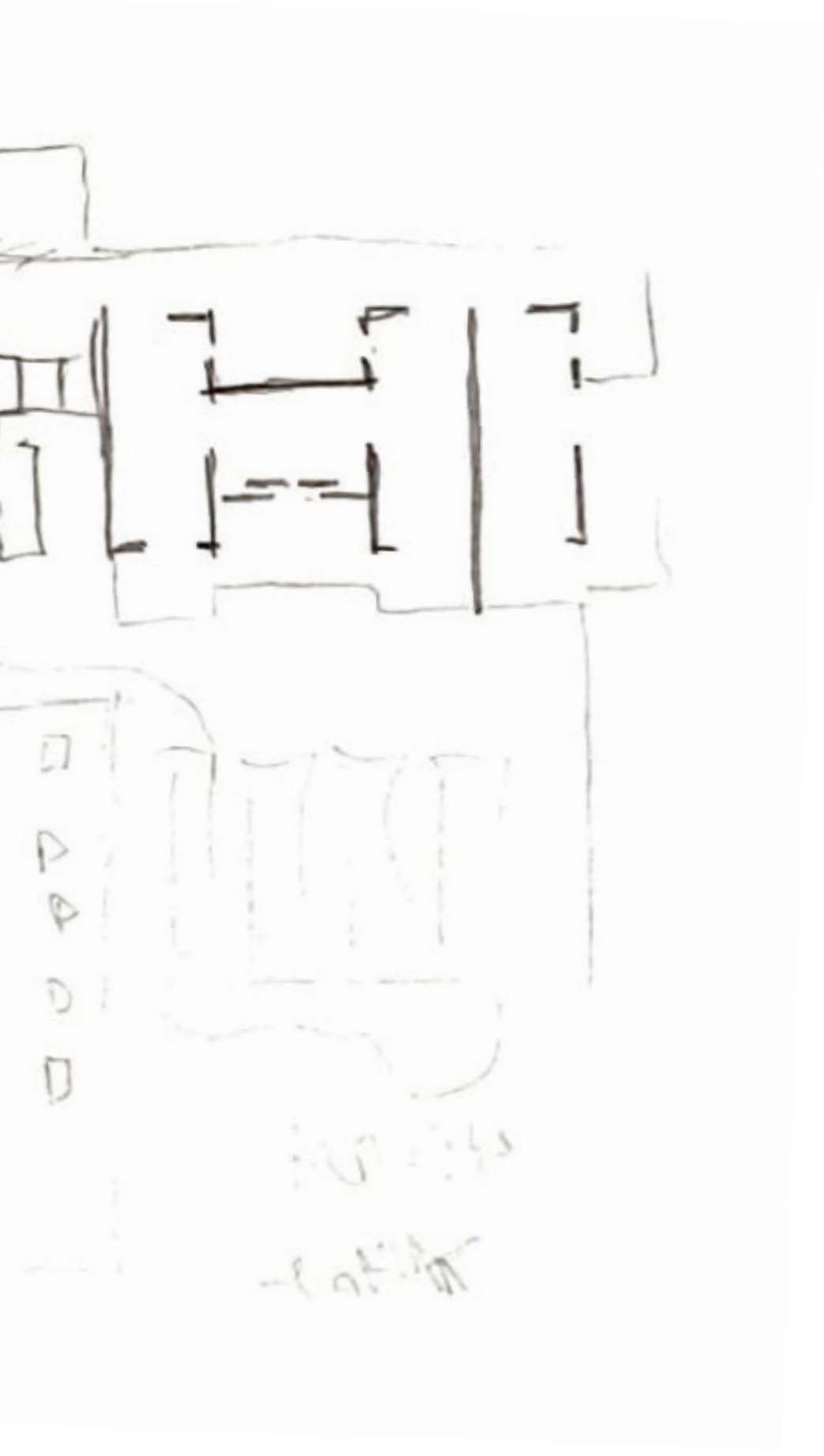


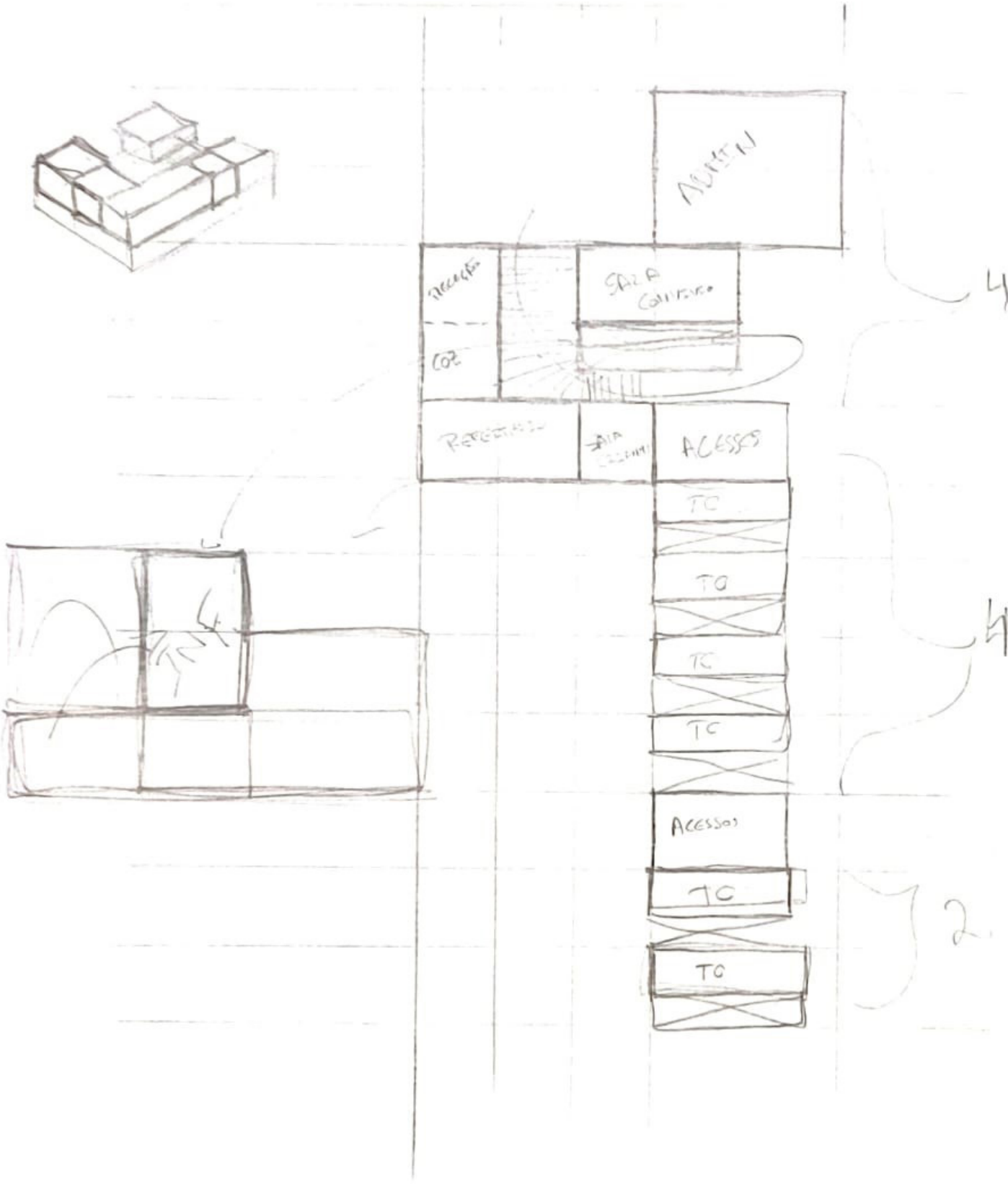


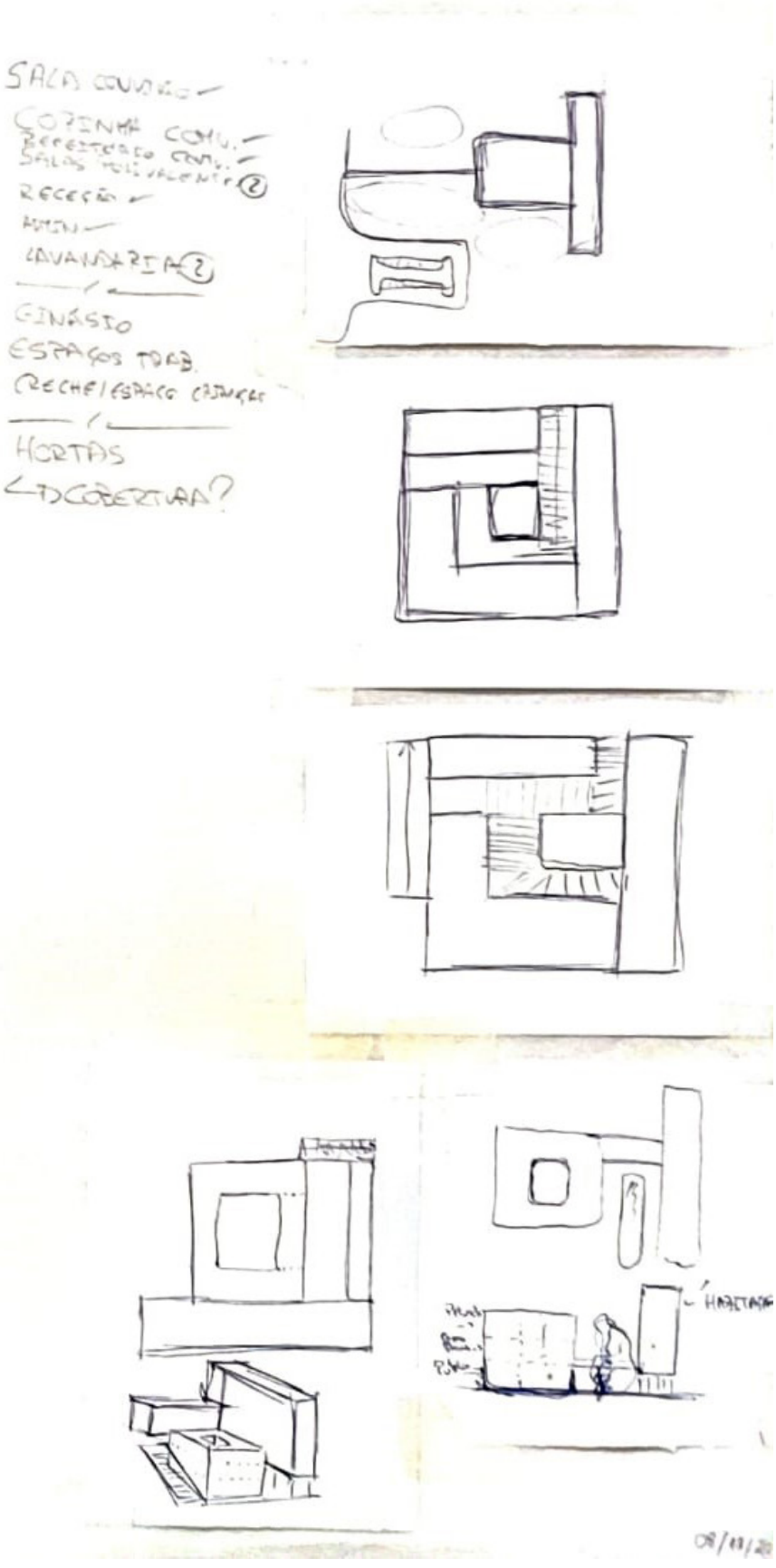

VIDEO
Portion

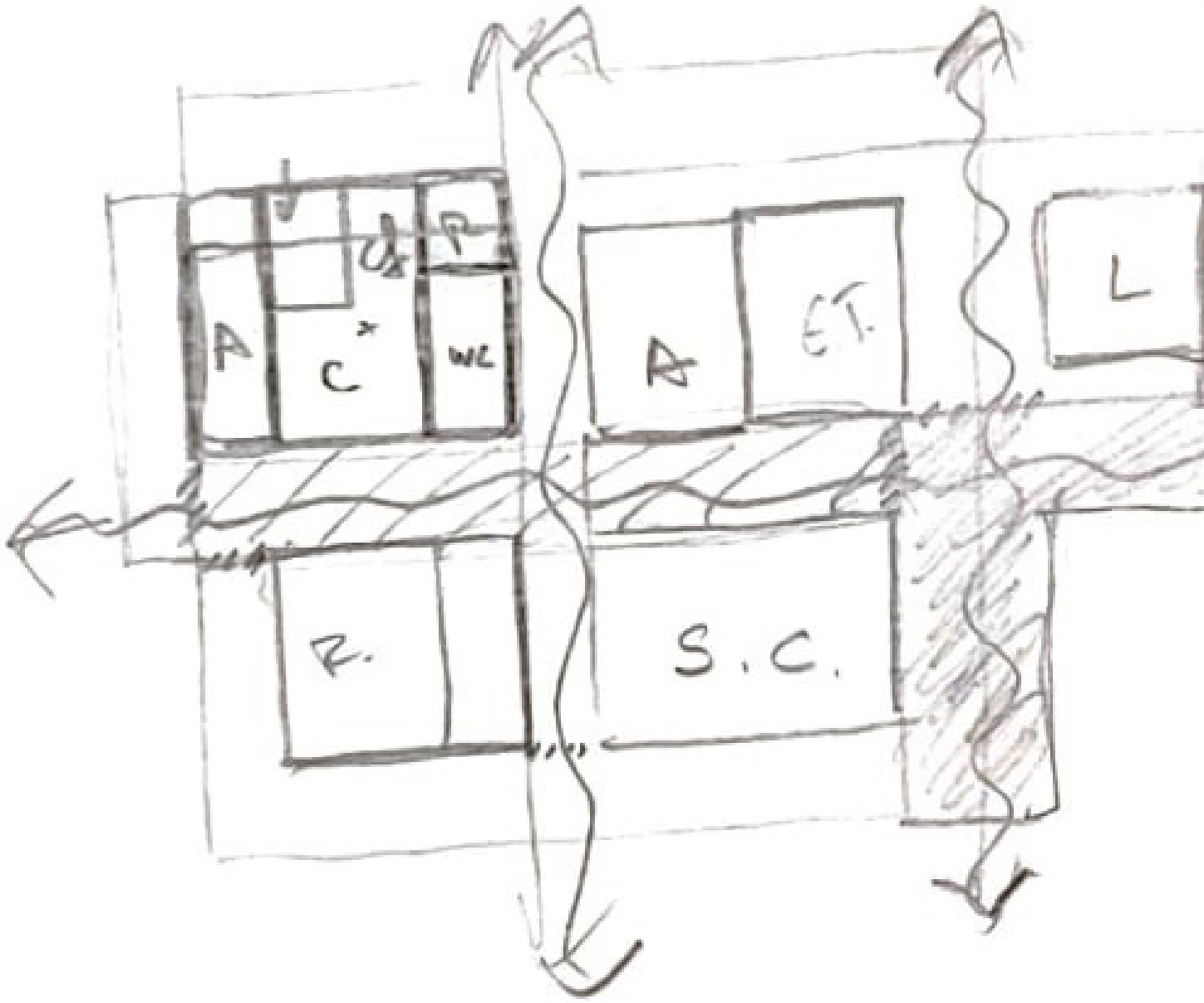



PORTERIA
ARC.
POLIVA
SALA
CONV.



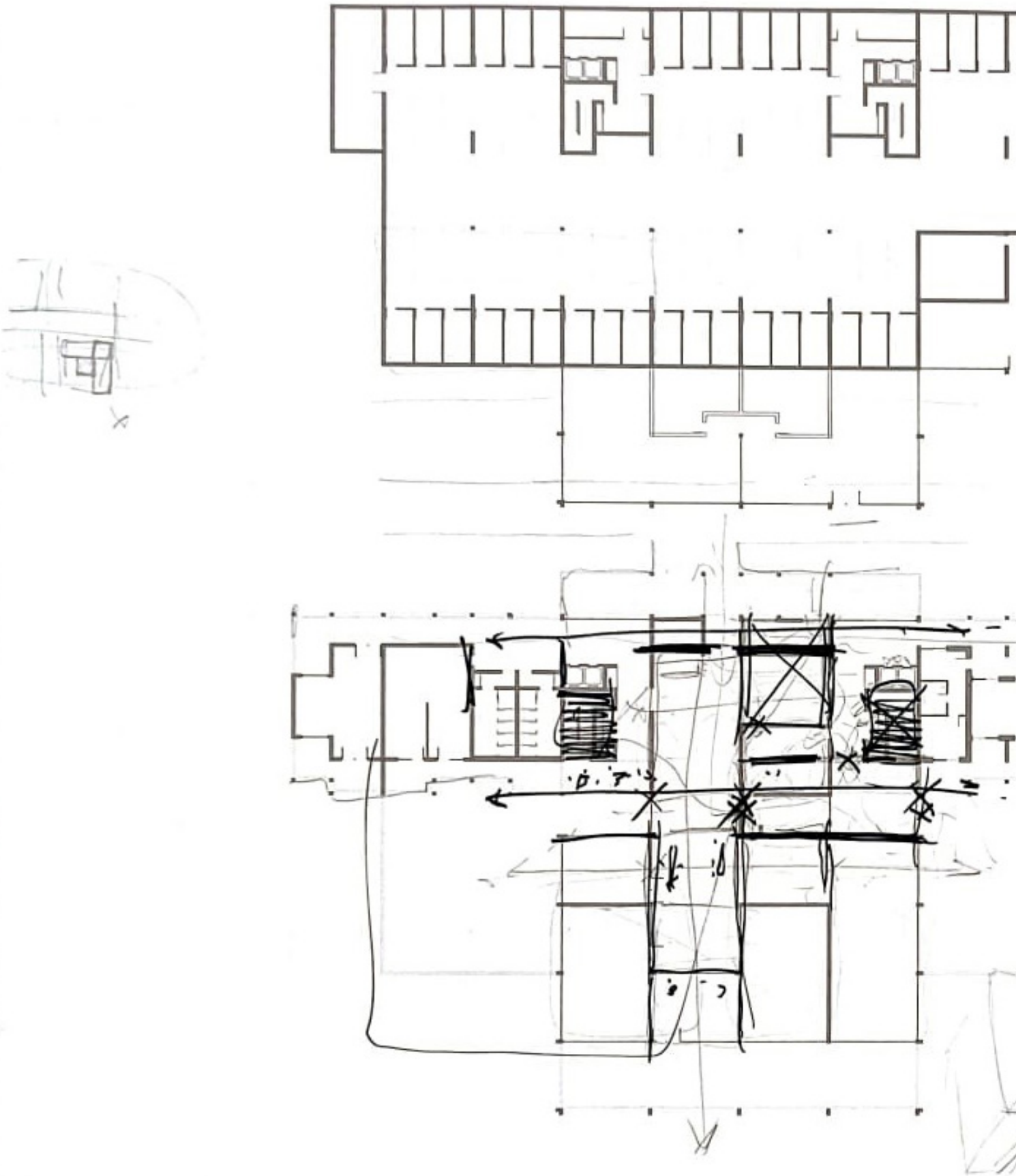

ADMIN
SALA
COZ
ACESSOS
TC
TO
TC
TC
ACESSOS
TC
TO
4
4
2

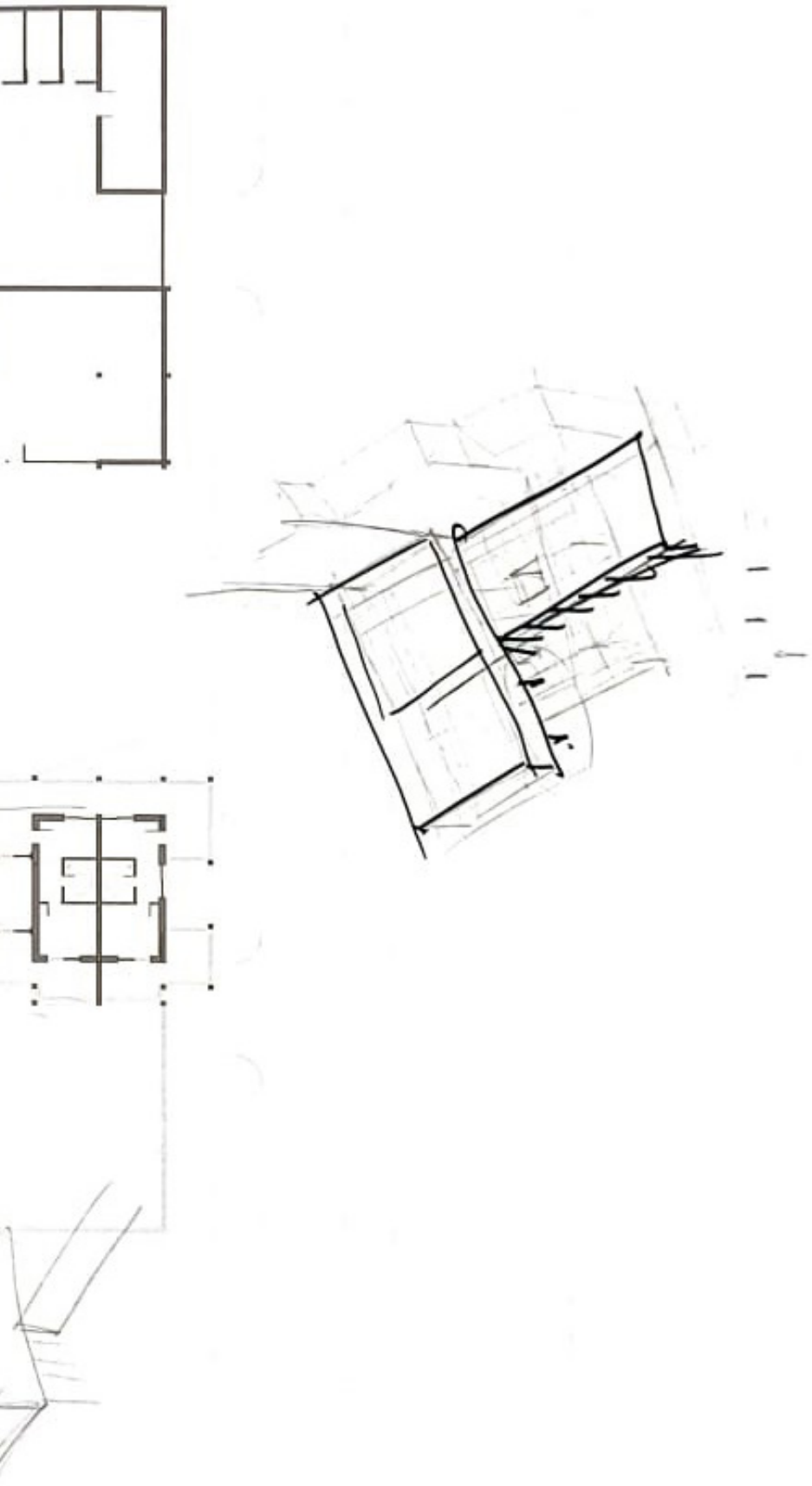

SALA CONVÍVIO
COZINHA COMU.
REFEITÓRIO COMU.
SALAS POLIVALENTES (2)
RECEÇÃO
ADMIN.
LAVANDARIA (?)
GINÁSIO
ESPAÇOS TRAB.
RECHEIO/ESPAÇO CRIANÇAS
HORTAS
↳ COBERTURA?

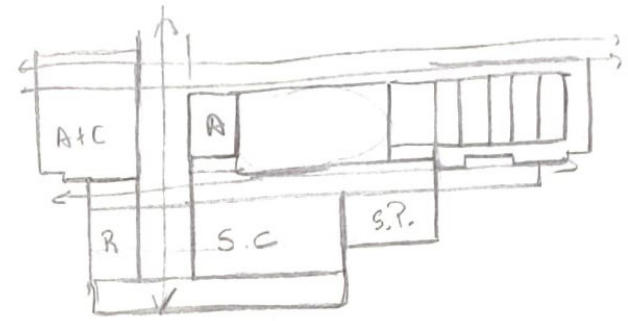

A
C
WC
A
ET.
L
R.
S.C.

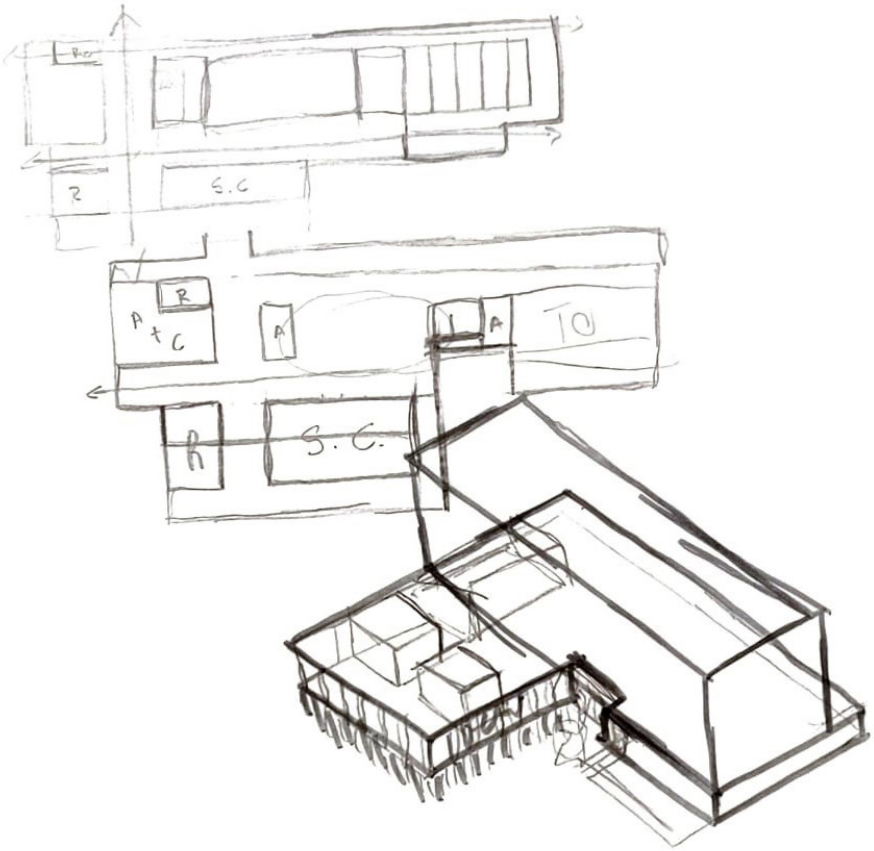

A

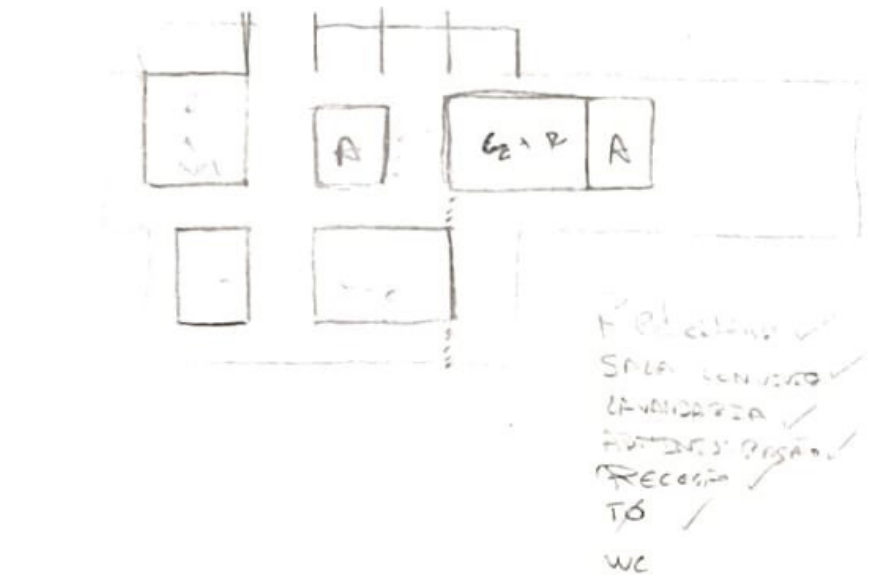




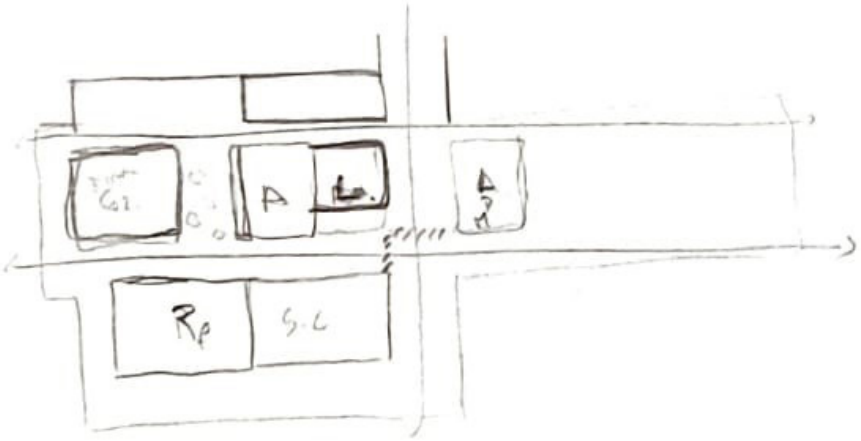


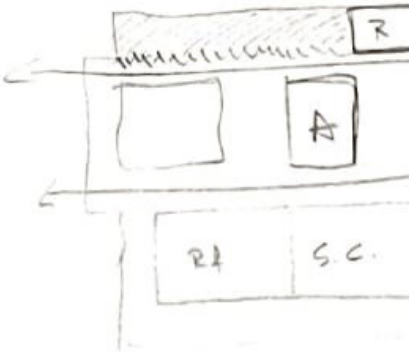

A+C
A
R
S.C
S.P.

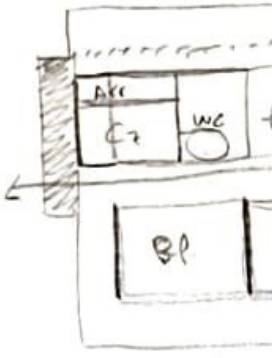

R
S.C
R
A+C
A
A
TO
R
S.C.

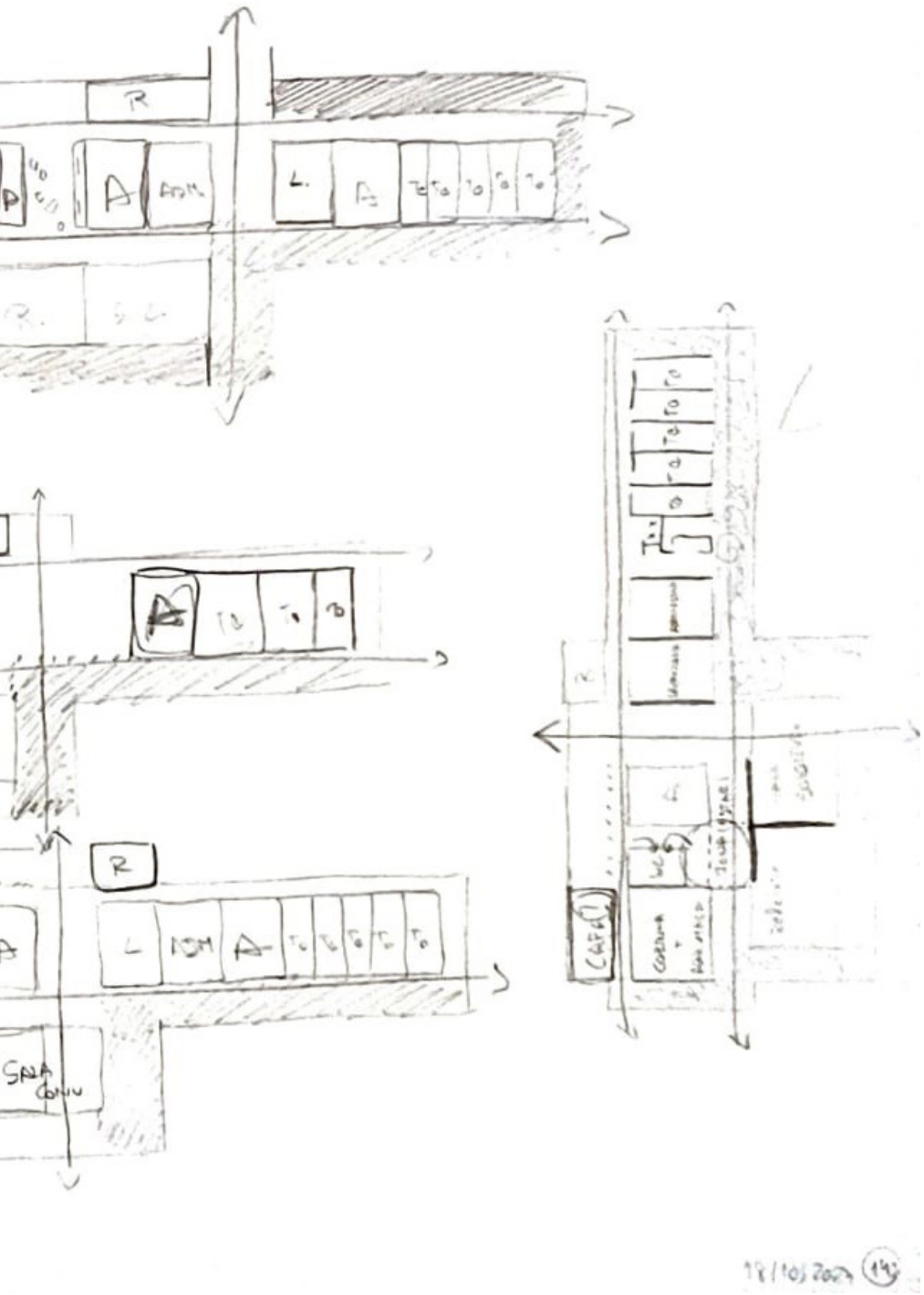

A
A
SALA
LAVANDARIA
RECOSTO
TÓ
WC

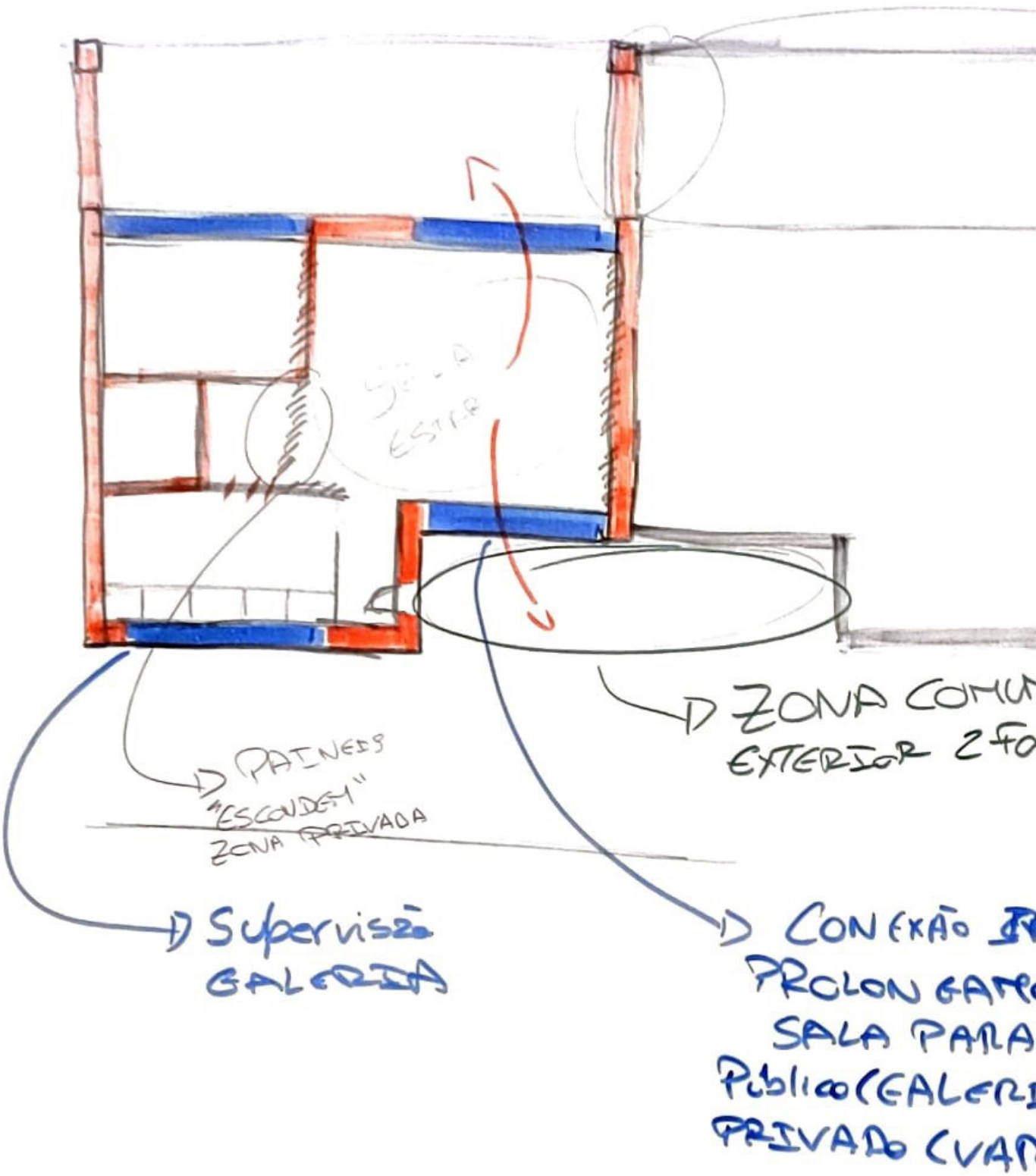


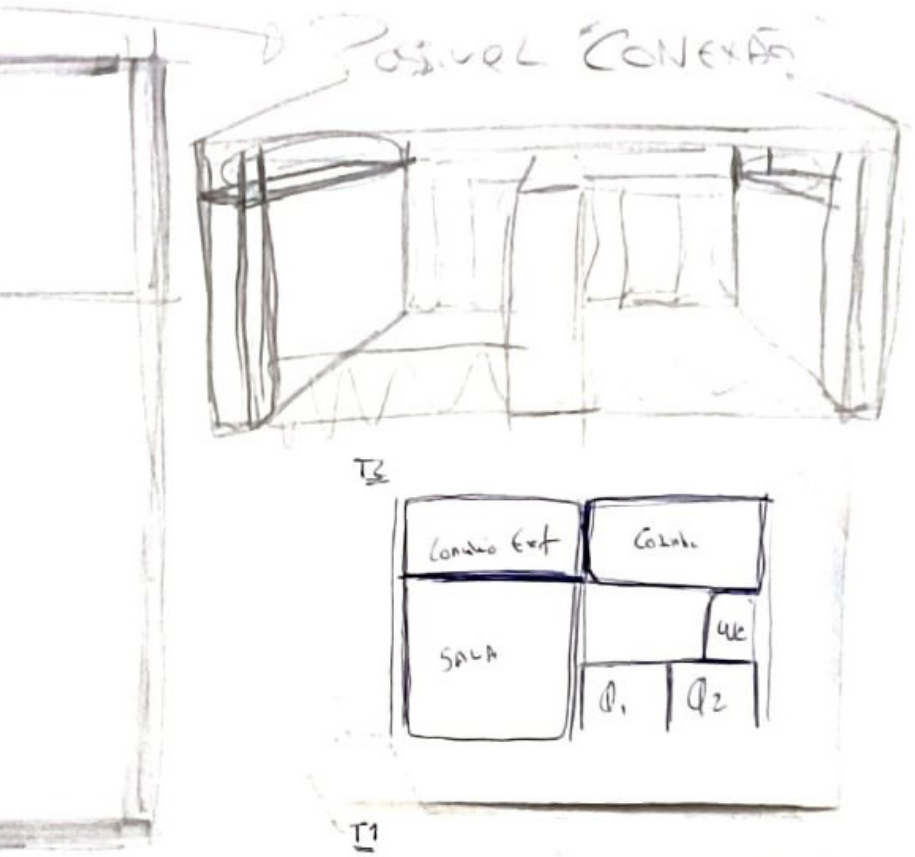

A
A
Rf
S.C


R
A
Rf
S.C.

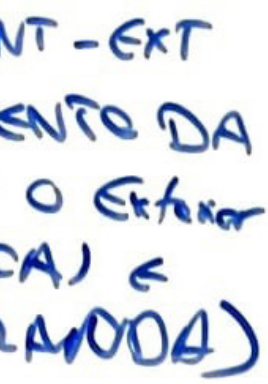

Arr
WC
Bf


R
A
ADM
L
A
R
L
ADM
A
SALA
CONV
CAFA
18/10/2024

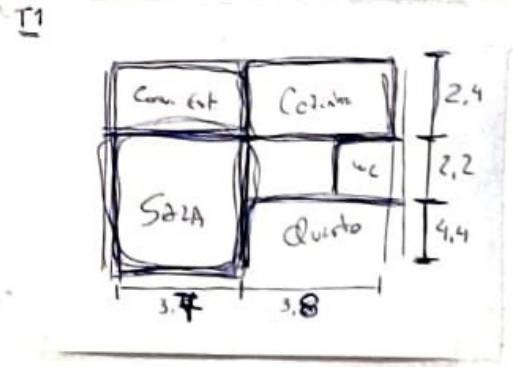

ESTAR
ZONA COMU
EXTERIOR 240
PAINEIS
"ESCONDEM"
ZONA PRIVADA
Supervisão
GALERIA
CONEXÃO
PROLONGAM
SALA PARA
PUBLICO(GALERI
PRIVADO(VAR

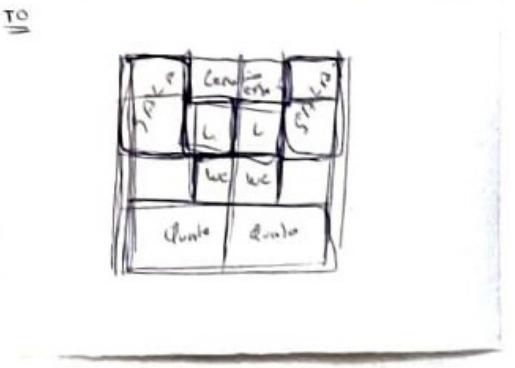

POSSIVEL CONEXÃO


-05

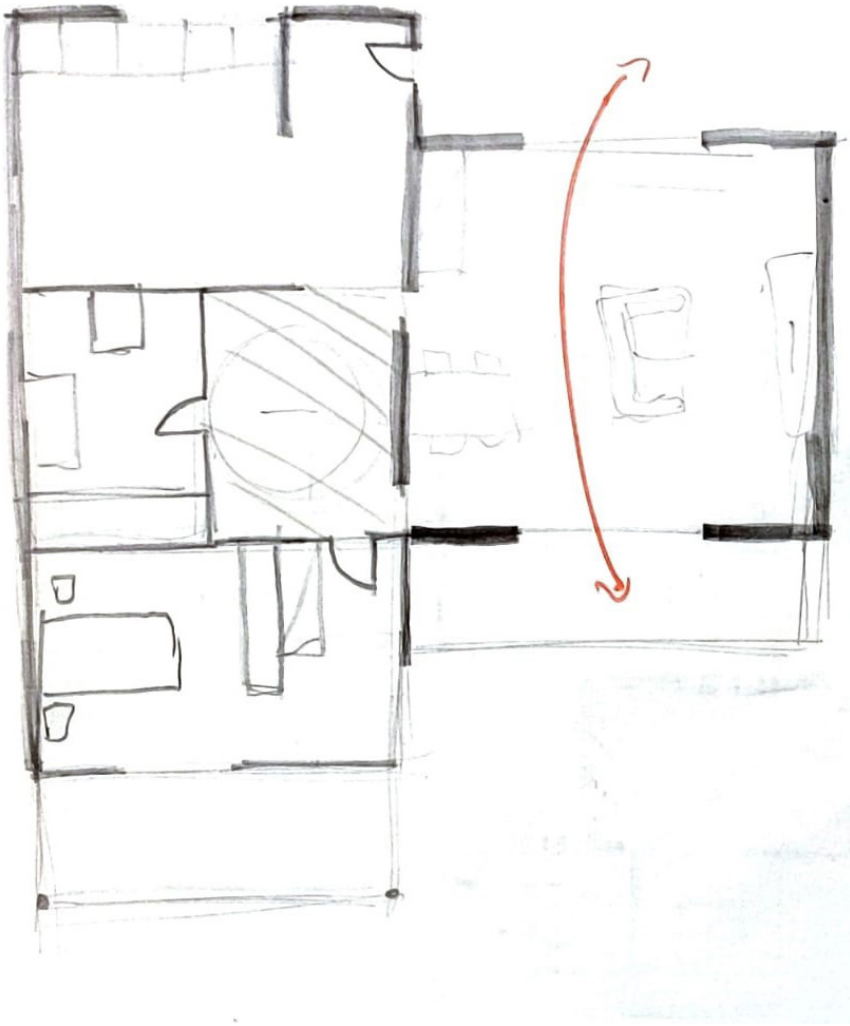

NT - EXT
ENTO DA
O Exterior
CA) E
LANDA)

T2
Cozinha Ext
Cozinha
SALA
WC
Q1
Q2


T1
Cozinha Ext
Cozinha
SALA
WC
Quarto
2,4
2,2
4,4
3,8

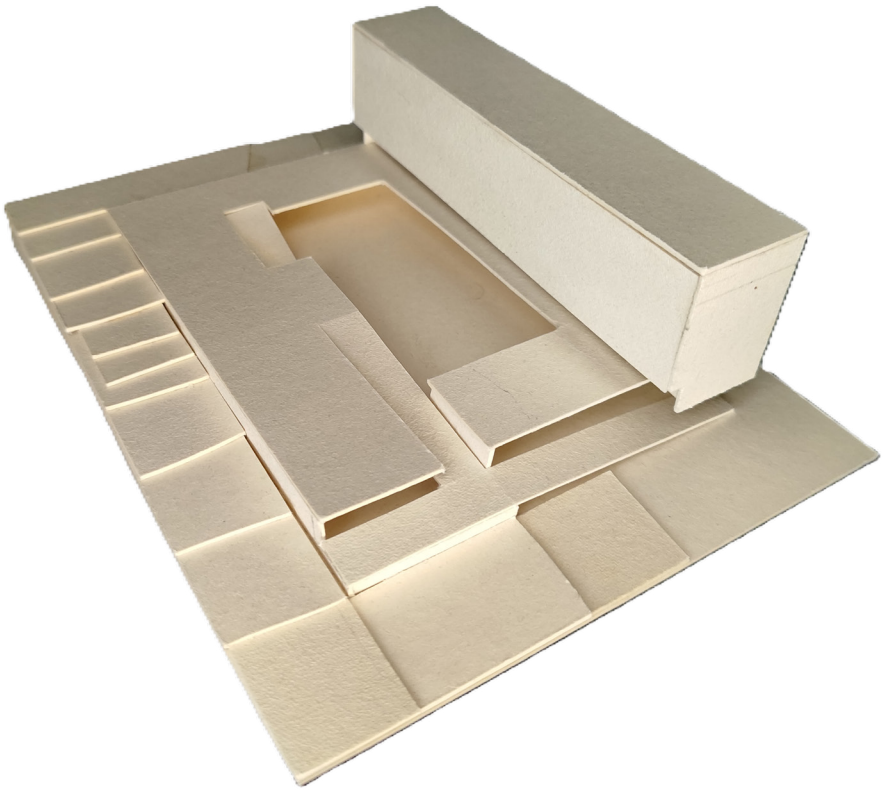

T0
L
L
WC
WC
Quarto
Quarto

03/10/2024 (12)

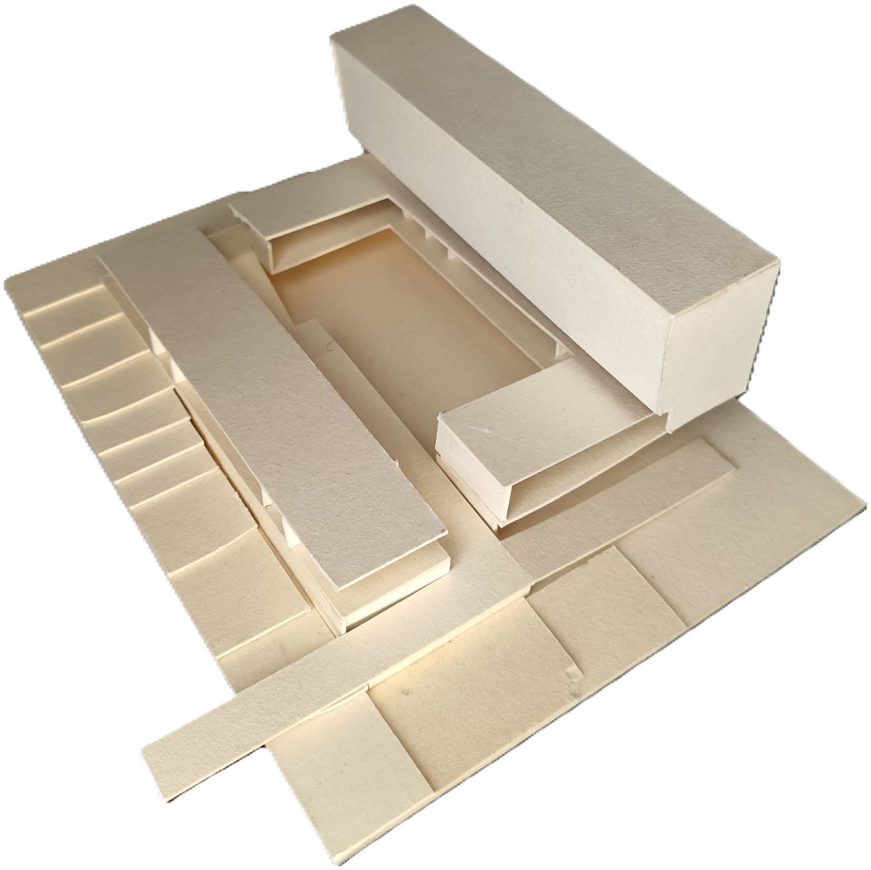


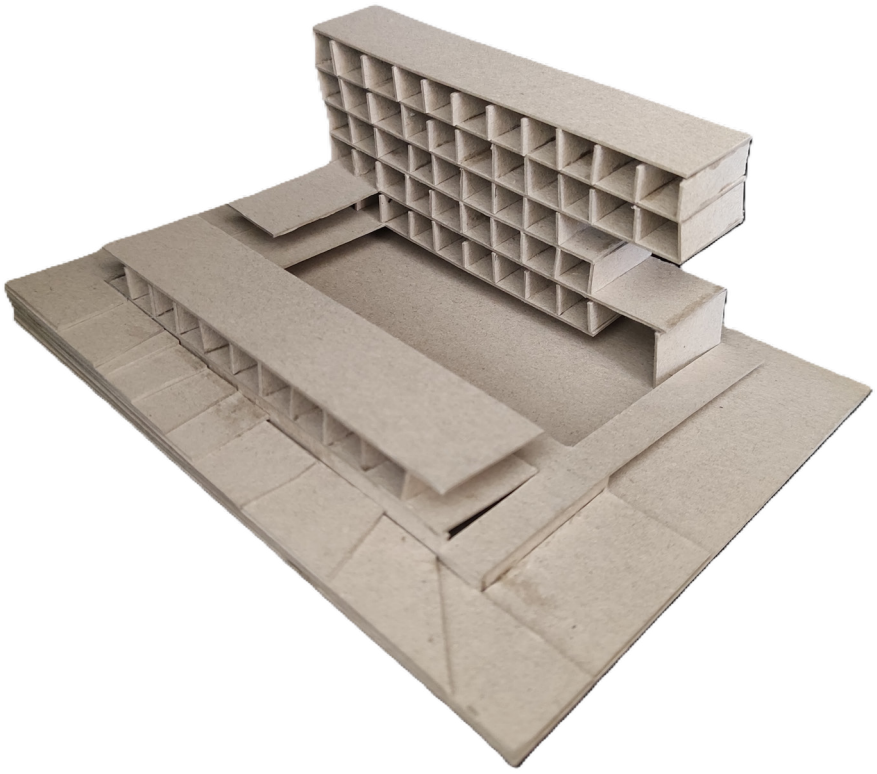
P-21



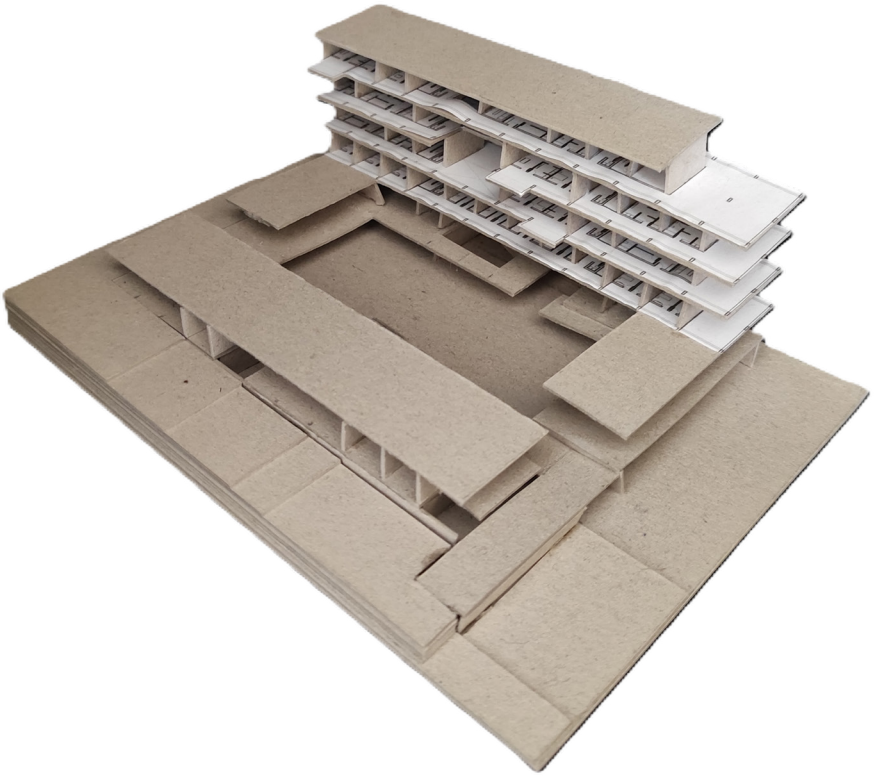


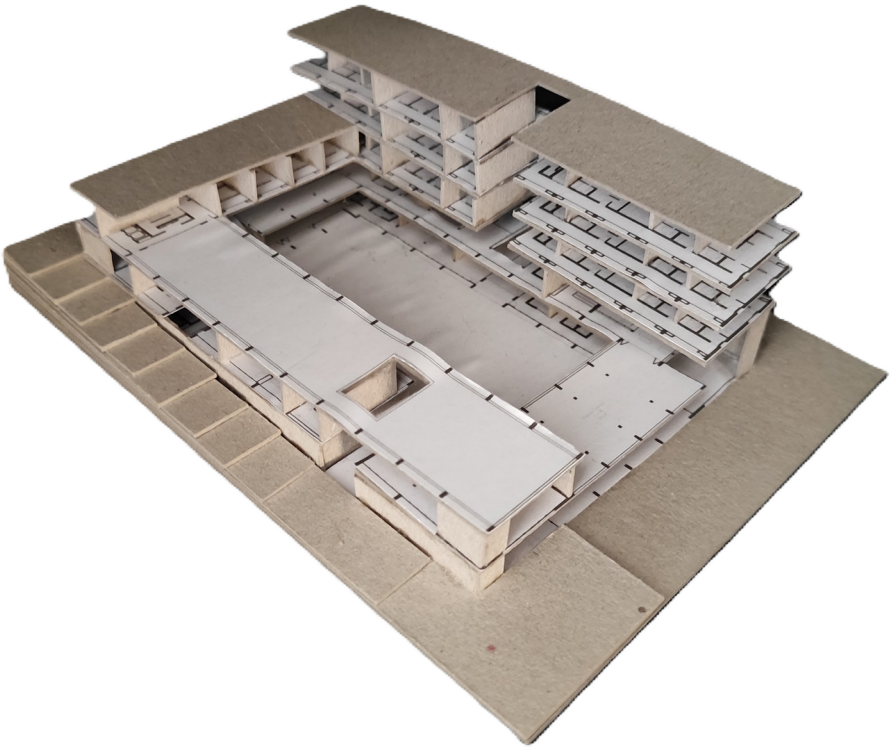
P-23





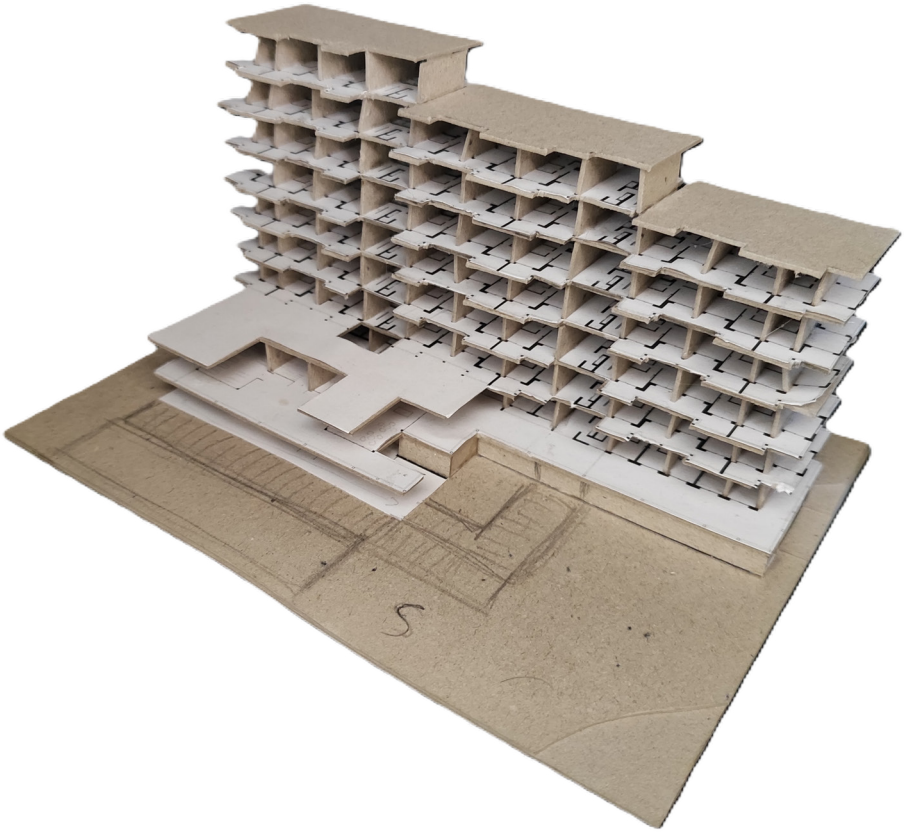
P-25





P-27





Maquetes Finais



MF-01

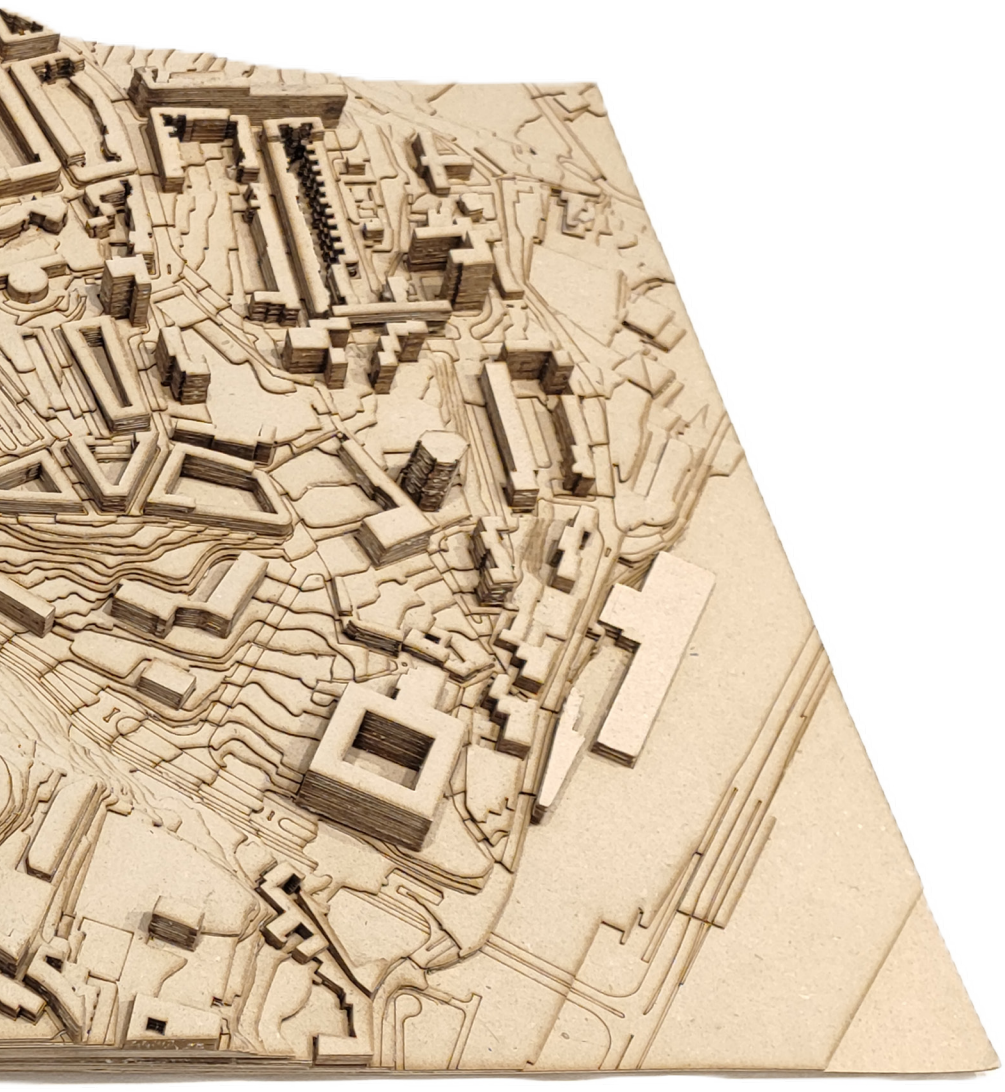
Escala 1.2000





MF-02

Escala 1.2000

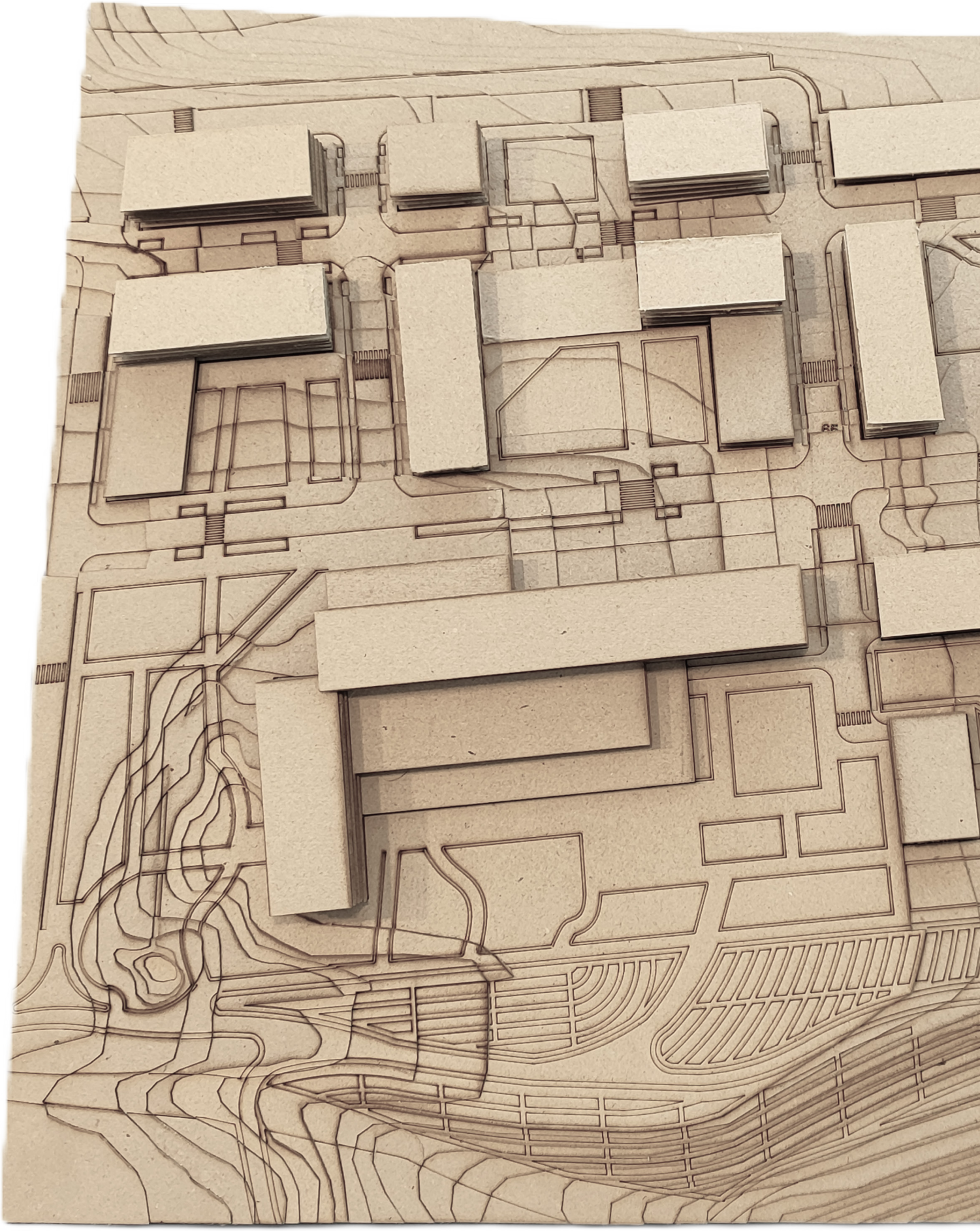




MF-03

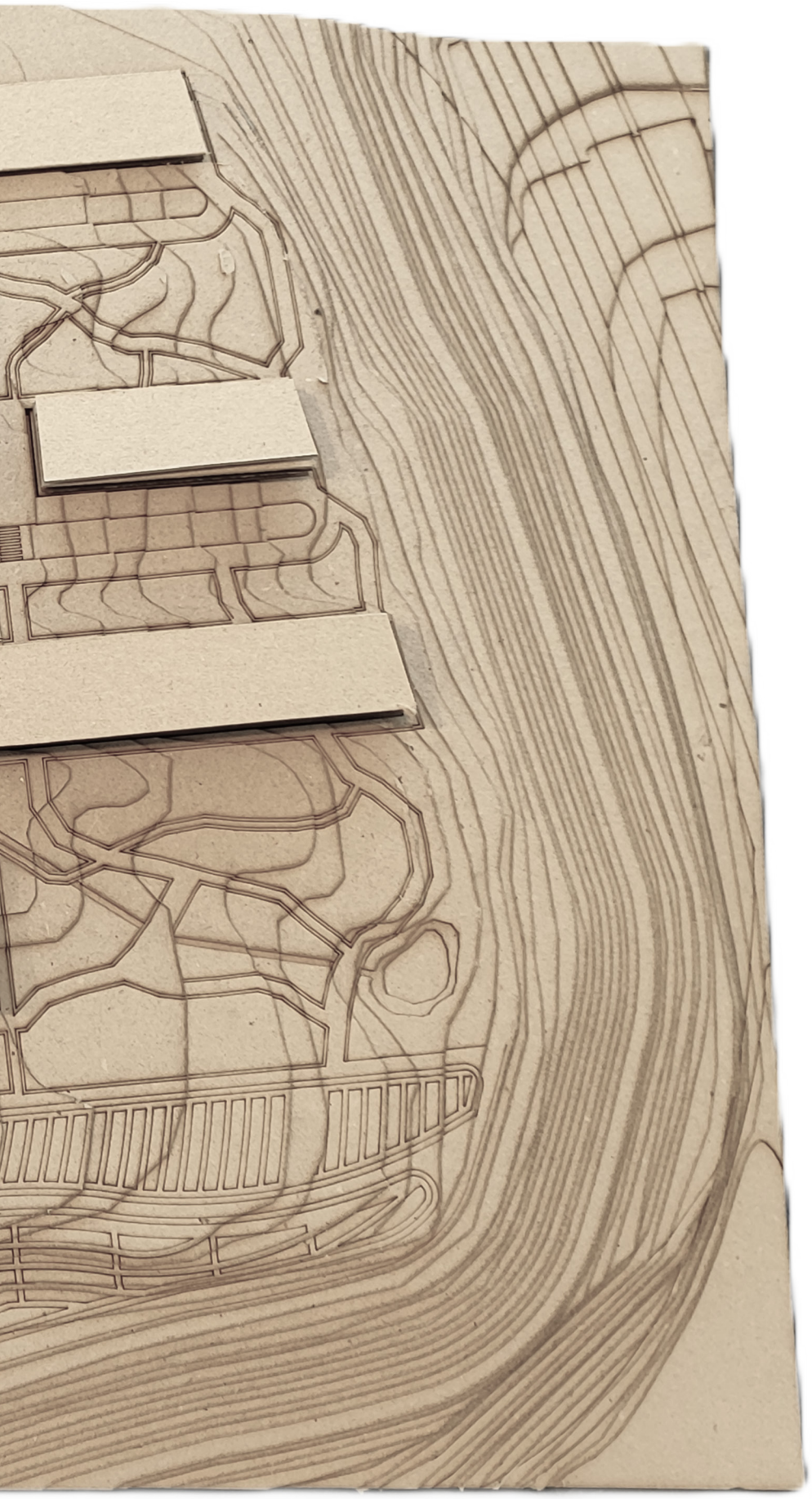
Escala 1.2000

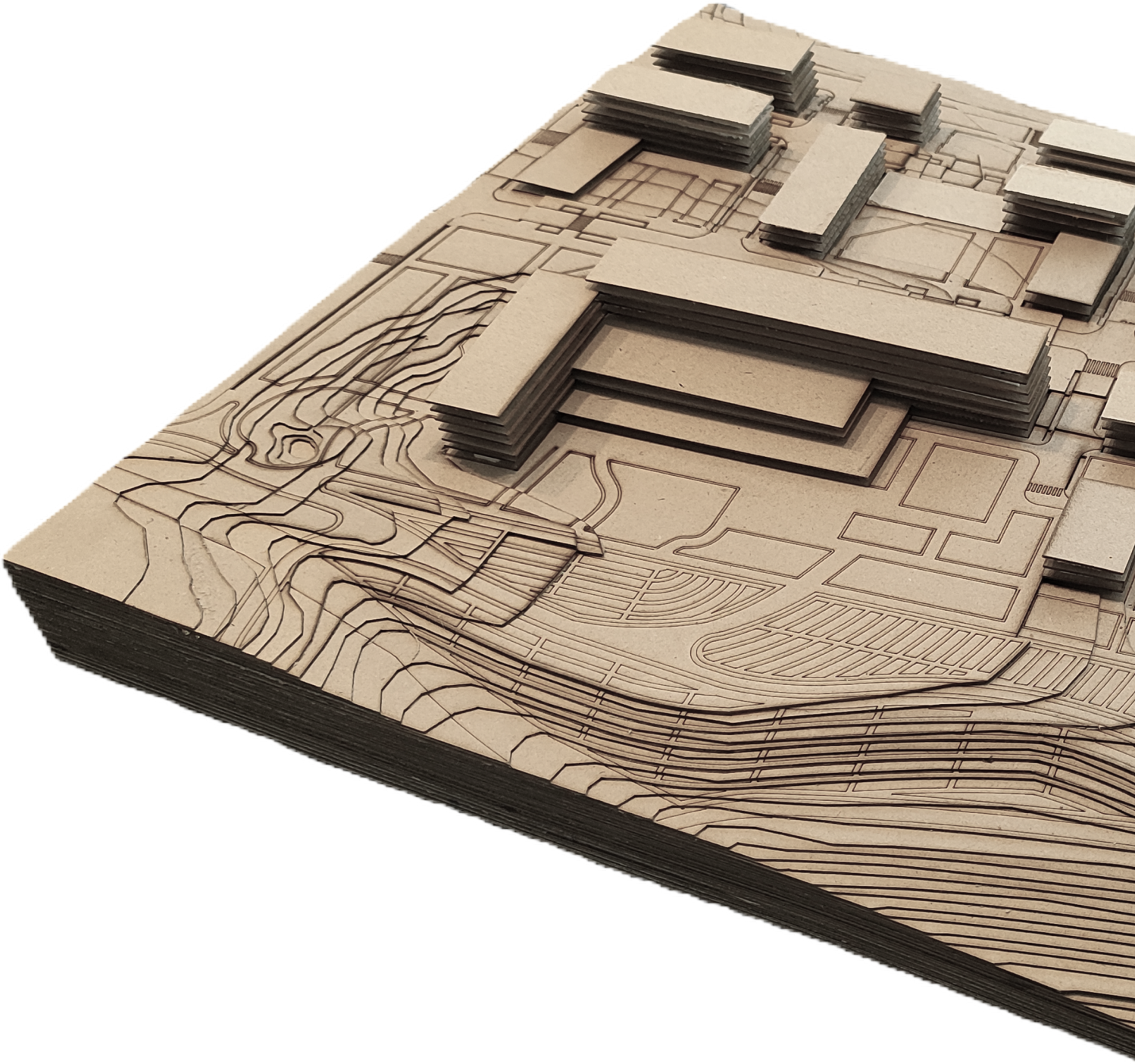




MF-04

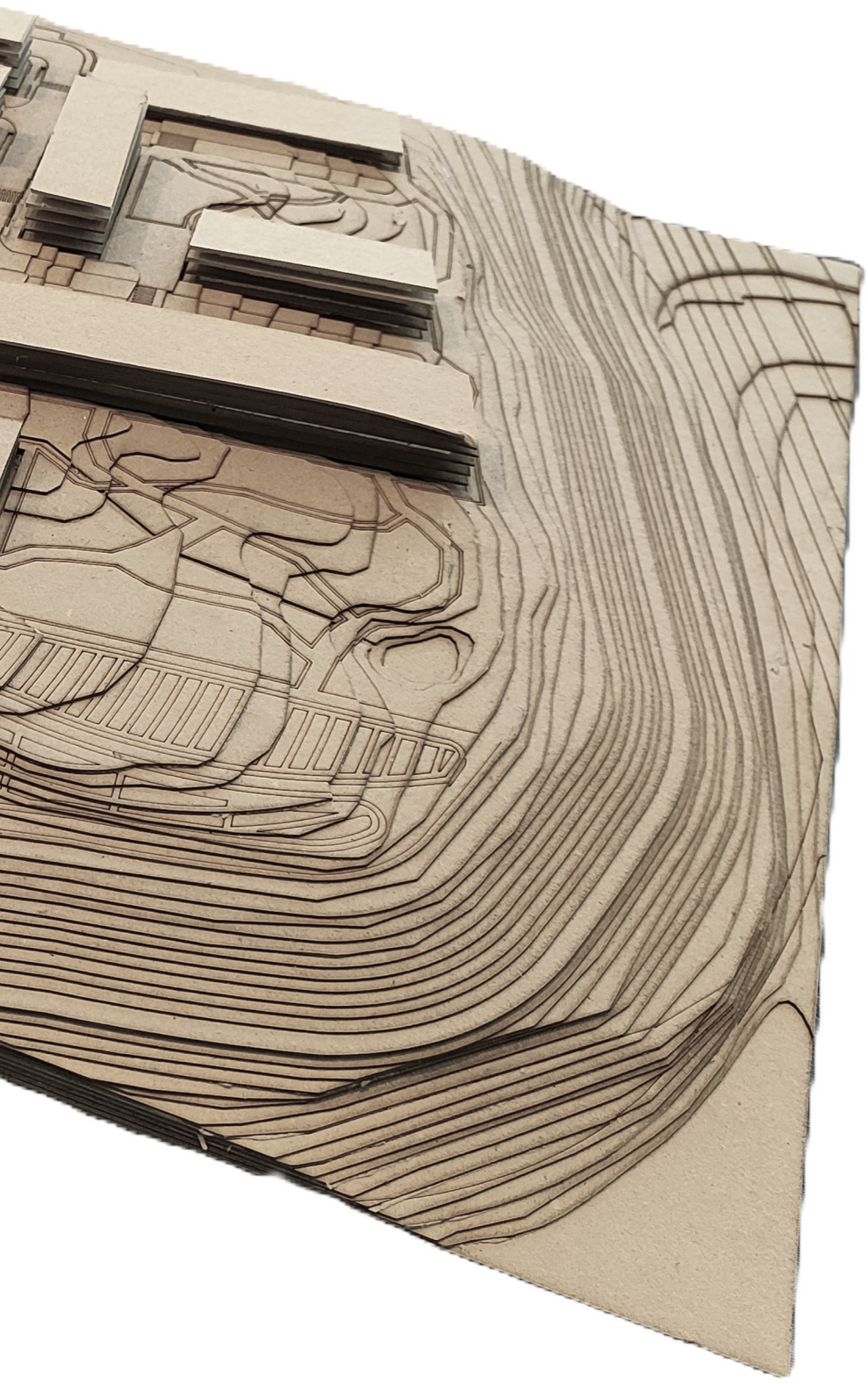
Escala 1.500

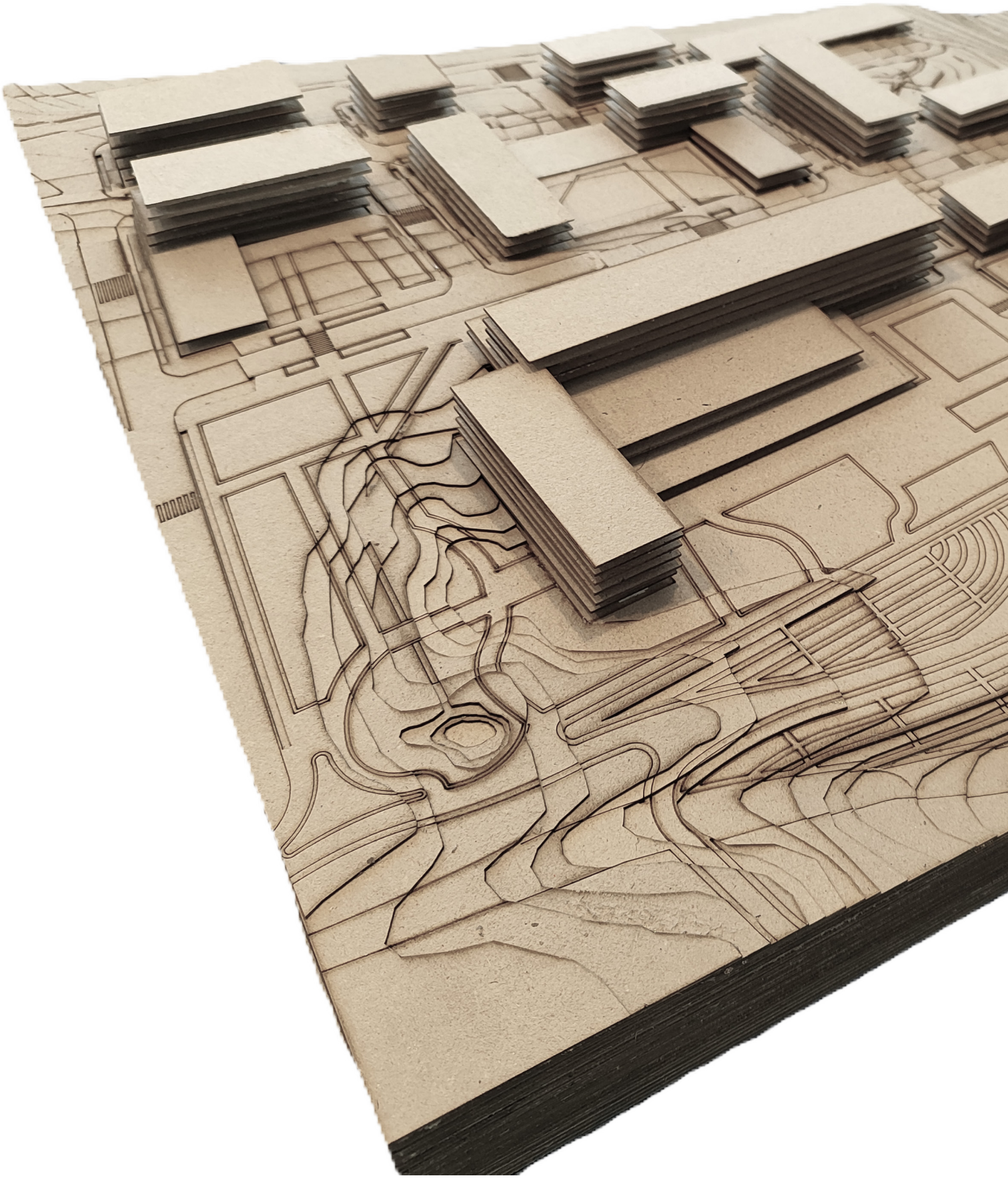




MF-05

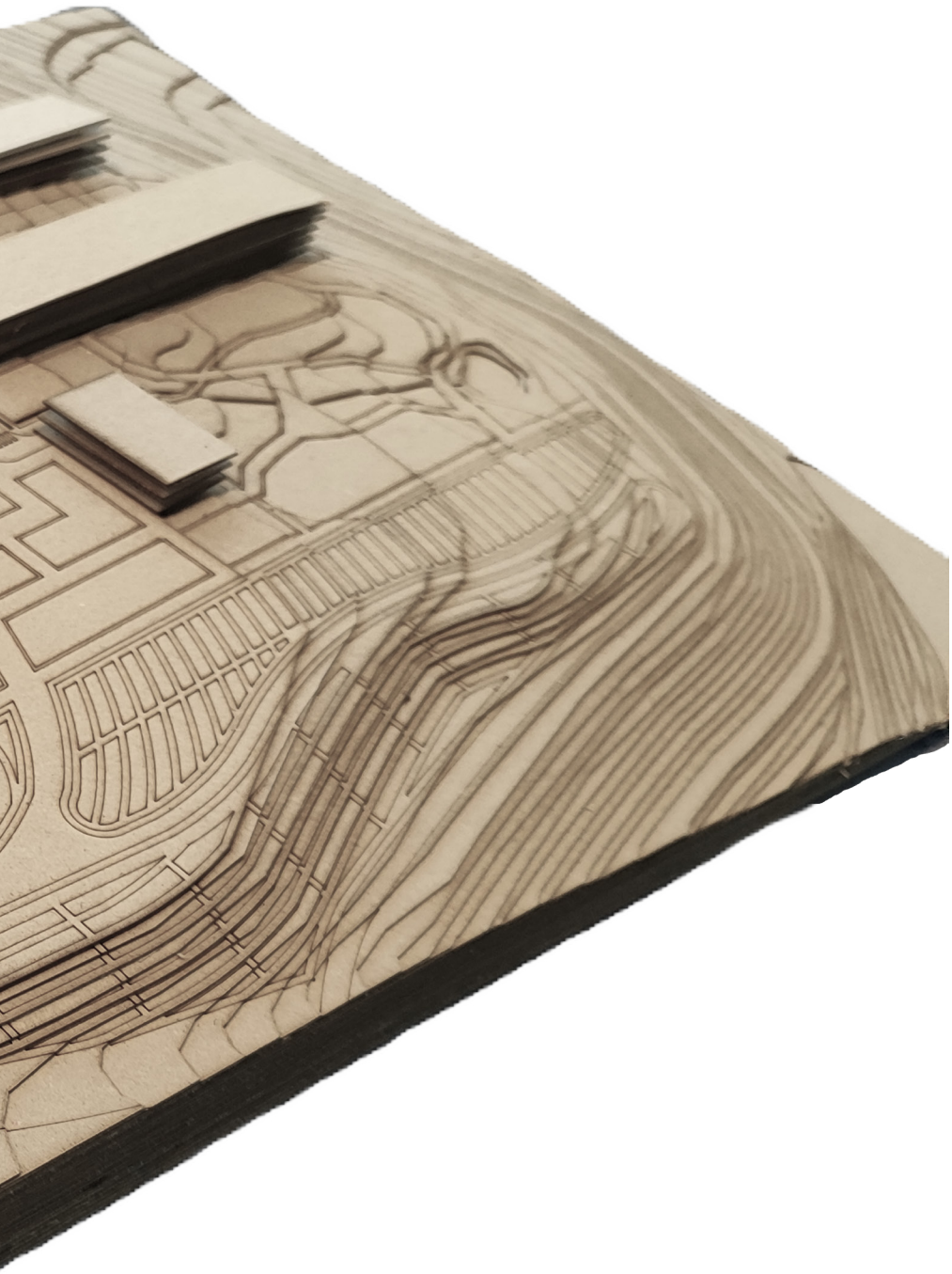
Escala 1.500

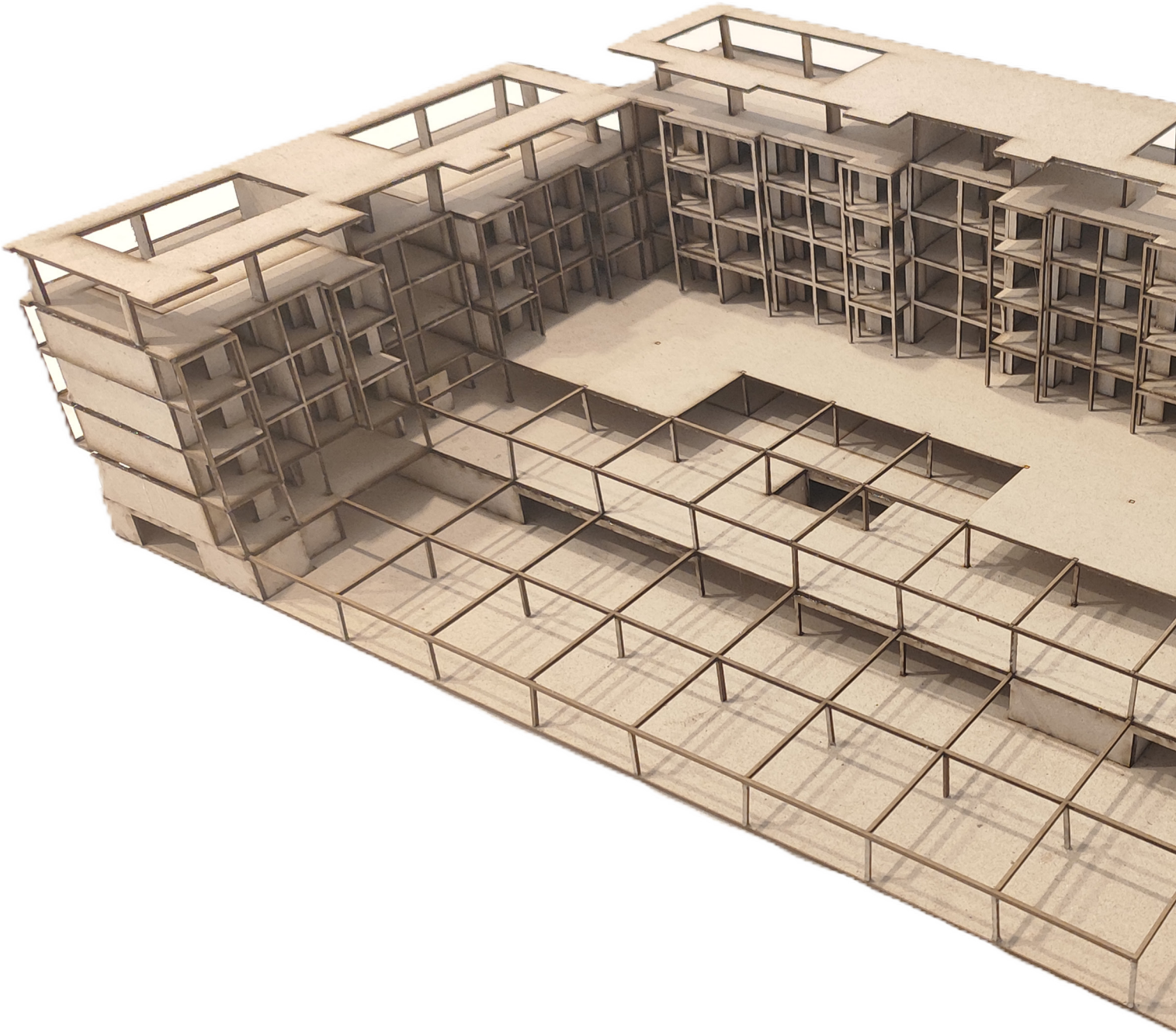




MF-06

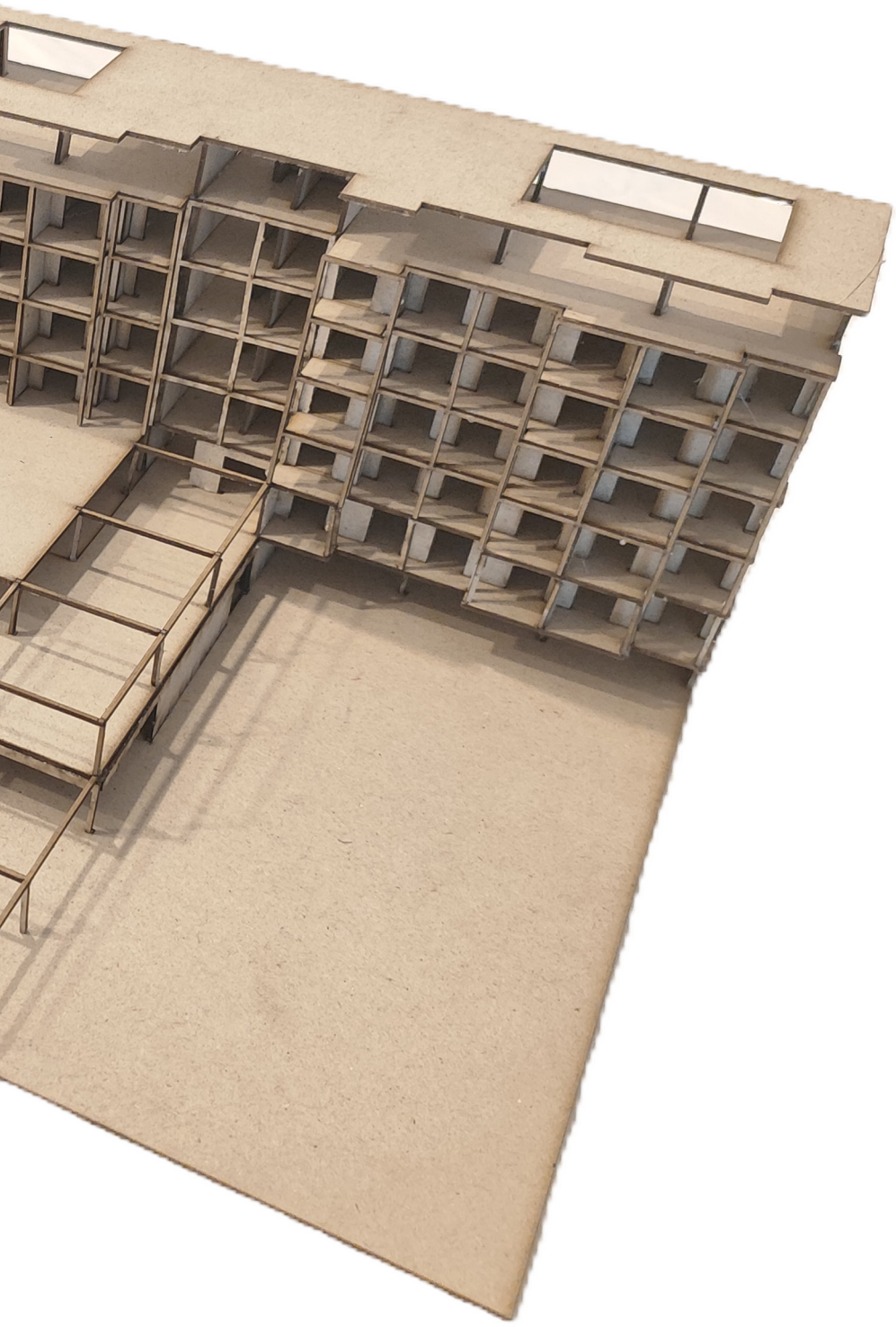
Escala 1.500





MF-07

Escala 1.200





MF-08

Escala 1.200



Casos de Estudo

CE-01

New Lanark

Localização

Lanark, Escócia

Ano

1785
(1799)

Arquitetos/Fundadores

David Dale e
Richard Arkwright
(Robert Owen)

Nº de Residentes

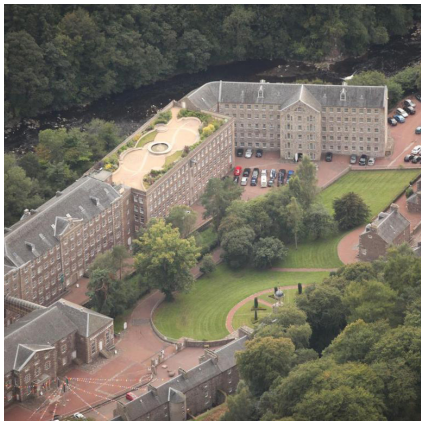
Aproximadamente 2000 habitantes no auge da sua ocupação

Principais Espaços Comuns

Escola
Centro Comunitário
Espaços de Lazer

Situada nas margens do rio Clyde, New Lanark representa um exemplo de como a industrialização pode ser harmonizada com o bem-estar social e o desenvolvimento comunitário. Fundada em 1785 por David Dale e Richard Arkwright, a vila foi concebida como uma comunidade residencial para os trabalhadores da fábrica têxtil.

O modelo evoluiu sob a liderança de Robert Owen, que, a partir de 1799, implementou uma série de reformas sociais progressistas para integrar a habitação comunitária com a produção industrial. Owen acreditava que melhorar as condições de vida dos trabalhadores promovia uma maior produtividade e felicidade, criando um ambiente comunitário saudável.





Owen introduziu a educação gratuita para as crianças e garantiu também o acesso a cuidados médicos, além de proporcionar habitações dignas para os trabalhadores das fábricas e para as suas famílias.

Os edifícios, construídos com materiais locais e projetados para promover a interação social, foram planeados de forma a integrar a habitação com os espaços comuns, reforçando assim o sentimento de comunidade entre os trabalhadores. New Lanark tornou-se, assim, um exemplo de como o ambiente construído pode promover a coesão social e o bem-estar de uma comunidade. A visão de comunidade de Owen reflete a importância de um ambiente comunitário integrado, unindo habitação, trabalho, educação e lazer.



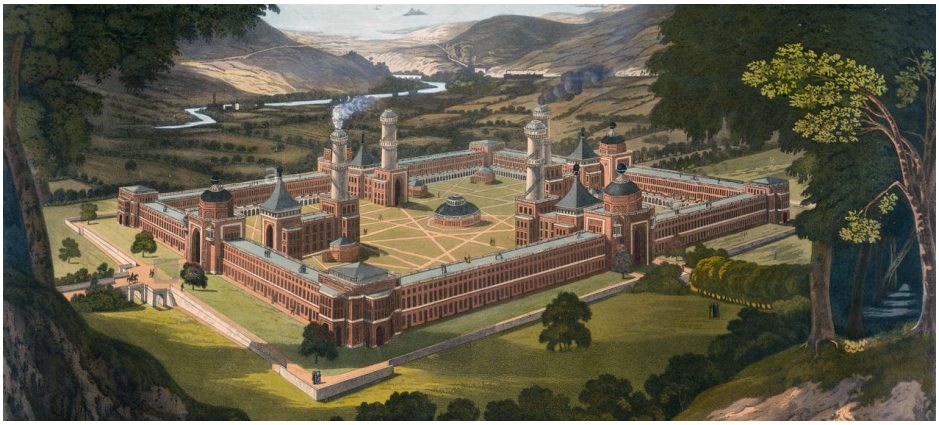
New Harmony, fundada em 1825 por Robert Owen, foi uma tentativa de criar uma sociedade com bases utópicas, inspirada pelas ideias trazidas de New Lanark, onde Owen acreditava ser possível aplicar os mesmos princípios de cooperação e igualdade numa nova comunidade, livre de desigualdades.

Owen adquiriu a cidade de Harmonie, construída originalmente pelos Rappitas, um grupo religioso separatista, e renomeou-a New Harmony, iniciando então a implementação da sua visão, baseada na educação universal, na igualdade social e económica, e no trabalho cooperativo. A criação de espaços comuns foi pensada para fomentar o sentimento de comunidade e promover a interação social.

Owen acreditava que o ambiente social moldava o comportamento humano. Defendia que, ao proporcionar educação de qualidade e garantir igualdade de oportunidades, seria possível transformar as pessoas e criar cidadãos mais justos e cooperativos. O seu objetivo era criar uma "nova moralidade", onde a razão, em vez da religião, seria o guia da conduta humana.

No entanto, apesar dos seus ideais, New Harmony enfrentou vários desafios práticos. A diversidade de ideologias entre os habitantes e a falta de uma liderança coesa geraram conflitos. Além disso, a gestão económica da comunidade revelou-se insustentável. Em 1827, Owen percebeu que as suas ideias estavam a fracassar e, em 1828, a comunidade dissolveu-se, forçando-o a vender a propriedade.

Embora a comunidade de New Harmony tenha durado apenas três anos, o seu impacto foi duradouro. A experiência serviu de base para movimentos posteriores, como o cooperativismo e as primeiras comunidades socialistas.



CE-02

New Harmony

Localização

Indiana, EUA

Ano

1825

Arquitetos/Fundadores

Robert Owen (outros membros da comunidade)

Nº de Residentes

proximadamente 1000 habitantes no auge da sua ocupação

Principais Espaços Comuns

Áreas de estudo
Oficinas
Espaços de convivío e trabalho

CE-03

Phalanstère

Localização

Várias localizações, principalmente França

Ano

1930's

Arquitetos/Fundadores

Charles Fourier

Nº de Residentes

Variável

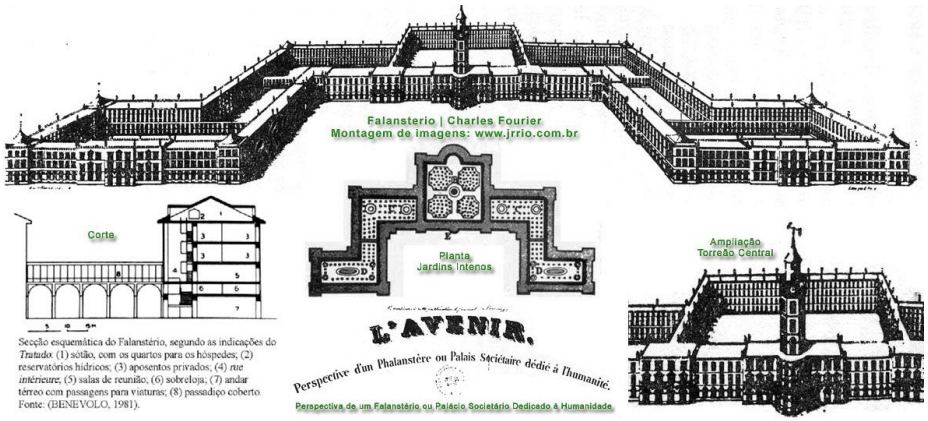
O Falanstério, concebido por Charles Fourier, foi um modelo de comunidade autossuficiente e cooperativa que visava reorganizar a sociedade com base nos princípios de harmonia, justiça e realização pessoal. Fourier, um dos expoentes máximos do socialismo utópico, acreditava que a sociedade capitalista, com o ênfase na competição e no individualismo, gerava desigualdade e sofrimento. Para ele, a chave para uma sociedade ideal residia na criação de pequenas comunidades cooperativas.

A estrutura seria um grande edifício central, concebido como uma miniatura da sociedade perfeita, onde todas as necessidades económicas, sociais e culturais seriam atendidas num ambiente organizado. Fourier acreditava que, ao permitir que as pessoas seguissem as suas paixões naturais, seria possível eliminar o tédio, o sofrimento e as frustrações associadas ao trabalho forçado.

Fourier idealizava uma economia cooperativa, em que as recompensas seriam proporcionais à contribuição de cada um, evitando a exploração e a acumulação excessiva de riqueza por um pequeno grupo. Além disso, o modelo preconizava uma ampla partilha dos benefícios, onde todos teriam acesso a uma vida digna, sem grandes disparidades económicas.

A arquitetura do Falanstério refletia igualmente os valores de Fourier, sendo projetada para fomentar a convivência e a colaboração. A disposição dos espaços residenciais, produtivos e comuns permitia uma interação fluida e constante entre os membros da comunidade. Fourier atribuía ao ambiente físico um papel fundamental na promoção da harmonia social, defendendo que o espaço deveria ser desenhado para facilitar encontros, cooperação e trocas sociais. Esta visão espacial fazia parte do seu conceito mais amplo, em que a arquitetura, as relações humanas e a economia estavam intrinsecamente ligadas.

Embora Fourier nunca tenha visto a concretização completa do Falanstério, o seu conceito influenciou profundamente pensadores e reformadores sociais.



Secção esquemática do Falanstério, segundo as indicações do *Tratado*. (1) sótão, com os quartos para os hóspedes; (2) reservatórios hídricos; (3) aposentos privados; (4) *rue intérieure*; (5) salas de reunião, (6) sobreloja; (7) andar térreo com passagens para viaturas; (8) passadiço coberto. Fonte: (BENEVOLO, 1981).

CE-04

Familistère

Localização

Guise, França

Ano

1859

Arquitetos/Fundadores

Jean-Baptiste André Godin

Nº de Residentes

Aproximadamente 1.500 residentes

Principais Espaços Comuns

Refeitório Comunitário
Escola
Biblioteca
Jardins
Espaço de lazer

O Familistère de Guise, é um exemplo emblemático de uma tentativa de criar uma comunidade idealizada baseada na igualdade social e no bem-estar coletivo. O projeto visava melhorar as condições de vida dos trabalhadores e das suas famílias, oferecendo não apenas habitação, mas uma verdadeira infraestrutura social que incluía escolas, assistência médica, lojas, um teatro e espaços comuns. A ideia central de Godin era que a melhoria das condições de vida poderia transformar a sociedade, promovendo harmonia entre as classes sociais e dignidade no ambiente de trabalho.

A arquitetura do Familistère refletia esse ideal comunitário, com edifícios concebidos para favorecer a convivência. Cada família tinha acesso a



apartamentos confortáveis e espaçosos, e as áreas comuns foram projetadas para incentivar a interação entre os moradores. A abordagem inovadora de Godin incluía ainda o fornecimento de serviços como educação e saúde, além de promover atividades culturais que enriqueciam a vida dos residentes.

Apesar do sucesso inicial, o Familistère enfrentou dificuldades financeiras e administrativas ao longo do tempo, culminando na sua falência em 1968. No entanto, o legado de Godin e a sua visão de uma sociedade mais justa persistem, sendo o Familistère hoje considerado um exemplo significativo de arquitetura social e urbana.





CE-05

Hemgården

Localização

Estocolmo, Suécia

Ano

1905/1907

Arquitetos/Fundadores

Georg Hagström e Frithiof Ekman

Nº de Residentes

Não existe um número exato de residentes (60 fogos)

Principais Espaços Comuns

Cozinha Centralizada
Salas de Estar Comuns

O Hemgården Central Kitchen foi um projeto de habitação inovador, refletindo uma abordagem pioneira de moradia coletiva sendo a sua principal característica a eliminação das cozinhas privadas nas unidades habitacionais, substituídas por uma única cozinha centralizada, responsável pela preparação das refeições para todos os residentes. A ideia central do projeto era criar uma solução eficiente e económica, não apenas em termos de espaço, mas também de recursos. A centralização da cozinha tinha como objetivo reduzir o custo e a complexidade de cada residência, eliminando a necessidade de cozinhas individuais,

O conceito de "casa de cozinha única" (Einküchenhaus) não era exclusivo do Hemgården, tendo sido adotado noutras cidades europeias, no início do século XX. Este modelo visava tornar os edifícios mais funcionais e acessíveis, maximizando o uso de espaços urbanos limitados.



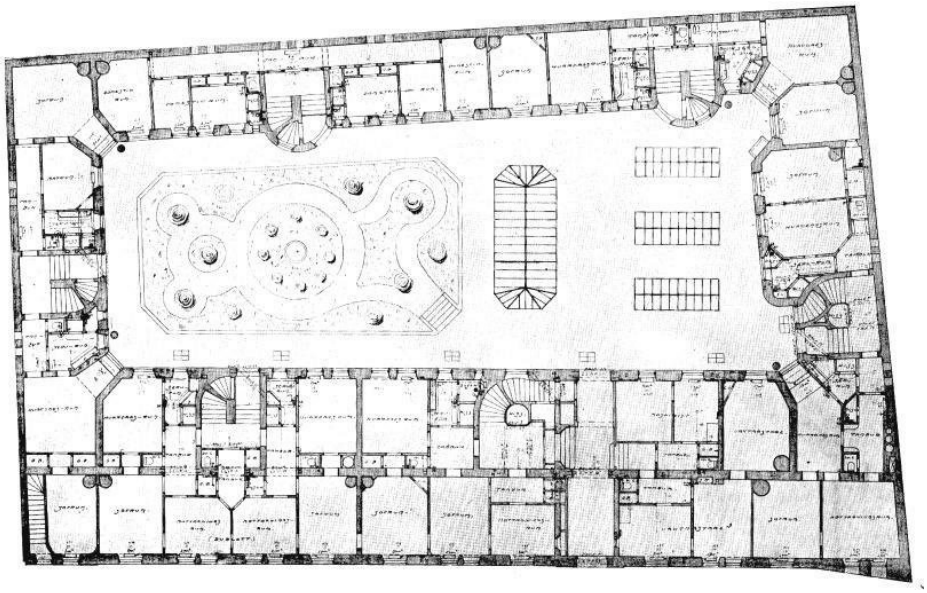
11. På vejen op i elevatoren studeres restaurantens spisekort. Hvad skal vi have til middag i dag? (John Ericssonsgatan 6).

12. Når husmoderen er kommet ind i sin lejlighed, ringer hun gennem hustelefonen til køkkenet og afgiver sin bestilling.

13. En køkkenpige sætter en bakke med den bestillte mad ind i madelevatoren og et øjeblik efter . . . .

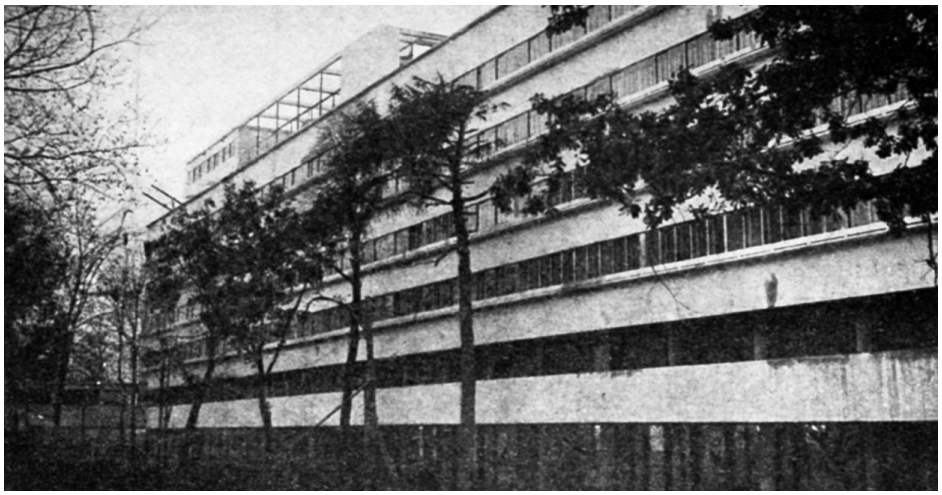
14. tager husmoderen maden fiks og færdig ud af elevatoren. Det snavsede service sendes senere ned igen til opvaskemaskinen.

Apesar de funcional e económico, o Hemgården, como outros projetos semelhantes, não conseguiu sustentar-se ao longo do tempo. A falta de flexibilidade nos espaços e a ausência de privacidade para as famílias limitaram a sua aceitação a longo prazo. No entanto, o projeto tornou-se um marco na história da habitação social e um exemplo de como ideias utópicas podem influenciar a arquitetura e o urbanismo, ao tentar equilibrar eficiência, comunidade e bem-estar.



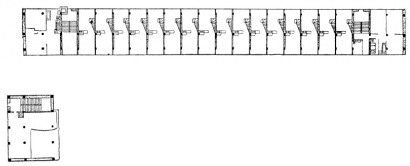
CE-06

Narkomfin

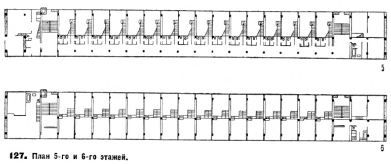


O Edifício Narkomfin, foi concebido como um protótipo de habitação coletiva socialista, refletindo os ideais do regime soviético da época. O projeto visava criar um espaço urbano que integrasse a vida privada com a vida comunitária, oferecendo uma solução inovadora para os problemas habitacionais. Ao contrário das construções tradicionais, o Narkomfin eliminou as cozinhas privadas e introduziu uma cozinha centralizada para os moradores, incentivando a interação e a colaboração entre as famílias.

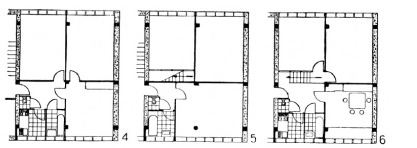
Arquitetonicamente, o Narkomfin caracteriza-se pela sua estética minimalista e funcionalista, com uma fachada plana e janelas horizontais, em contraste com os estilos mais ornamentados da época. A estrutura foi erguida sobre pilotis, permitindo criar um espaço aberto ao nível do solo. Os apartamentos foram planeados para serem compactos e eficientes, com divisórias móveis que possibilitavam flexibilidade no uso dos espaços. O edifício foi um dos primeiros a usar o betão armado de forma tão expressiva, algo que se tornou uma característica de muitos edifícios modernos.



126. План 4-го этажа.

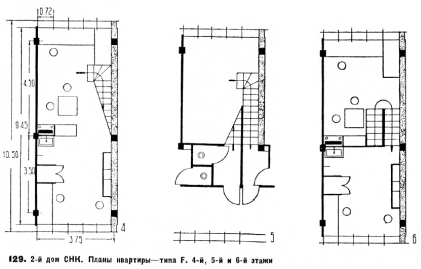


127. План 5-го и 6-го этажей.

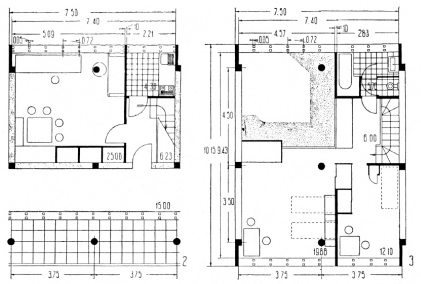


128. 2-й дом СНК. Планы квартиры—тип 2-F. 4-й, 5-й и 6-й этажи. М. Я. Гинзбург и И. Ф. Милинис

104



129. 2-й дом СНК. Планы квартиры—типа F. 4-й, 5-й и 6-й этажи



130. 2-й дом СНК. Планы квартиры—тип H. 2-й 3-й этажи. М. Я. Гинзбург и И. Ф. Милинис

105

Localização

Moscovo, Rússia

Ano

1928/1930

Arquitetos/Fundadores

Moisei Ginsburg
+
Outros arquitetos soviéticos

Nº de Residentes

Aproximadamente 300 residentes

Principais Espaços Comuns

Salões de refeições
Lavandaria
Espaços de trabalho

CE-07

Unité d'Habitation de Marseille

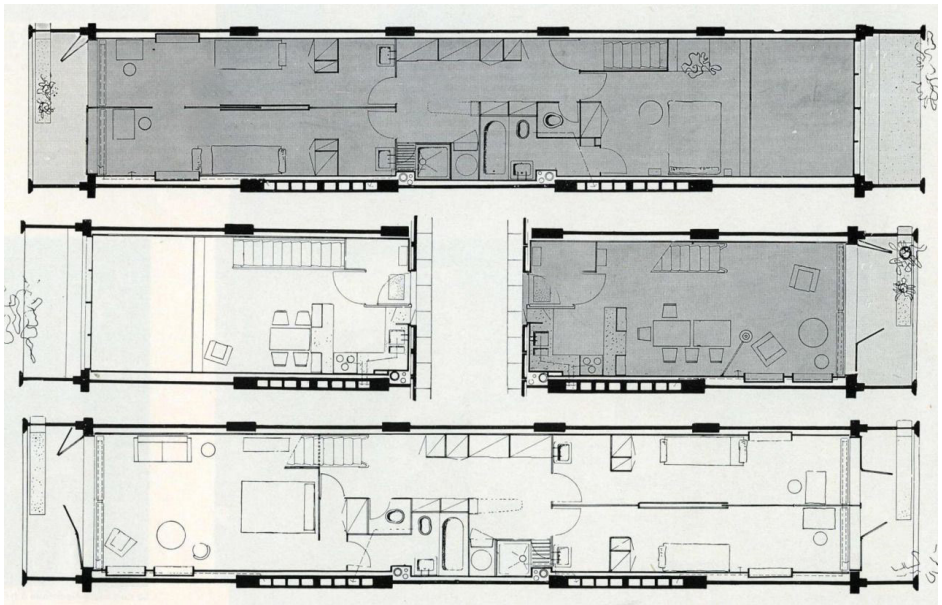
A Unidade Habitacional de Marselha, projetada por Le Corbusier entre 1945 e 1952, é um marco da arquitetura modernista e uma resposta inovadora aos problemas habitacionais do pós-guerra. O projeto vai além de uma simples construção de moradias, propondo uma "cidade vertical" onde diversas funções e serviços são integrados num único edifício. Além das 337 unidades habitacionais, a Unidade inclui escolas, lojas, creches, uma piscina, áreas de lazer e até um hotel. Esta organização permitiu que os moradores tivessem acesso a todos os serviços essenciais sem sair do edifício, promovendo a convivência e facilitando o dia a dia.



O edifício é caracterizado por espaços comuns que incentivam a interação social. O terraço-jardim, localizado no topo, foi pensado para atividades recreativas e sociais, funcionando como um espaço comunitário.

Le Corbusier desenhou o edifício para abrigar uma população diversa, unindo diferentes classes sociais num ambiente de colaboração e partilha de recursos. A proximidade física e o uso comum de espaços visavam promover a solidariedade e o bem-estar coletivo.





Localização

Marselha, França

Ano

1952

Arquitetos/Fundadores

Le Corbusier

Nº de Residentes

Aproximadamente 1600 residentes

Principais Espaços Comuns

Galeria comercial
Escola
Jardim
Sala de desportos
Áreas de lazer e convivência

CE-08

Fristaden Christiania

Freetown Christiania é uma comunidade autônoma localizada no coração de Copenhaga, Dinamarca, conhecida pelo seu estilo de vida alternativo e espírito independente. Fundada quando um grupo de jovens hippies ocupou um antigo quartel militar abandonado, Christiania foi proclamada uma "cidade livre", desvinculando-se das autoridades dinamarquesas. A comunidade opera sob um conjunto de regras próprias, enfatizando a autogestão, a sustentabilidade e a convivência pacífica. Os residentes participam ativamente na tomada de decisões, e a área é caracterizada por construções alternativas e espaços públicos compartilhados, alberga também diversos ateliês, lojas e restaurantes que refletem a diversidade cultural e a criatividade dos seus habitantes.



Apesar da sua autonomia, Christiania enfrentou desafios legais e conflitos com as autoridades dinamarquesas ao longo dos anos. Em 1978, um tribunal ordenou a desocupação da área, levando a protestos significativos. No entanto, a comunidade conseguiu manter a sua existência, adaptando-se às mudanças legais e sociais.

Hoje, Christiania continua a ser um símbolo de liberdade e resistência, atraindo turistas e curiosos interessados na sua história única e no estilo de vida alternativo. Embora tenha enfrentado desafios legais e sociais, a comunidade permanece um exemplo notável de autogestão e convivência comunitária no contexto urbano contemporâneo.





Localização

Copenhague, Dinamarca

Ano

1971

Arquitetos/Fundadores

Fundada por um coletivo de cidadãos e ativistas

Nº de Residentes

Entre de 1000 a 1500 moradores

Principais Espaços Comuns

Áreas de lazer
Jardins comunitários
Espaços culturais
Oficinas
Cafés

CE-09

Skråplanet

Skraaplanet é uma comunidade de habitação colaborativa localizada em Jonstrup, Dinamarca, que surgiu na década de 1970. Idealizada pelo arquiteto Jan Gudmand-Høyer, a comunidade foi projetada para oferecer uma alternativa ao modelo tradicional de habitação, promovendo um ambiente mais próximo e colaborativo entre os seus moradores.

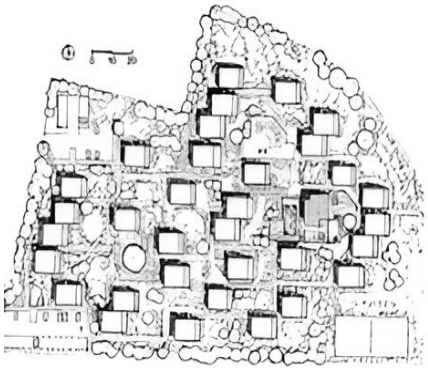
O projeto de Skraaplanet é composto por casas unifamiliares dispostas em três níveis, com áreas comuns que facilitam a interação entre os residentes. As casas estão conectadas por caminhos de asfalto e possuem uma estrutura que favorece a convivência social, com espaços compartilhados como a Fælleshuset (Casa Comum), onde os moradores se reúnem para atividades coletivas, jantares e eventos sociais.

Além disso, Skraaplanet inclui uma área de lazer ao ar livre com um parque infantil, e outros espaços de convivência, uma piscina aquecida disponível no verão e hortas comunitárias onde os moradores cultivam os seus próprios alimentos.



Este tipo de organização comunitária reflete o conceito de cohousing, onde a participação ativa dos moradores no planeamento e na gestão do espaço resulta numa convivência mais coesa e colaborativa.

O projeto visa promover a sustentabilidade, a convivência intergeracional e a redução do impacto ambiental, características típicas do modelo de habitação colaborativa, que tem vindo a tornar-se cada vez mais relevante no cenário atual. Em Skraaplanet, a ideia é criar uma comunidade que seja mais do que um simples lugar para viver, mas um espaço dinâmico onde as pessoas partilham experiências e recursos, contribuindo para uma forma de vida mais sustentável e cooperativa.





Localização

Jonstrup, Dinamarca

Ano

1970's

Arquitetos/Fundadores

Jan Gudmand-Høyer

Nº de Residentes

Entre 50 e 70 residentes

Principais Espaços Comuns

Lavandaria
Espaços de lazer
Jardim Comunitário
Fælleshuset (Casa Comum)
Hortas

CE-10

Sættedammen

Localização

Ny Hammersholt, Dinamarca

Ano

1972

Arquitetos/Fundadores

Theo Bjerg e Palle Dyreborg

Nº de Residentes

Aproximadamente 70 residentes

Principais Espaços Comuns

Cozinha comunitária
Lavandaria
Sala de Convívio
Fælleshus (Casa Comum)

O projeto foi concebido pelos arquitetos Theo Bjerg e Palle Dyreborg, que, em colaboração com os futuros moradores, desenvolveram um espaço que integrasse a racionalidade da industrialização com soluções individuais. A comunidade é composta por 27 residências, incluindo casas unifamiliares e algumas compartilhadas, totalizando cerca de 70 residentes de diversas idades.

O coração de Sættedammen é o Fælleshus (Casa Comum), onde os moradores se reúnem para atividades coletivas, como jantares comunitários, festas e eventos culturais. A participação em jantares partilhados é uma tradição enraizada, com refeições servidas até quatro vezes por semana.

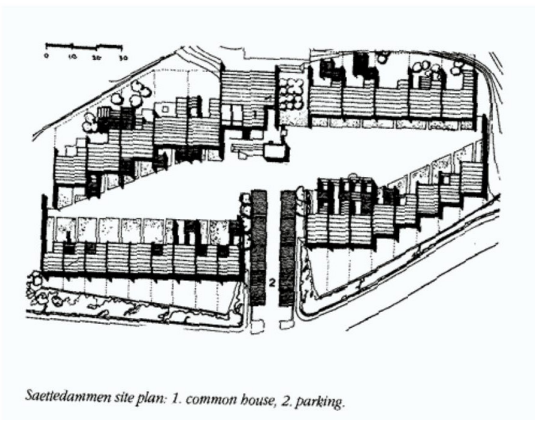


Além disso, a comunidade dispõe de amplos espaços ao ar livre, incluindo áreas de lazer, jardins e hortas comunitárias, promovendo a interação social e a sustentabilidade. A gestão de Sættedammen é baseada em princípios de autogestão e participação ativa dos moradores, refletindo o compromisso com a convivência harmoniosa e a responsabilidade compartilhada.

Sættedammen serve como modelo para outras iniciativas de cohousing, demonstrando os benefícios de uma vida comunitária planeada e participativa.







Saettedammen site plan: 1. common house, 2. parking.

CE-11

Nonbo Hede

Localização

Viborg, Dinamarca

Ano

1976

Arquitetos/Fundadores

Theo Bjerg e Palle Dyreborg

Nº de Residentes

Variável
(15 casas)

Principais Espaços Comuns

Cozinha comunitária
Lavandaria
Ateliers
Jardim
Espaços de lazer

O projeto é composto por 15 casas unifamiliares, com áreas que variam entre 85 e 143 metros quadrados, e as residências apresentam diferentes disposições internas adaptadas às necessidades dos moradores. A comunidade também conta com espaços comuns, incluindo dois edifícios comunitários. O grande edifício comunitário dispõe de uma sala de jantar/cozinha espaçosa com capacidade para 60 pessoas, uma sala de TV e leitura, uma sala de bilhar, uma grande sala de jogos com mesa de pingue-pongue e quatro quartos para jovens. O pequeno edifício comunitário contém uma lavanderia equipada com três máquinas de lavar, secadora, estendal elétrico, sala de secagem e dois ateliers.

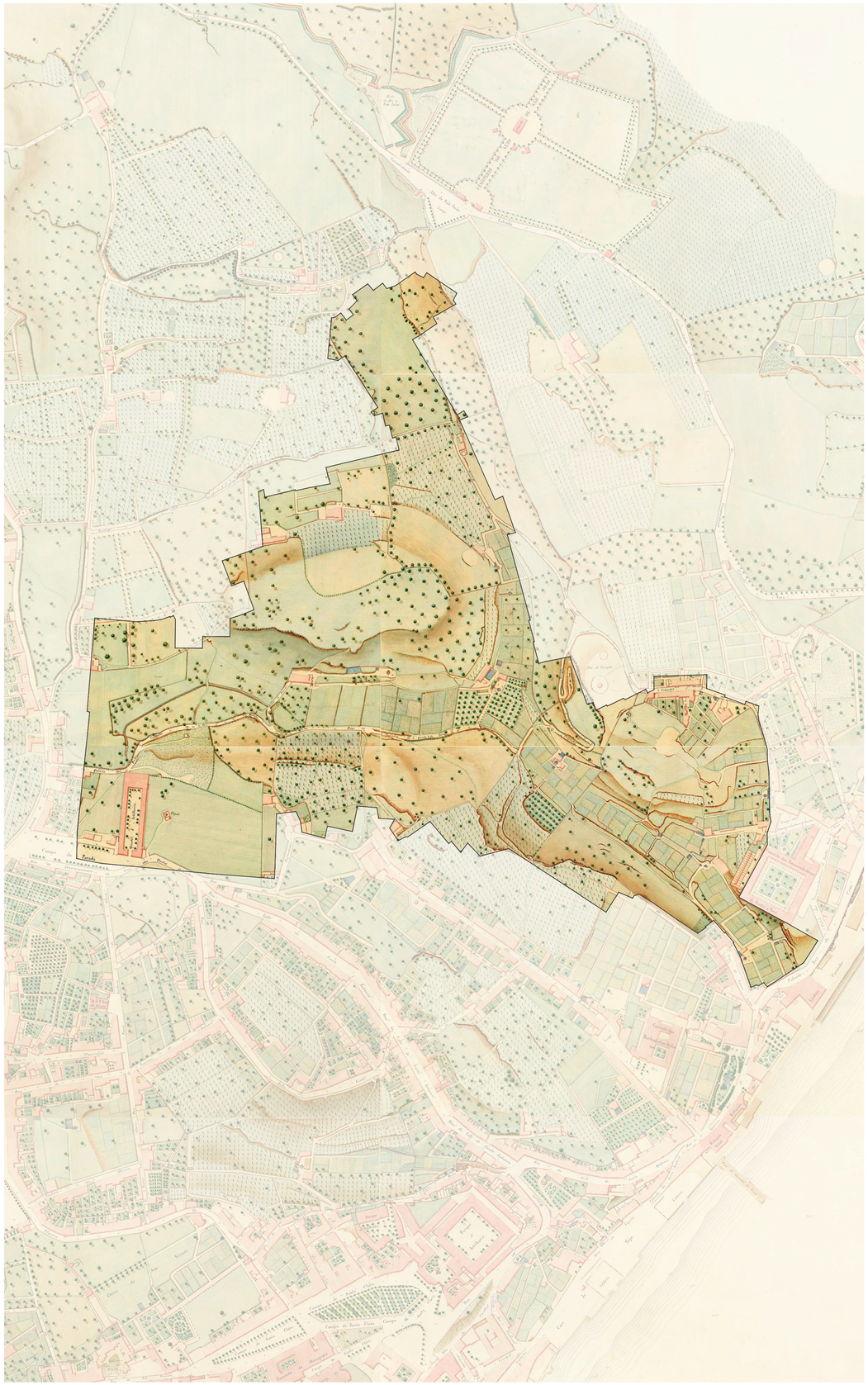
Além disso, a comunidade oferece áreas ao ar livre, como um prado comum com gramíneas e flores silvestres, um grande jardim comunitário com ervas perenes e plantas perenes, um pomar com macieiras, um playground, e pequenos jardins privados para cada uma das 15 propriedades, onde predominam bulbos e flores de primavera.



A comunidade promove valores de convivência, sustentabilidade e participação ativa dos moradores na gestão e organização do espaço, refletindo os princípios fundamentais do cohousing. Nonbo Hede continua a ser um exemplo de como a vida comunitária pode ser planeada para promover tanto o bem-estar individual quanto coletivo.



Painéis Finais



CARTA HISTÓRICA



PROPOSTA SÍNTESE



FIVE FINGER PLAN, DINAMARCA, 1947





NIEUW ZUID
ANTUÉRPIA, BÉLGICA | TRIPLE LIVING





WEIHERPARK EPPINGEN
EPPINGEN, ALEMANHA | PLANORAMA LANDSCHAFTSARCHITEKTUR





MIDDLE PADER SPRINGS AREA
PADERBORN, ALEMANHA | WES LANDSCAPE ARCHITECTURE

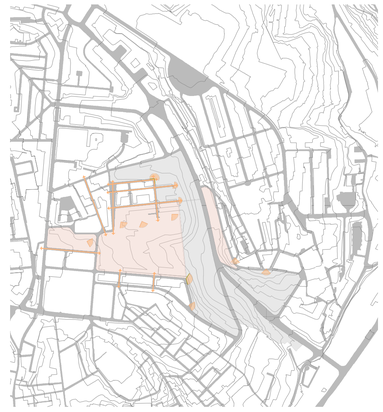
CASOS DE REFERÊNCIA



PROPOSTO
- HORTAS
- ESPAÇO VERDE PÚBLICO
- ESPAÇO VERDE PRIVADO
- PARQUE URBANO

EXISTENTE
- HORTAS
- ESPAÇO VERDE PÚBLICO
- ESPAÇO VERDE PRIVADO

ÁREAS VERDES



- ENFIAMENTOS
- VISTAS PANORÂMICAS
- ENFIAMENTOS VISUAIS FECHADOS | RELAÇÃO COM O RIO
- ENFIAMENTOS VISUAIS FECHADOS | RELAÇÃO COM O VALE

SISTEMA DE VISTAS E ENFIAMENTOS



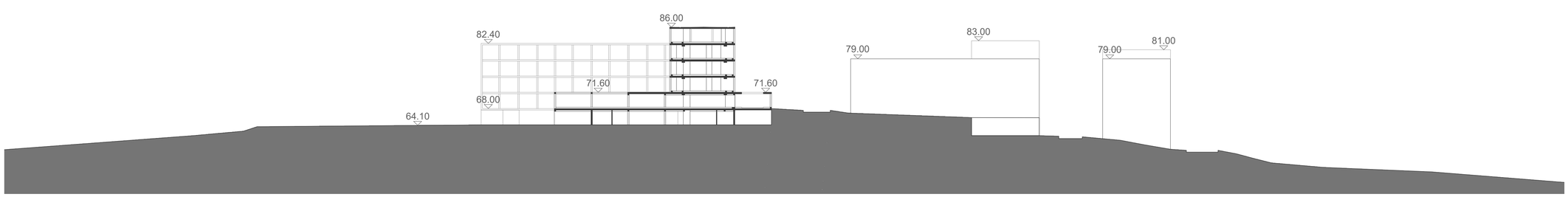
- PERCURSO PEDONAL
- PERCURSOS AUTOCARRO
- PARAGENS AUTOCARRO EXISTENTES
- PARAGENS AUTOCARRO PROPOSTAS
- LINHA COMBOIO
- CICLOVIA EXISTENTE
- CICLOVIA PROPOSTA

CONECTIVIDADE E MOBILIDADE

PLANTA GERAL VALE



PLANTA GERAL



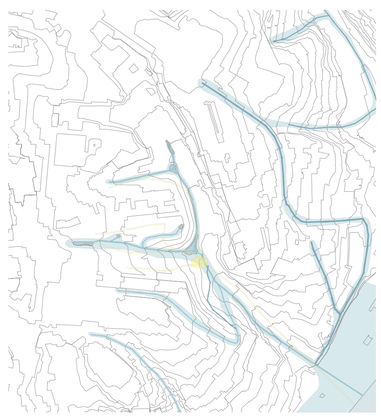
CORTE AA'



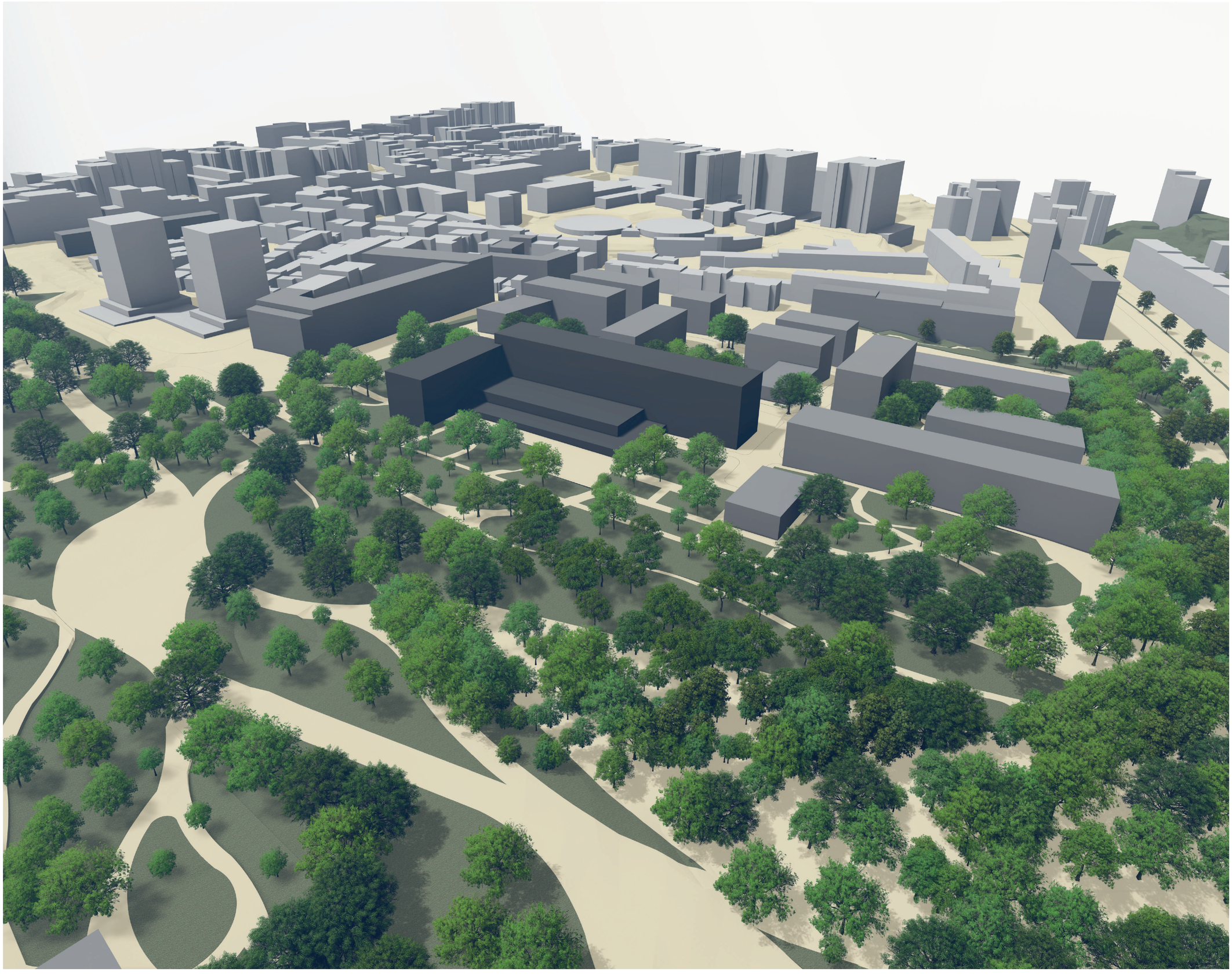
GESTÃO HÍDRICA
PORMENOR ALTO DA EIRA



GESTÃO HÍDRICA
INTEGRAÇÃO NO SISTEMA HÚMIDO



SISTEMA HÚMIDO



VISTA DE CONJUNTO DO VALE



REFORMULAÇÃO AV. MOUZINHO DE ALBUQUERQUE



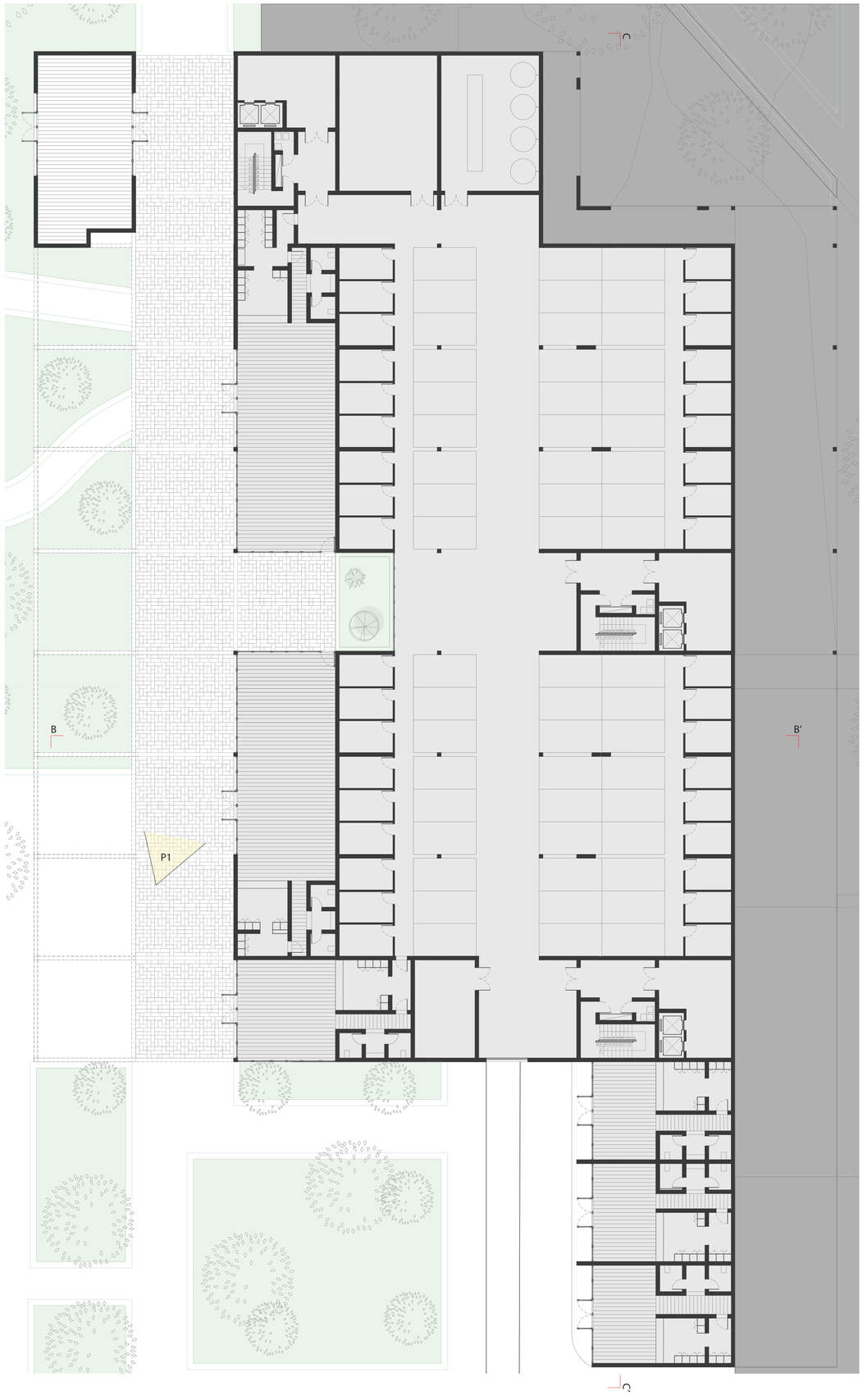
USO DO EDIFICADO

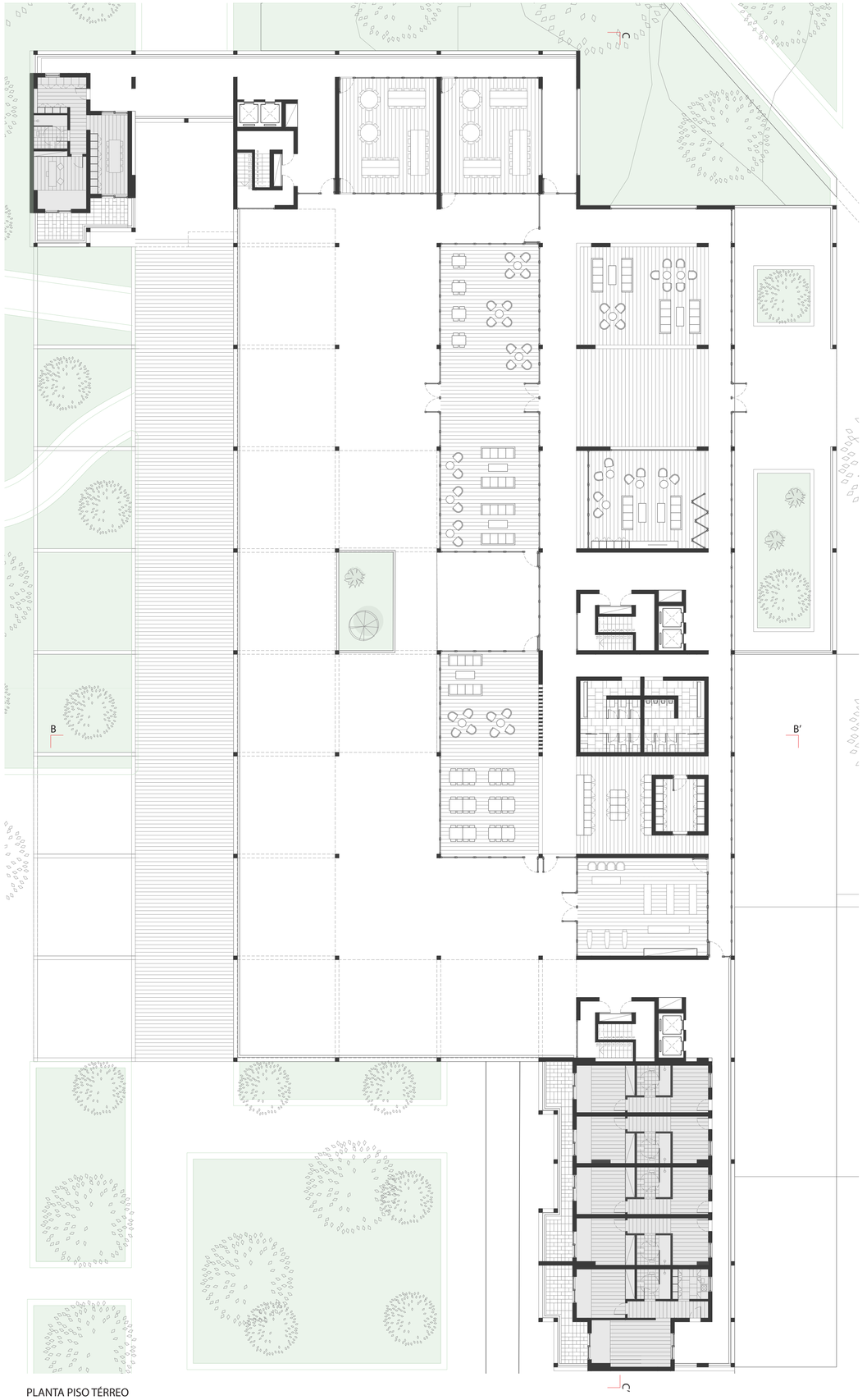


COLMATAÇÃO E CONTINUIDADE

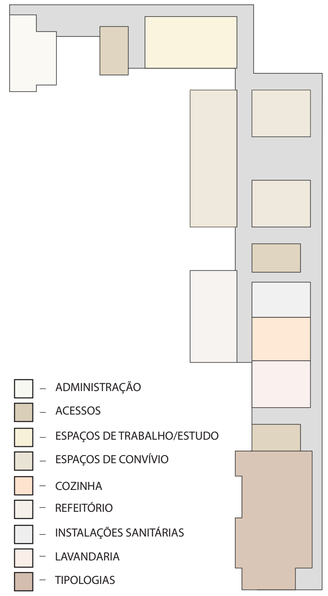


ZONAS DE ENCONTRO

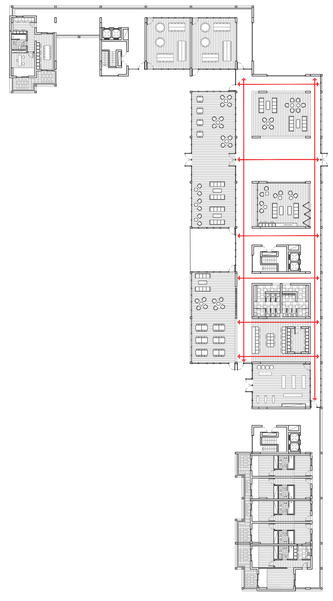




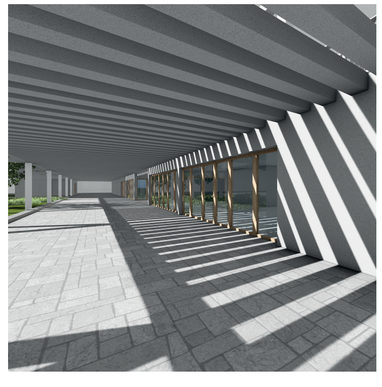
PLANTA PISO TÉRREO



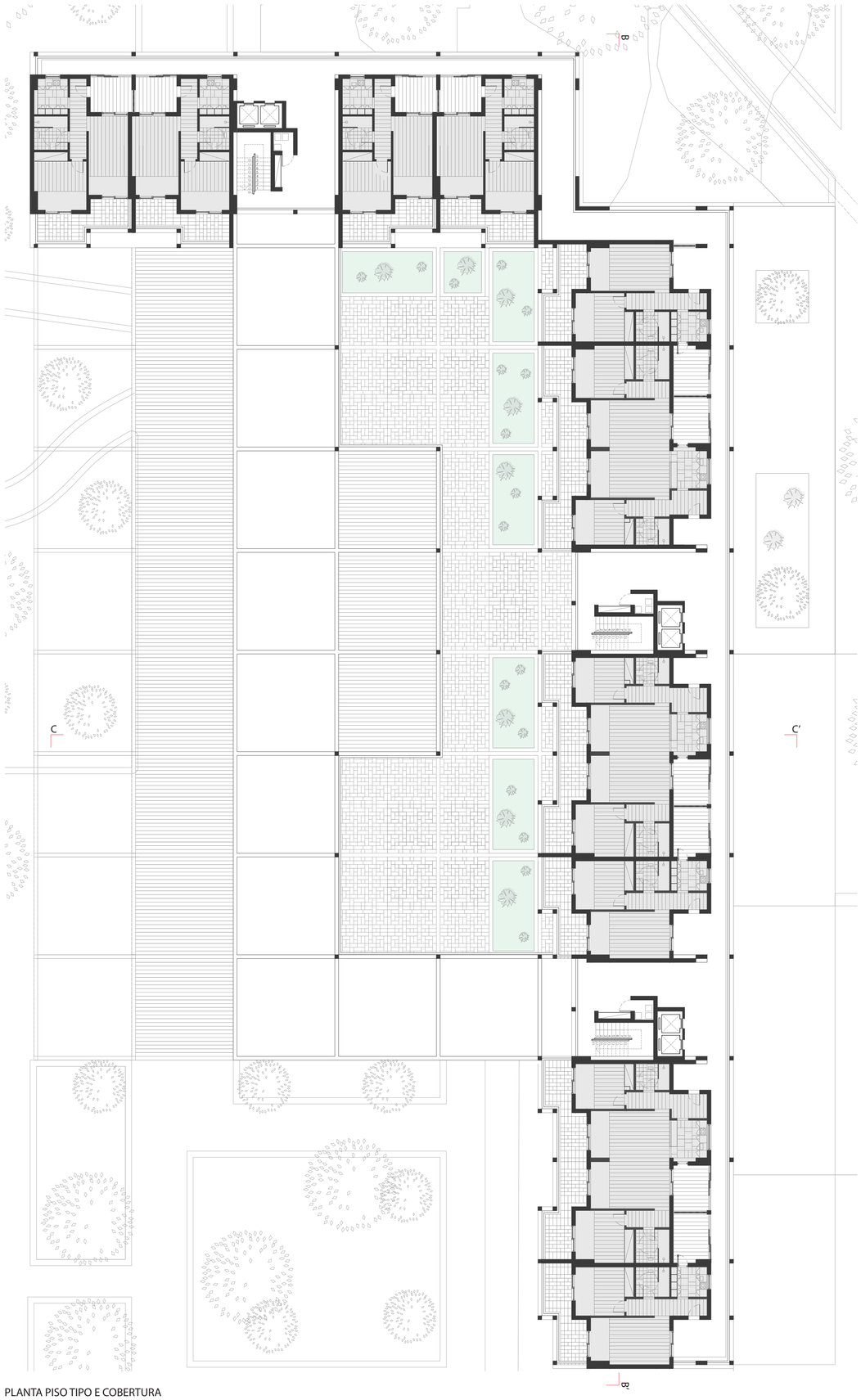
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL



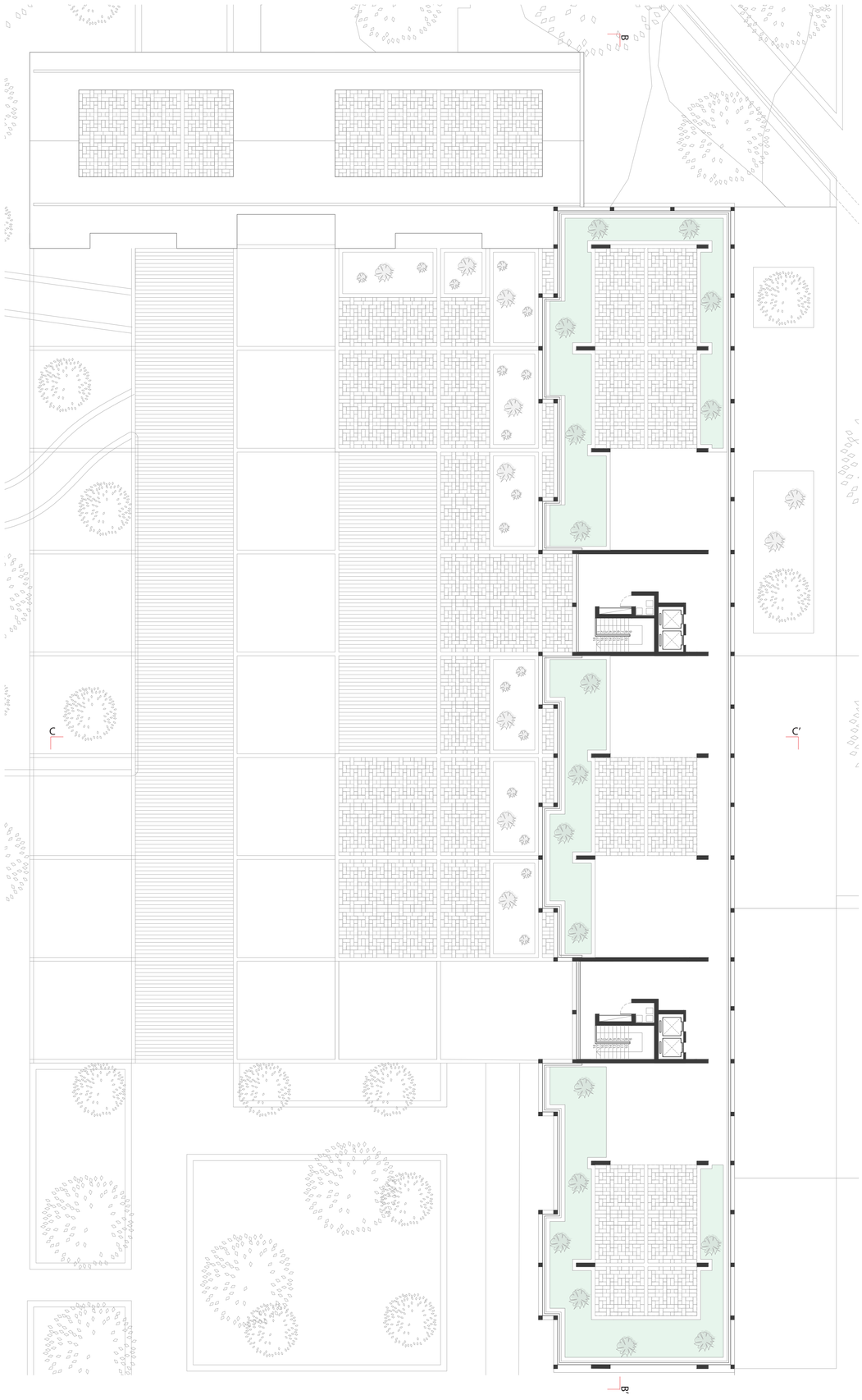
FLUXO DE INTERAÇÃO

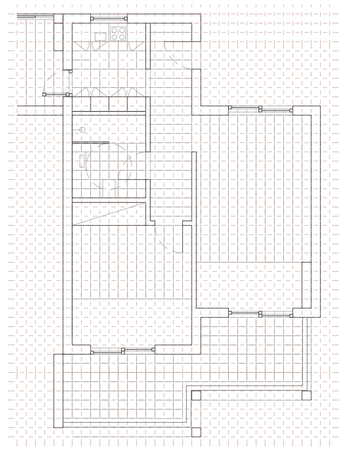


PERSPETIVA P1 - ZONA COMÉRCIO



PLANTA PISO TIPO E COBERTURA





MATRIZ DE DESENHO



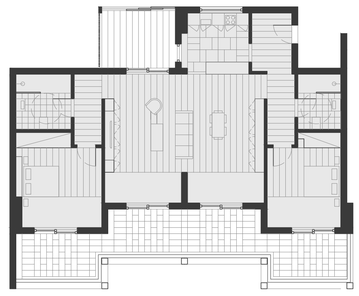
TIPOLOGIA T1 (1)

SALA - 10.10 m²
QUARTO - 15.20 m²
WC - 6.40 m²



TIPOLOGIA T1 (2)

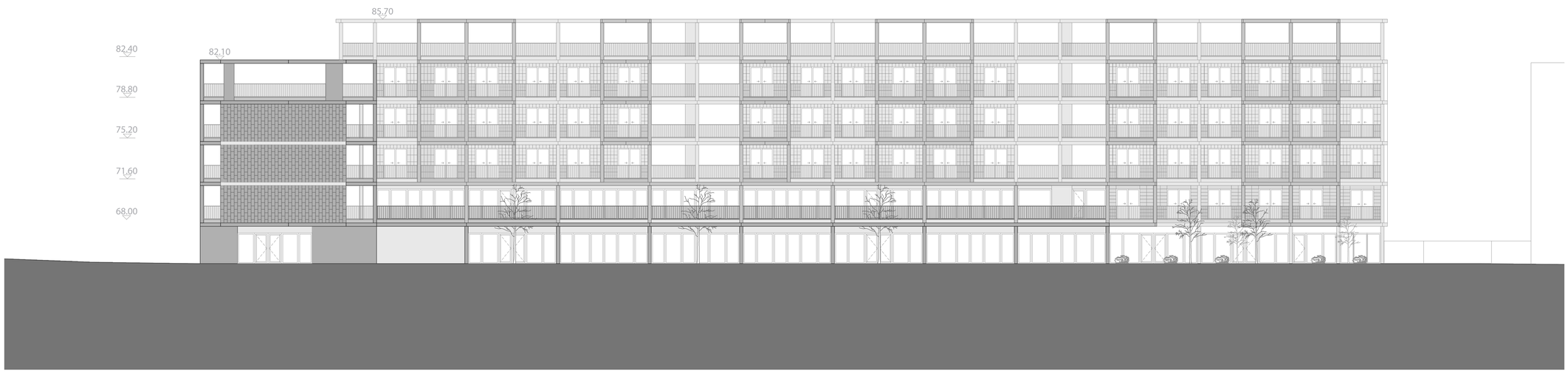
SALA - 22.60 m²
QUARTO - 15.20 m²
WC - 6.40 m²
COZINHA - 6.48 m²
VARANDA - 19.20 m²



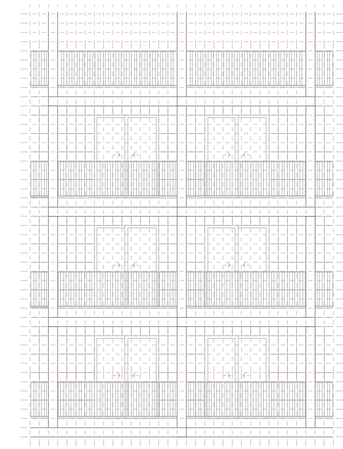
TIPOLOGIA T2

SALA - 47 m²
QUARTO - 15.20 m²
WC - 6.40 m²
COZINHA - 7.70 m²
VARANDA - 39 m²

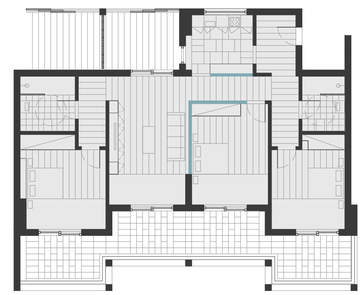
VARIAÇÕES TIPOLÓGICAS E RESPETIVAS ÁREAS

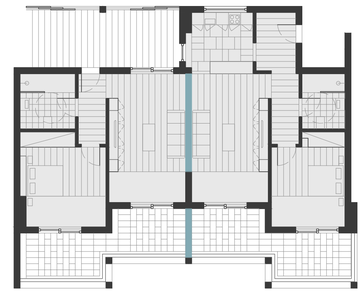


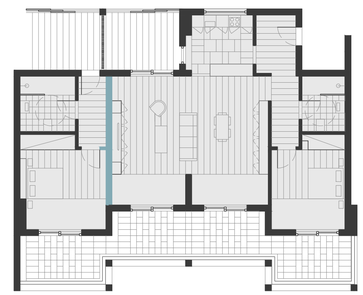
ALÇADO SUL



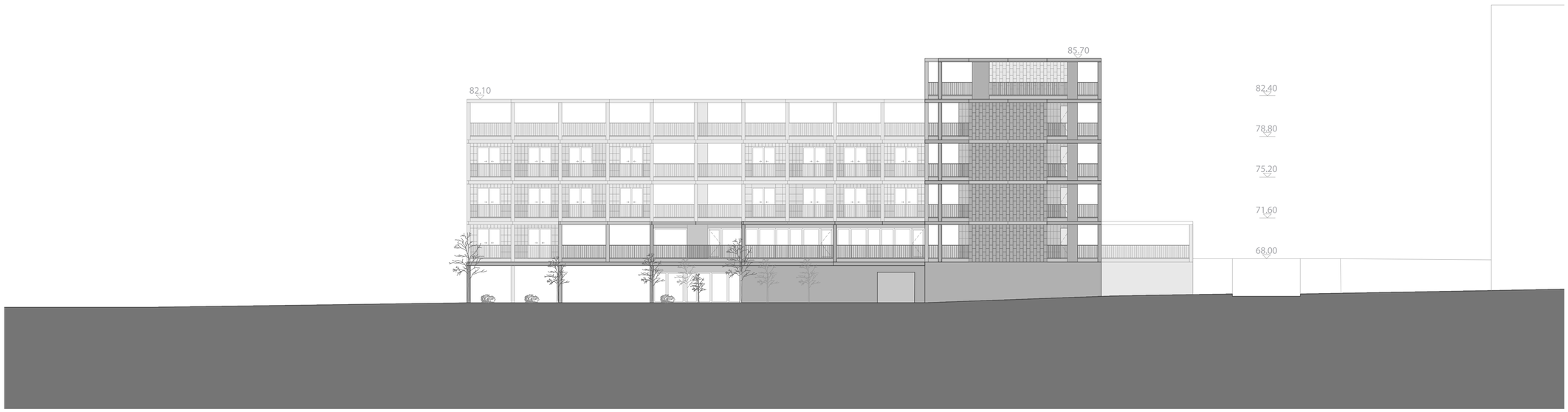
MATRIZ DE DESENHO







VARIAÇÕES TIPOLÓGICAS - TIPOLOGIA T2



ALÇADO ESTE

CORTES E ALÇADOS

MESTRADO EM ARQUITETURA / PROJECTO INTEGRADO III
2024 - 2025 / 5º ANO / PROFESSOR NUNO MATEUS / PROFESSORA LJILJANA ČAVIĆ

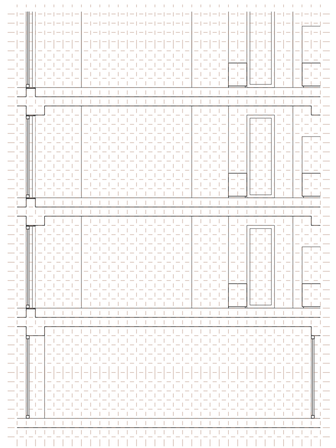
VALE DE SANTO ANTÓNIO | CIDADE PAISAGEM
ARQUITETÓNICA 03

PEDRO BAPTISTA

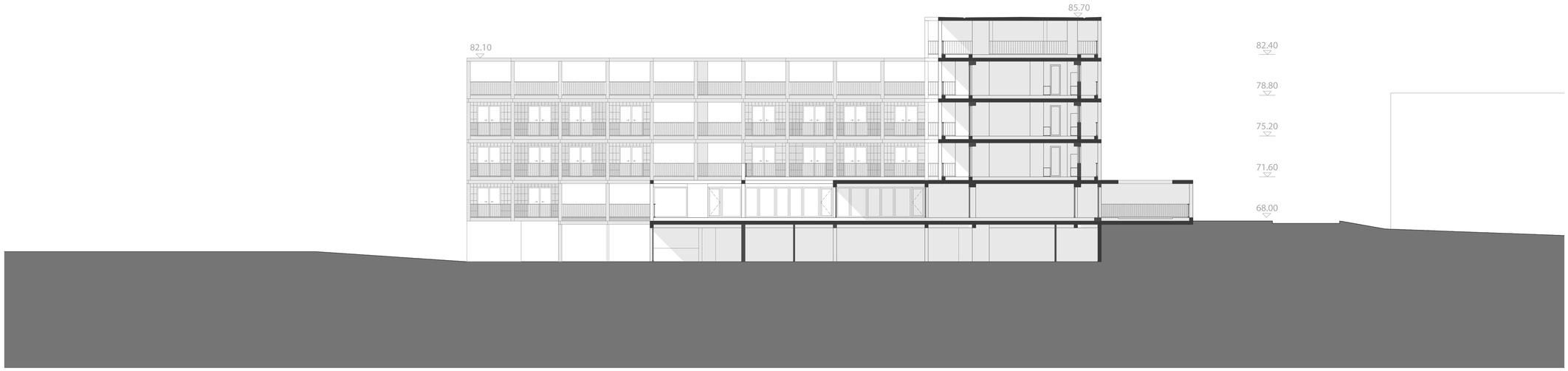
ESCALA 1/200 *07*



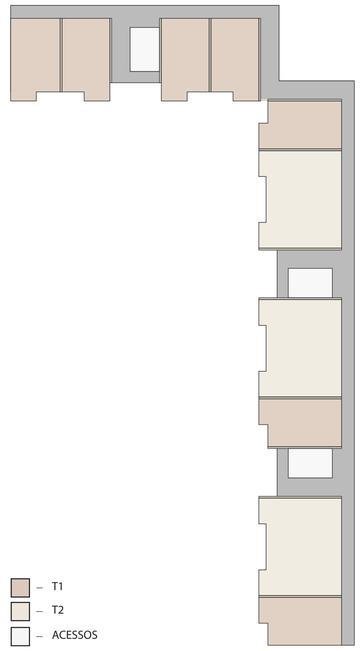
CORTE BB'



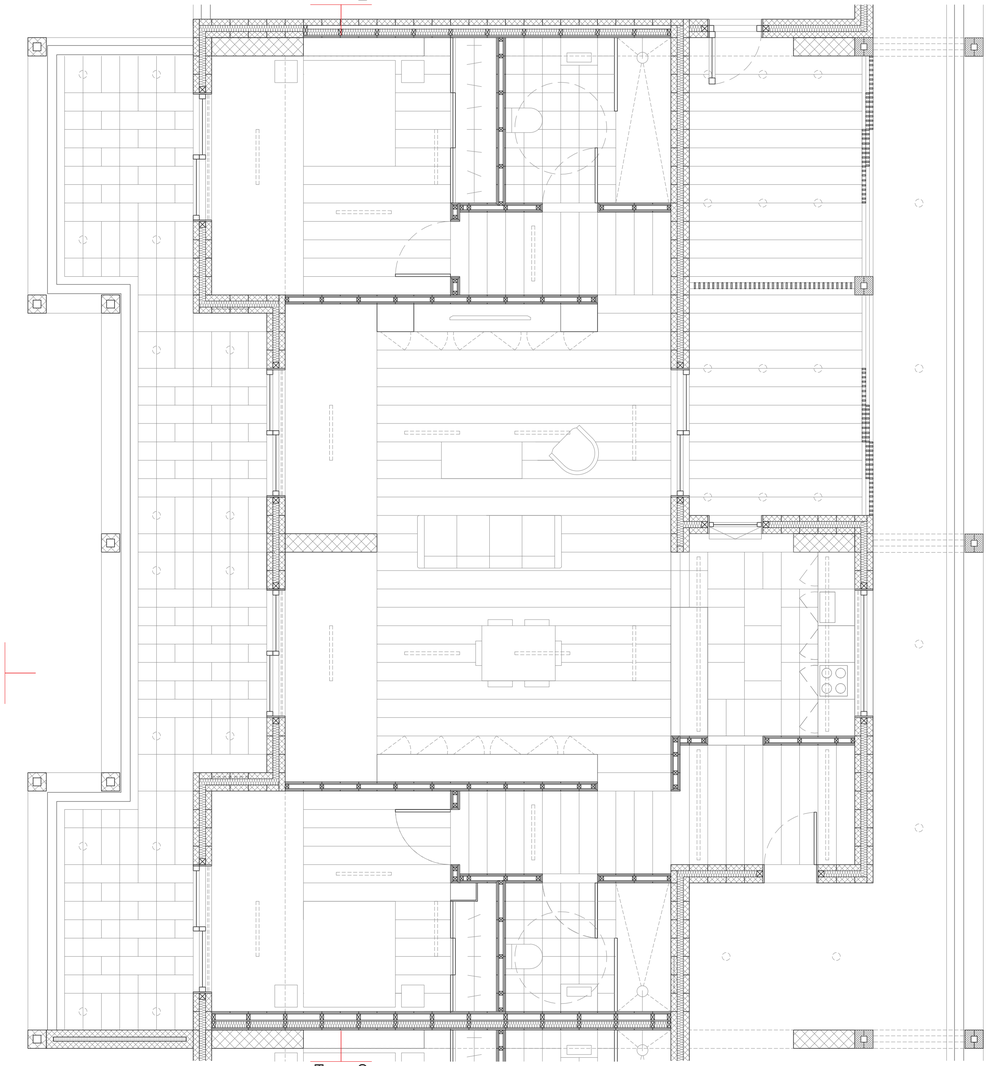
MATRIZ DE DESENHO



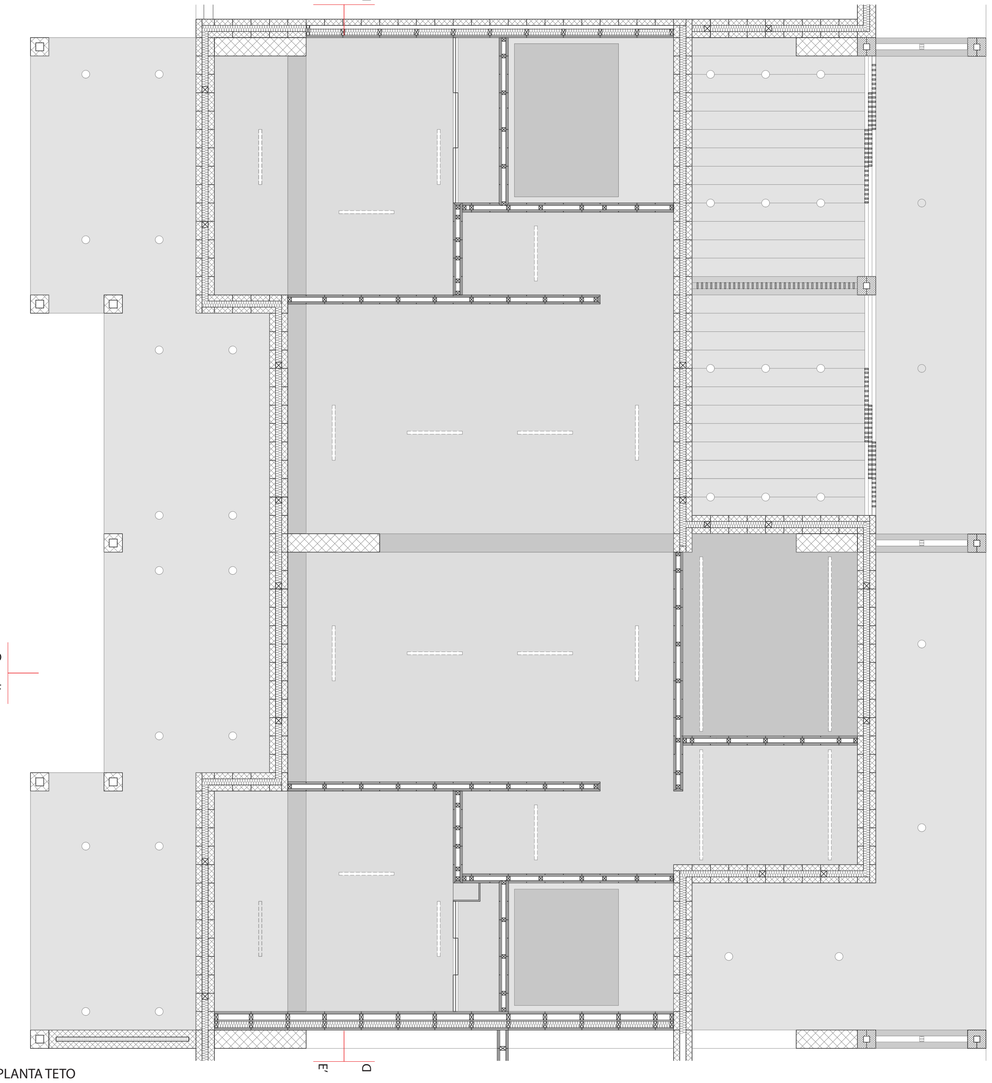
CORTE CC'



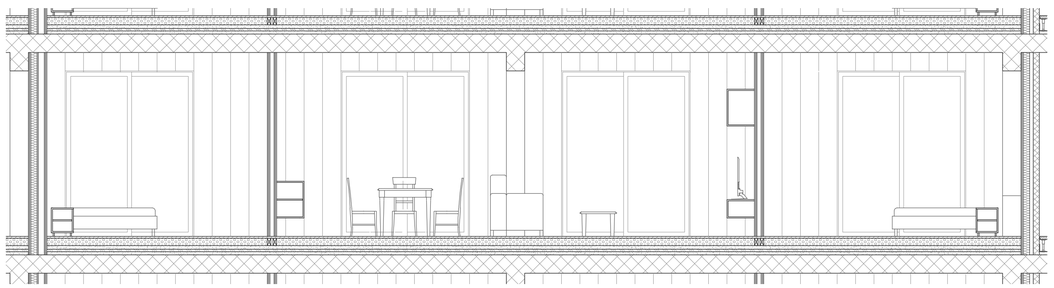
DISTRIBUIÇÃO TIPOLÓGICA



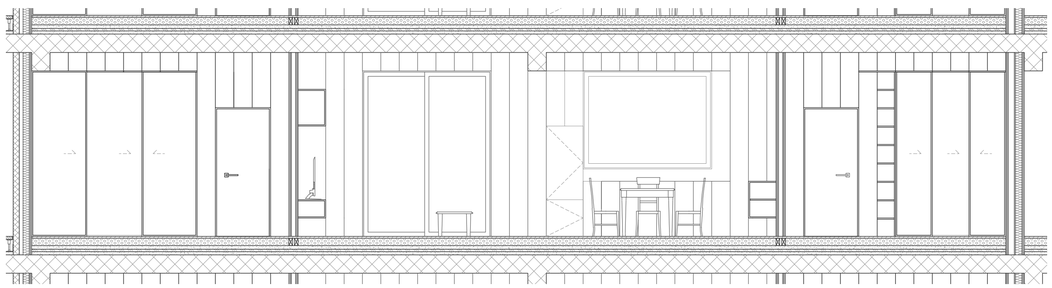
PLANTA PISO



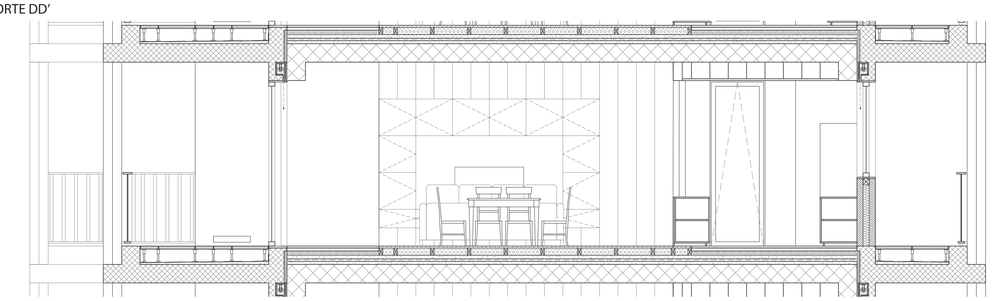
PLANTA TETO



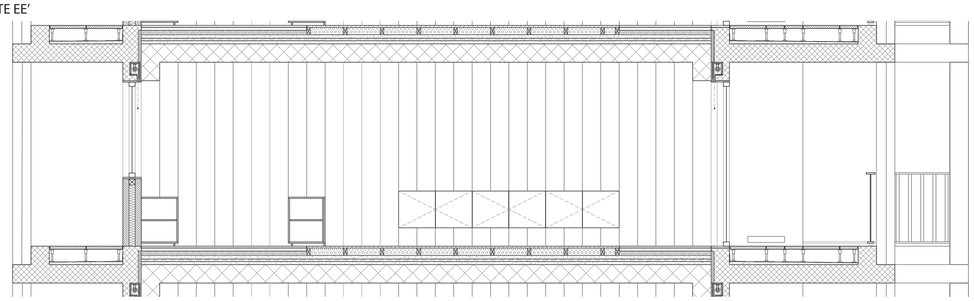
CORTE DD'



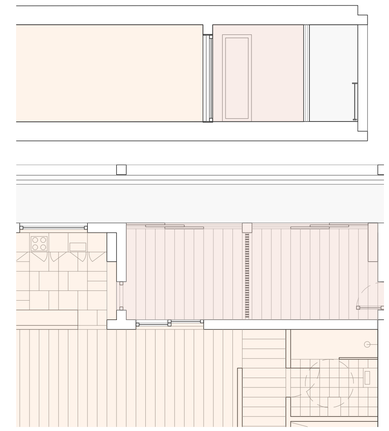
CORTE EE'



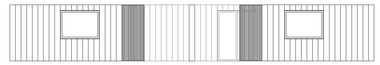
CORTE FF'



CORTE GG'



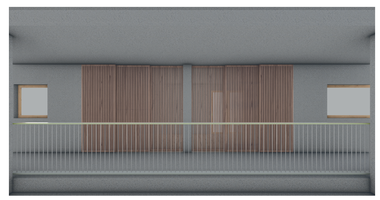
SEPARAÇÃO PÚBLICO-PRIVADO



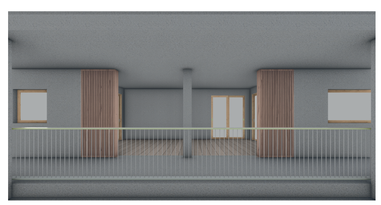
ALÇADO ABERTO



ALÇADO FECHADO



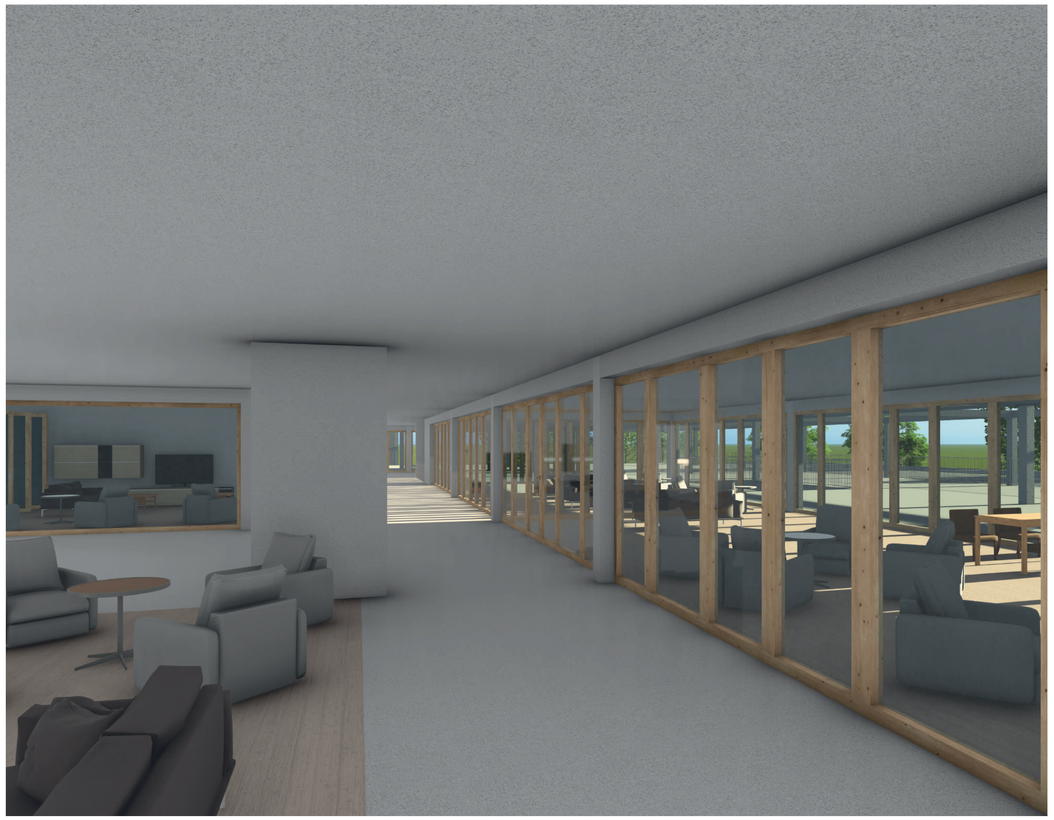
PERSPETIVA ALÇADO "FECHADO"



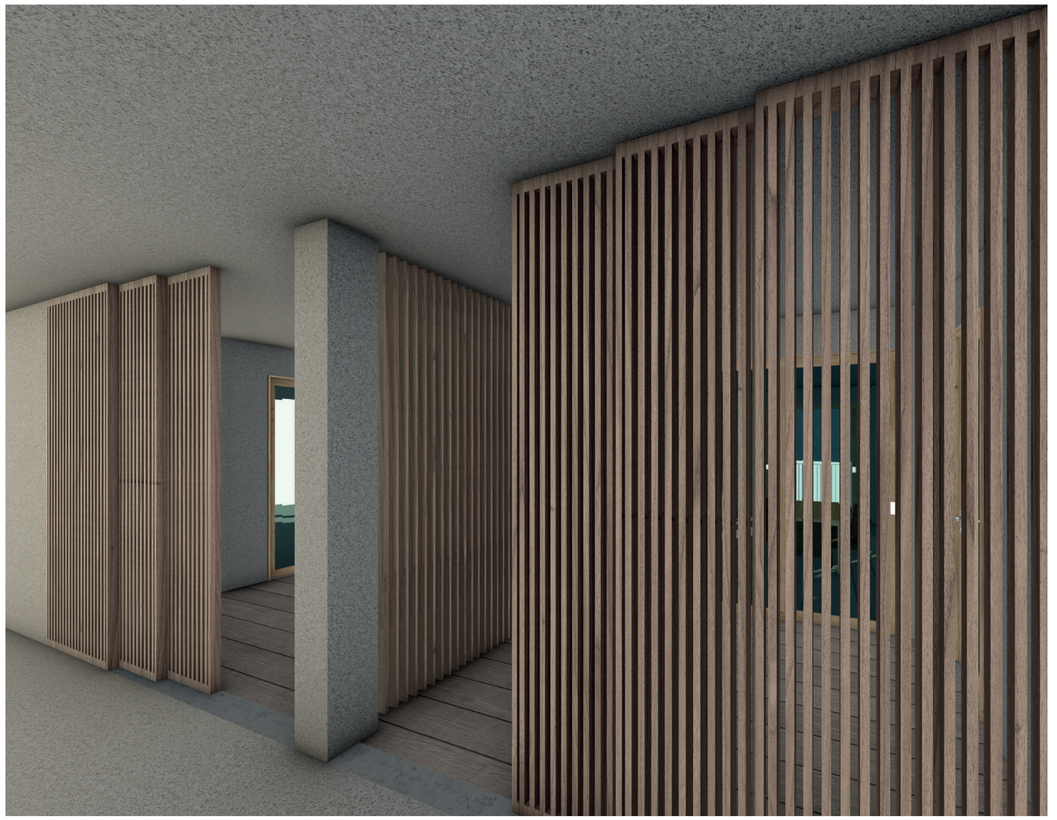
PERSPETIVA ALÇADO "ABERTO"



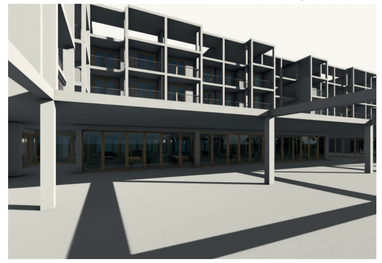
VISTA GERAL ARQUITETÓNICA



PERSPETIVA ESPAÇOS DE CONVÍVIO



PERSPETIVA ESPAÇO SOCIAL EXTERIOR ÀS TIPOLOGIAS



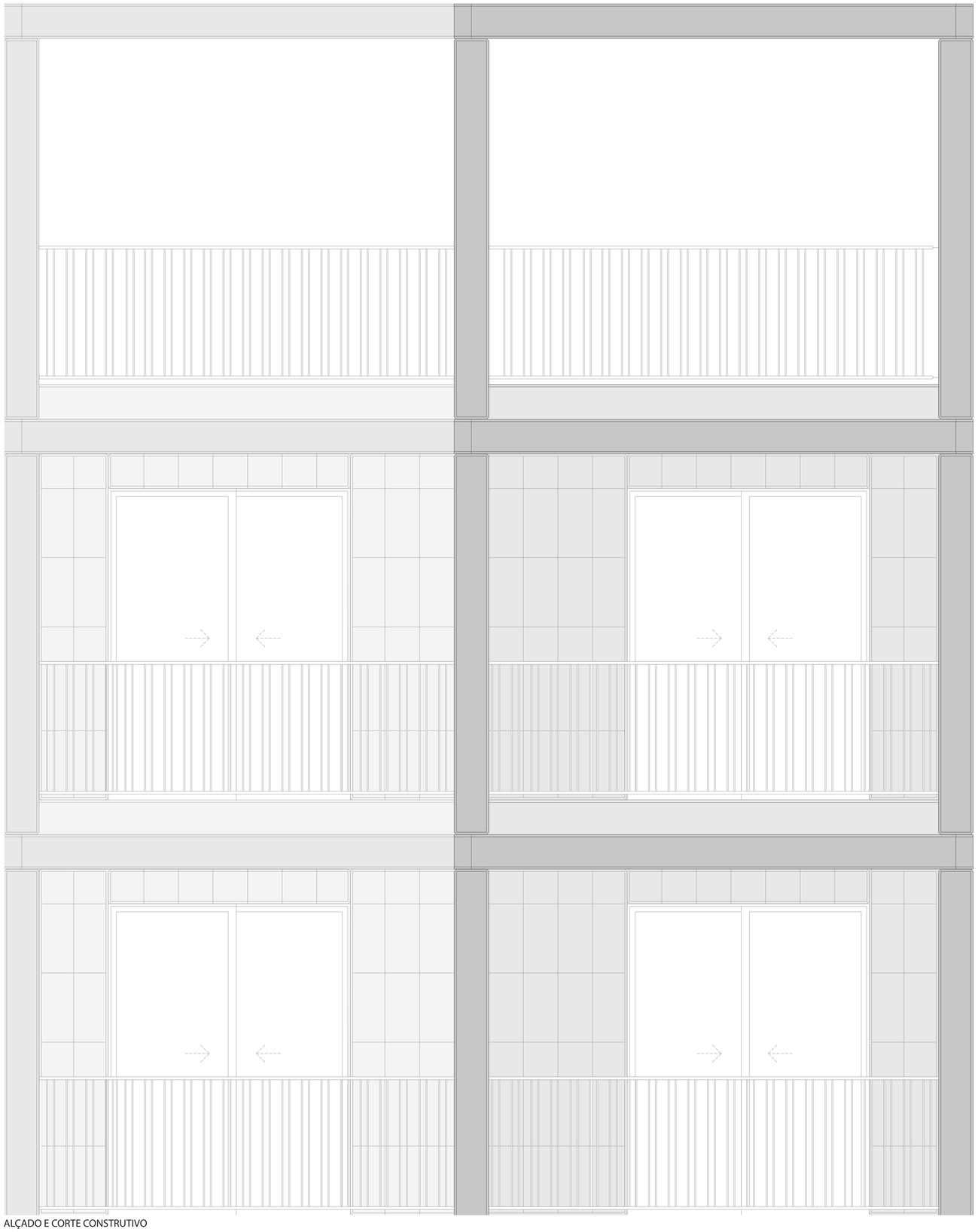
PERSPETIVA PÁTIO EXTERIOR



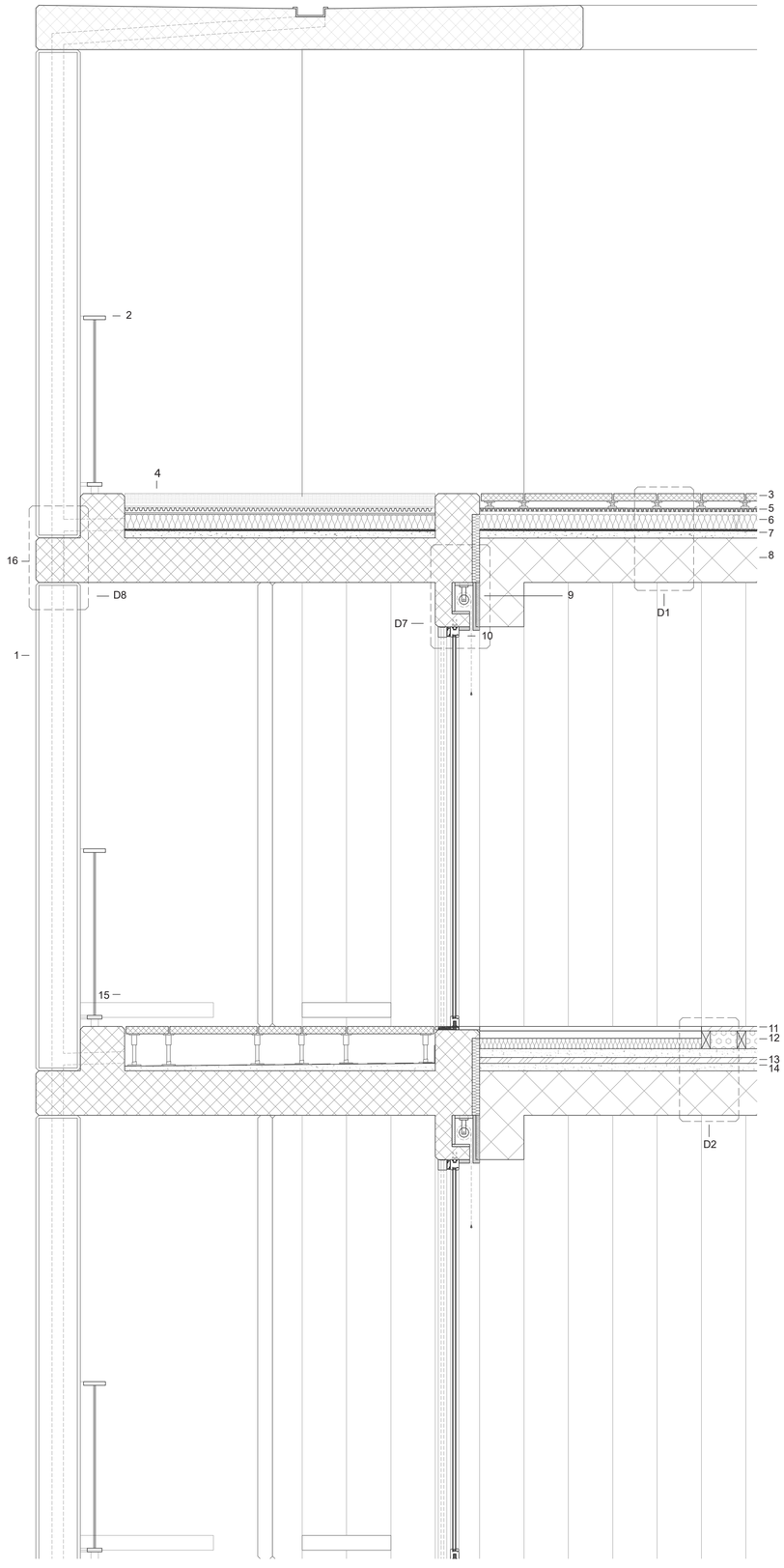
PERSPETIVA SALA T2

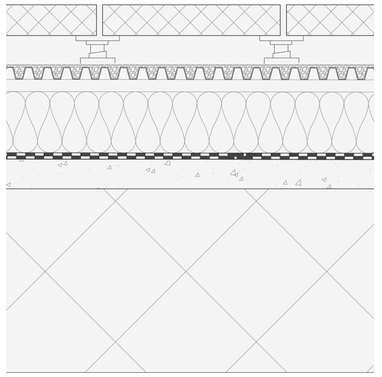


PERSPETIVA QUARTO

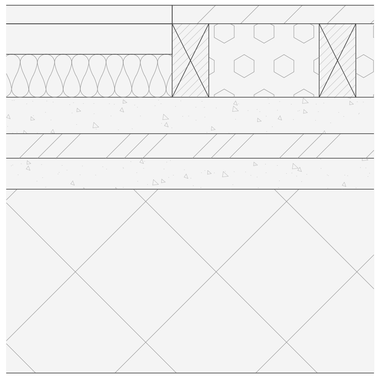


ALÇADO E CORTE CONSTRUTIVO

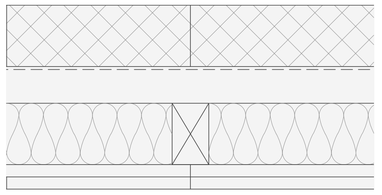




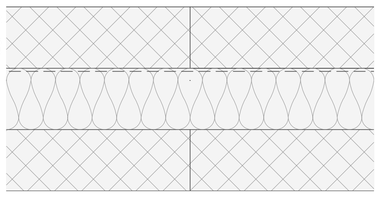
D1 - LAJE COBERTURA TIPO



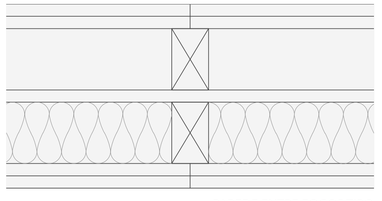
D2 - LAJE INTERIOR TIPO



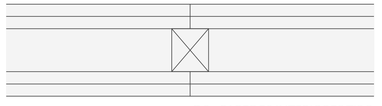
D3 - PAREDE EXTERIOR TIPO



D4 - PAREDE EXTERIOR TIPO



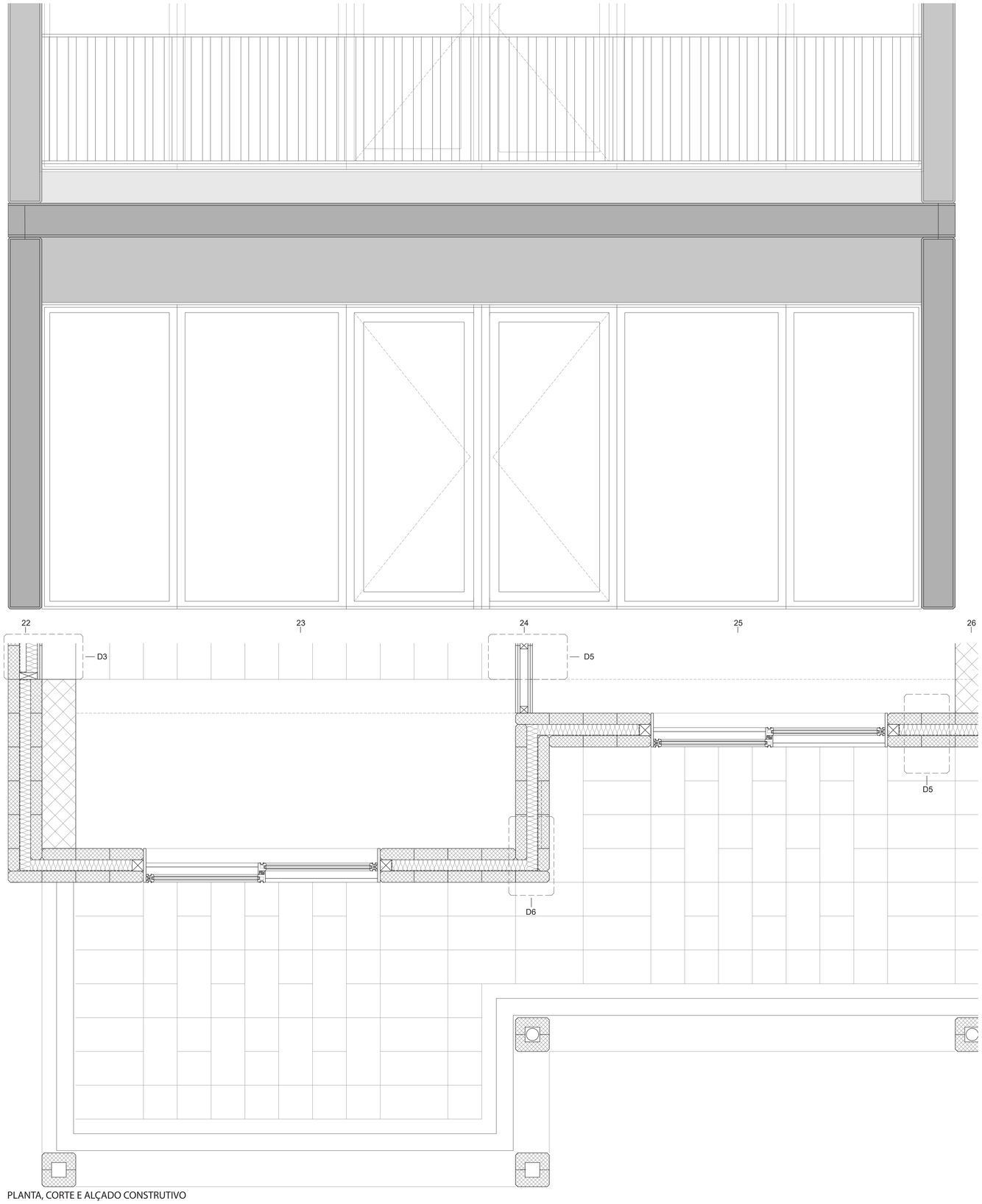
PAREDE ENTRE FOGOS TIPO



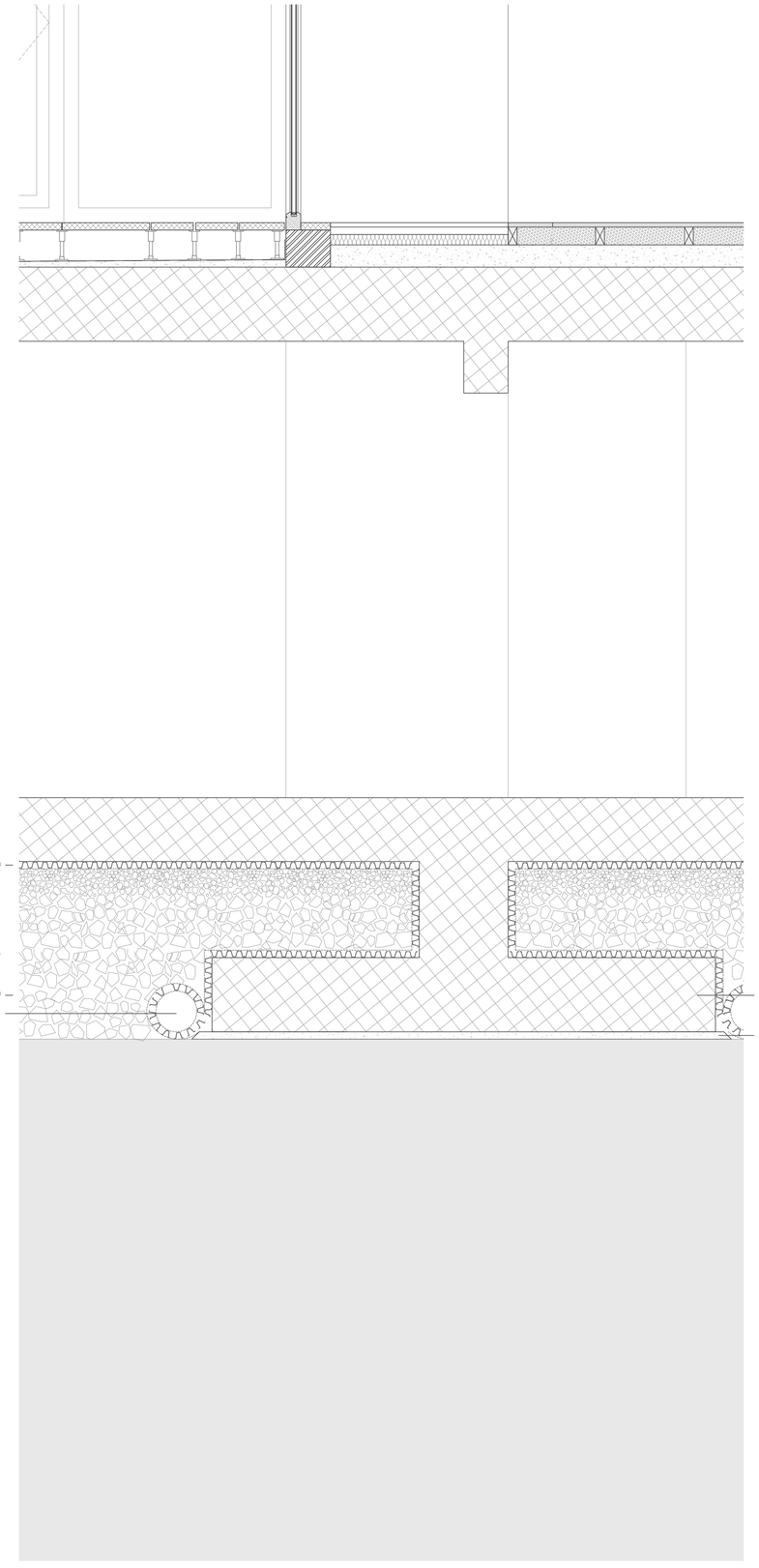
D5 - PAREDES INTERIORES TIPO

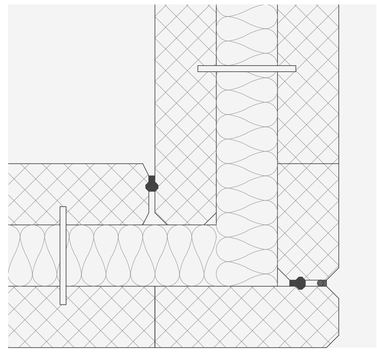
1- PEÇA DE FACHADA EM BETÃO PRÉ-FABRICADO | 2- GUARDA METÁLICA | 3- PAVIMENTO EXTERIOR EM LAJETAS DE BETÃO PRÉ FABRICADO, SOBRE ESTRUTURA EM PVC AJUSTÁVEL, TIPO PROFILPAS DUO MAX OU EQUIVALENTE | 4-SUBESTRATO VEGETAL | 5- CAMADA DRENANTE | 6- ISOLAMENTO TÉRMICO-ACÚSTICO DE POLIESTIRENO EXTRUDIDO, TIPO DANOPREN FS-P OU EQUIVALENTE | 7- CAMADA DE REGULARIZAÇÃO | 8- LAJE BETÃO ARMADO | 9- BLACK-OUT EM ROLO EM CAIXA DE MADEIRA MACIÇA, TIPO CONTROSOL INTÉGRO OU EQUIVALENTE | 10- CAIXILHARIA EM MADEIRA, COM PORTAS DE ABRIR DESLIZANTES, COM VÃO ENVIDRAÇADO COM VIDRO DUPLO, TIPO NATURO 68| 11- PAVIMENTO INTERIOR DE MADEIRA TIPO DINESEN DOUGLAS OU EQUIVALENTE | 12- ISOLAMENTO EM GRANULADO DE CORTIÇA | 13- BORRACHA DE ISOLAMENTO ACÚSTICO, TIPO ROTHOBLAAS GRANULO STRIPE OU EQUIVALENTE | 14- CAMADA DE ASSENTAMENTO | 15- ILUMINAÇÃO EXTERIOR, TIPO GHOST SIMES GHOST LINEAR L 810 | 16- LAJE EM BETÃO PRÉ FABRICADO

NÓS CONSTRUTIVOS GERAIS
ESCALA 1/5

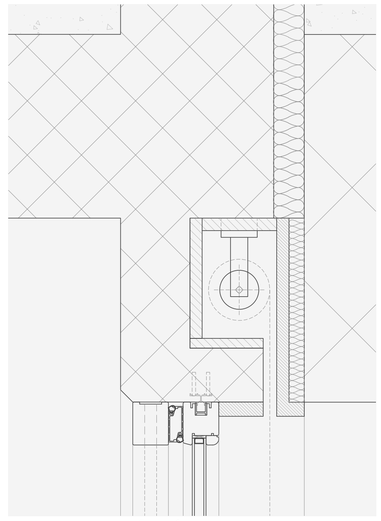


PLANTA, CORTE E ALÇADO CONSTRUTIVO

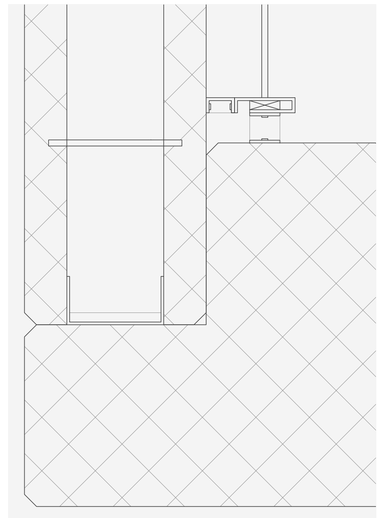




PAREDE EXTERIOR DE CANTO



ENCONTRO DO BETÃO PRÉ-FRABRICADO COM O BLACK OUT
E COM A CAIXILHARIA



ENCONTRO ENTRE A LAJE E A PEÇA DE FACHADA EM BETÃO
PRÉ-FABRICADO, COM A GUARDA METÁLICA

17- FUNDAÇÃO EM BETÃO ARMADO |18- CAMADA DE ASSENTAMENTO | 19 - CAMADA DE DRENAGEM | 20- ENROCAMENTO | 21- TUBO DE DRENAGEM EM PVC | 22- PAREDE EXTERIOR EM BETÃO PRÉ FABRICADO, COM ISOLAMENTO DE LÃ MINERAL | 23- PAVIMENTO INTERIOR DE MADEIRA TIPO DINESEN DOUGLAS OU EQUIVALENTE | 24- DIVISÓRIA INTERIOR EM PAINÉIS DE MADEIRA SEM ISOLAMENTO | 25- PAVIMENTO INTERIOR EM BETÃO | 26- PILAR EM BETÃO ARMADO | 27- DIVISÓRIA EXTERIOR EM BETÃO PRÉ FABRICADO, COM ISOLAMENTO DE LÃ MINERAL

NÓS CONSTRUTIVOS EXCECIONAIS
ESCALA 1/5